Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23190 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUINTA-FEIRA 1 MARÇO 90 60$00

Usa o cérebro!

Os estudantes italianos contestam de novo

Os estudantes italianos estão em luta desde Dezembro, contra a aprovação de uma lei que permite a entrada de capitais privados na universidade estatal. Uma convenção nacional reunida em Florença entra hoje no terceiro dia de discussão. Até agora, os estudantes discutiram sobretudo os métodos de votação. Assim, no fim da manhã de ontem, foi aprovada uma moção apresentada pelos delegados de Palermo e subscrita por 20 universidades, abrindo os trabalhos da assembleia a todos aqueles que queiram assistir, apesar do direito de voto e intervenção permanecer limitado aos representantes credenciados. É que aquilo que se discute é nem mais nem menos do que a exigência da demissão do ministro da Universidade e a retirada do projecto-lei por ele patrocinado, e isto quando se erguem já vozes acusando os contestatários de terem infiltrações terroristas, ou, de acordo com velhos argumentos, de "quererem impedir os jovens de estudar".

Num movimento que reivindica que se use o cérebro, e se afirma liberto de estereótipos políticos, as questões organizativas assumem grande importância - e a convenção discute dois documentos de sinal contrário: um, apresentado pelos estudantes florentinos, que pressiona a assembleia para que seja discutida uma Carta dos Direitos dos Estudantes e pede a criação de uma estrutura estável do movimento; outro , apresentado pelos universitários de Palermo, rejeita a Carta dos Estudantes e também a ideia de uma estrutura organizativa do movimento, preferindo uma simples rede de ligação entre as universidades. Devido à lentidão com que decorrem os trabalhos, já foi posta a hipótese de prolongar a assembleia até sábado. **Págs. 2 e 3**

Manuel Monteiro ao DL

Abecasis à Presidência

Abecasis é «o candidato próprio» do CDS a Belém , o que está melhor colocado e justifica todos os esforços dos centristas, disse ao DL Manuel Monteiro. Estas declarações surgem depois de o antigo presidente da Câmara Lisboa ter declarado que «não tenciona deixar a direita entregue a Soares» e aparecem em simultâneo com a possibilidade de Freitas do Amaral desistir da liderança do CDS, por não ter alcançado o desejado apoio de dois terços dos delegados. **Pág. 7**

O caso do camião-bomba

A culpa morre solteira?

Foram infrutíferos os vários contactos empreendidos pelo DL no sentido de apurar quem foi o responsável pelo carregamento do contentor que ontem explodiu em Santa Apolónia, provocando um morto e três feridos e semeando destruição na zona. Nem o motorista nem o agente transitário assumem culpas no acidente e a única verdade segura é que há legislação regulamentando o transporte de cargas consideradas perigosas, legislação que, obviamente, não foi cumprida, deixando agora a nu a benévola vigilância que (não) é exercida . Do acidente resultou um morto, já identificado: António Eduardo Carvalho de Mariz Sarmento, 53 anos, despachante de alfândega. Quem assistiu confirma que só por sorte a tragédia não foi maior. Cabe aos investigadores provar que, em Portugal, a culpa não morre solteira **Págs. 12 e 13**

Francisco Paraíso

Droga, dinheiro e desporto

A segunda morte de Pierre de Coubertin

Aníbal Costa: "Dia a dia surgem novos medicamentos numa competição laboratorial inusitada"

Em Itália, os operários trabalham (e morrem) em ritmo acelerado, para o Mundial de futebol

Os princípios que levaram Pierre de Coubertin a avançar para o olimpismo estão mortos e enterrados: a mentira desportiva cerca os estádios e droga, dinheiro e violência dominam amplamente o desporto actual. O negócio está acima de tudo e não interessam os meios para se obterem as vitórias necessárias ao retorno dos investimentos realizados pelos patrões do jogo. As multinacionais farmacêuticas ganham aos laboratórios de controlo anti-doping e a violência é, tão só, o efeito das regras do desporto no limiar do século XX. **Págs. 16, 17 e 18**

Conselhos de Redacção perdem todos os poderes *Pág. 7*

Beatriz Costa auto-retrata-se *Pág. 4*

URSS: regresso ao arrendamento *Pág. 9*

«Apostei tudo nisto» - desabafo de Cândido Ferreira no DL *Pág. 22*

A universidade italiana vive momentos de grande agitação, com os estudantes a oporem-se frontalmente ao projecto de lei do ministro Ruberti, o qual pretende o financiamento do ensino superior pela iniciativa privada. O movimento estudantil considera que a entrada em vigor do referido projecto de lei afastaria o ensino das ciências humanas e transformaria as universidades em fábricas de licenciados moldados ao sabor das necessidades imediatas da indústria, como peões do jogo dos accionistas

«A pantera» ruge na universidade italiana

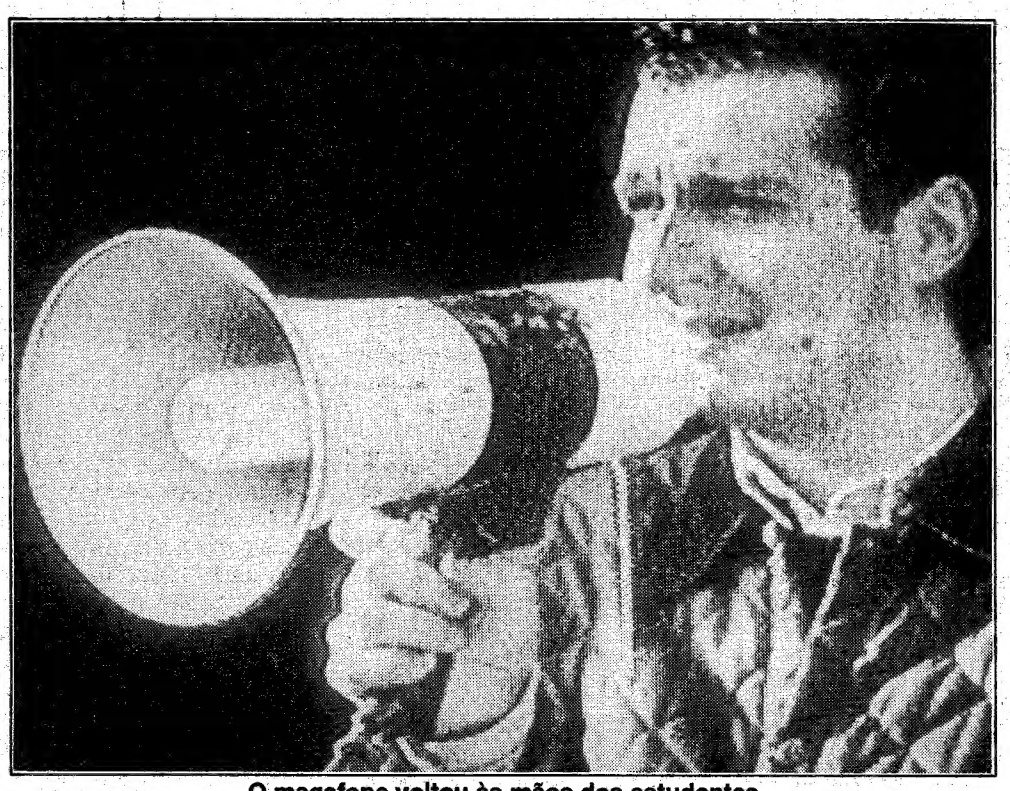
GRANDE ANGULAR

O movimento estudantil italiano, há mais de dois meses em luta contra a aprovação do projecto de lei apresentado pelo ministro da Universidade e da Investigação Científica Ruberti, chegou, nesta última semana de Fevereiro, ao ponto crucial. Após a ocupação de todas as Universidades de Norte a Sul do país, das imponentes manifestações um pouco por toda a parte e da firme rejeição do projecto de lei Ruberti, os estudantes, ameaçados com a anulação do ano académico por parte das autoridades, reuniu-se, desde segunda-feira passada, em Florença, para, uma convenção nacional, decidirem as próximas formas de luta ou a capitulação do movimento.

Na convenção, que decorre à porta fechada em dois pavilhões desportivos postos à disposição pela Câmara de Florença, 400 porta-vozes das 112 Faculdades ainda ocupadas discutem hoje a anulação do projecto de lei Ruberti, o pedido de demissão do ministro, o estabelecimento de uma plataforma comum que congregue todas as reivindicações apresentadas pelas diferentes Universidades e a abertura do movimento às outras realidades sociais.

O rastilho que desencadeou a explosão deste fenómeno estudantil, julgado definitivamente enterrado pelas cinzas de 68, foi sem dúvida, pelo menos em grande parte, o projecto de lei do ministro da Universidade, o socialista Ruberti. A proposta de autonomia da Universidade, que aguarda há imenso tempo na extensa lista de leis a discutir no Parlamento, prevê, nos seus pontos mais salientes e mais contestados, por um lado, a adopção por cada Universidade de um estatuto para a gestão dos seus próprios órgãos e por outro, a abertura à participação de entidades privadas no financiamento e apoio da investigação da cooperação científica a desenvolver na Universidade pública.

O Estado, a serem aprovadas estas propostas, viria a resolver dois dos grandes problemas com que sempre tem deparado no mundo académico e do ensino em geral: a gestão e o financiamento da respectiva estrutura. Com o financiamento por parte do sector privado, na sua maioria ligado à área industrial, concentrada no Norte do país, o mastodôntico e complexo sistema universitário, constituído por uma trintena de Universidades onde se acotovelam mais de um milhão de estudantes em salas na maioria degradadas e com equipamento obsoleto, o Estado veria de certo resolvidos alguns dos seus problemas, poupando despesas num sector onde é desde sempre acusado de incúria.



O megafone voltou às mãos dos estudantes

Ao promover maior ligação, através dos canais financeiros, entre a realidade do mundo do trabalho e a Universidade, o ministro Ruberti, visa com o seu projecto de lei, evitar que uma parte considerável dos 80 mil licenciados que anualmente saiem das Universidades vá engrossar a percentagem de desempregados. O mundo empresarial, que sempre rotulou a formação dada pela Universidade pública de inútil e pouco adaptável às exigências do mundo económico, encontra nessa lei a oportunidade de usufruir directamente de uma estrutura já montada ainda sob a responsabilidade do Estado (e com as suas vantagens), investindo muito menos do que se tivesse que o fazer, em condições idênticas, nas Universidades privadas, ou nas fundações e institutos que, neste momento, proliferam e se apresentam como alternativa de qualidade e selecção perante o caos e a decadência da Universidade pública.

Políticos e empresários, reitores, professores e encarregados de educação, jornalistas, e sociólogos, têm-se revelado nas colunas de opinião dos jornais, à frente das câmaras de televisão, em debates, colóquios e conferências de Imprensa, para convencer o movimento estudantil - que entretanto alastrou dia-a-dia, ocupando, Faculdade por Faculdade, todas as Universidades do país -, de que a lei era justa, que os buracos nas paredes e vidros partidos seriam agora arranjados, que a degradação ao Sul e o desenvolvimento no Norte iria deixar de existir e, por fim, que o emprego no fim do curso seria muito mais certo, com as empresas a apoiar e a receber os frutos de uma formação finalmente adequada às exigências do mercado de trabalho.

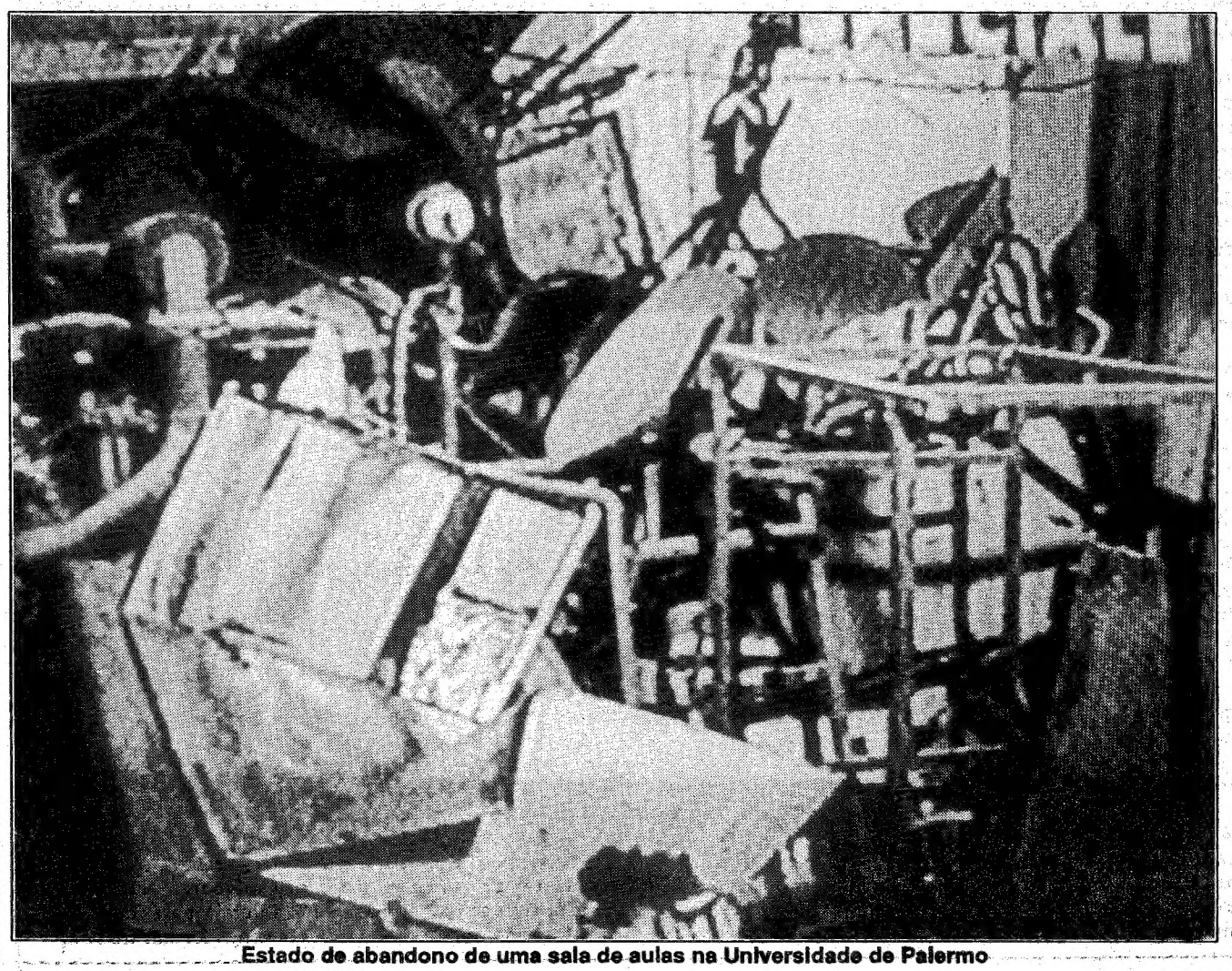
De nada adiantou, porém, o expediente, com a sistemática declaração de boas intenções por parte dos defensores da lei Ruberti. A «Pantera» (assim foi denominado o movimento estudantil) mostrou as unhas e os dentes e, após uma série de assembleias nas Universidades, ligadas entre si por uma rede de fax completamente dominada pelos estudantes, realizou-se uma primeira assembleia nacional dos delegados das Universidades ocupadas que surgiram um sonoro «não» à lei do ministro, o qual passou a ser apelidado de Robertescu ou, na melhor das hipóteses, Ramberti.

Os argumentos que sustentam o *não* dos estudantes e as maiores críticas tecidas à proposta de lei, são de que esta não regulamenta suficientemente a entrada na Universidade dos capitais privados provenientes do sector industrial. Tal sector teria, assim, uma maior representação nos conselhos de administração da instituição pública, podendo condicionar todo o seu funcionamento. A Universidade, além de se tornar mais um palco do jogo dos accionistas, concorreria para o profundo fosso já existente entre o Sul e o Norte do país se transformasse num abismo. Em Palermo, onde o movimento começou com a ocupação de uma sala em 5 de Dezembro último, e no Sul da Itália em geral, as condições das Universidades são muito piores que no Norte. A fraqueza do tecido económico-industrial da região não faz adivinhar nenhum empresário disposto a financiar as Universidades do Sul. Por outro lado, a concentração de indústrias e capitais privados na zona Norte e Centro privilegiará as Universidades dessas duas zonas, agravando a eterna e nunca resolvida «questão meridional».

Outro ponto negro da lei Ruberti, apontado pelos estudantes, é que estando os sectores industriais predominantemente virados para os domínios técnico-científico, o regime de semi-privatização da Universidade viria sobretudo a favorecer os estudos dessas áreas, deixando os estudantes de Humanísticas no *ghetto* onde já se encontra.

Inflexíveis e quase surdos as tímidas tentativas do ministro em retocar alguns pontos do projecto que, no fundo, não iriam alterar o sentido geral da reforma, os estudantes mantiveram a sua linha dura até ao fim. Amanhã, saber-se-á se a «Pantera» continua a rugir ou se, pelo contrário, vai perder a voz.

Alessandra Balsamo



Estado de abandono de uma sala de aulas na Universidade de Palermo

O desfile da «Pantera» no dia 3 de Fevereiro

A evolução da luta estudantil

Alegres, imaginativos, irreverentes, mas também cansados do consumismo e da «podridão da política» os estudantes da « Pantera » recusaram todas as possíveis identificações com o movimento de 68. Entre eles tratam-se por «tipo», nada de «camarada» ou «companheiro», desconfiam da Imprensa de maneira geral e não gostam de ser interrogados sobre os seus filmes, livros, personagens e mitos preferidos. Já não caem na esparela das etiquetas , dos estereotipos, não se identificam e não querem ser identificados nem catalogados, como a pantera enfim , felinos e livres. Muitos escrevem nas páginas das pequenas publicações que começaram aqui e acolá a circular nas faculdades ocupadas. Escrevem do tédio e do vazio, da falta de valores, da falta das palavras para dizer coisas , da falta de espaço para olhar e falar um com outro e da felicidade de ter reencontrado, pelo menos por dois meses , algo que julgaram perdido na noite dos tempos. Uma rapariga entrevistada por um semanário italiano durante as ocupações exclama , a certa altura: «Respiro!». É este o retrato recente dos estudantes da «Pantera», que de geração do «sei lá» se transformou , no virar dos anos noventa , no fenómeno mais inesperado da sociedade italiana.

Aqui vão as peugadas do movimento, ao longo dessa travessia:

Dezembro 1989

5- Ocupação da Faculdade de Letras da Universidade de Palermo. Os estudantes manifestam-se contra a lei Ruberti sobre a autonomia universitária e o ingresso do capital privado na universidade. No dia seguinte, também a faculdade de Ciencias Políticas é ocupada.

12- Numa assembleia geral , os estudantes da universidade de Palermo decidem ocupar todas as faculdades.

15- Em Génova, são ocupadas as faculdades de Letras e Filosofia.

17- A assembleia geral dos estudantes em Palermo critica duramente o balanço da região.

18- Várias faculdades das universidades de Bari, Roma e Genova, além da de Palermo, estão já ocupadas.

20- Os ocupantes das várias faculdades decidem manter a ocupação durante as férias do Natal, e, em Roma, a festa de fim de ano é organizada e gerida pelos estudantes, na faculdade de Direito.

Janeiro 1990

Durante e primeira quinzena deste mês a maior parte das faculdades das universidades italianas são total ou parcialmente ocupadas, as aulas interrompidas e os estudantentes começam a organizar os primeiros debates sobre vários temas da actualidade. Equipados com sacos-cama e fogões *camping*, ,organizam turnos de sentinela nas entradas. Entre universidades comunica-se via fax em autênticas salas de imprensa montadas pelos estudantes.

21- Um grupo de docentes que faz parte de um comité consultivo sobre a lei Ruberti considera a lei inaceitável por contrastar nitidamente com o conceito de autonomia expresso no artigo 33 da Constituição Italiana.

23- O Presidente da República Francesco Cossiga convoca o ministro Ruberti que , num colóquio de três quartos de hora , explica o sentido da sua reforma, as críticas movidas pelos estudantes e a evolução das ocupações nas universidades. Sobre o encontro havido não é divulgada qualquer declaração oficial. No plano político ,a Democracia Cristâ (DC) manifesta o seu apoio ao ministro Ruberti e o Partido Comunista (PCI) é acusado ,pelos estudantes católicos do «Movimento Popular» de « instruir via fax os estudantes». Entretanto, nas universidades pequenos grupos juvenis catolico /DC como «Comunicazione e Liberazione» , recolhem assinaturas para pedir a desocupação das universidades e a continuação das lições, alegando o direito ao estudo .

O agrupamento neo-fascista «Fare Fronte» forma um fantomático «Comité Carpe Diem», ocupando, sem assembleia, Roma. As faculdades ocupadas de toda a Itália dissociam-se da tentativa de infiltração.

No fim de Janeiro, são 115 as faculdades ocupadas em toda a Itália e os estudantes decidem realizar a primeira assembleia nacional dos delegados, em Palermo.

Fevereiro 1990

1- A assembleia geral, em Palermo, decorre sem incidentes . O movimento decide através dos seus delegados continuar com a oposição ao projecto de lei Ruberti e preparar uma tomada de posição unitária e a nível nacional.

3- Dezenas de milhar de estudantes provenientes de todas as universidades italianas desfilam em Roma. Ao mesmo tempo, noutro ponto da cidade, decorre a Conferência Nacional sobre a Escola. Francesco Cossiga afirma, numa declaração à Imprensa, que «os jovens têm toda a razão em protestar» .

6- Os ocupantes da universidade de Roma impedem a entrada do escritor americano E.L. Doctorow no departamento de Linguistica ,por estar acompanhado pelo editor Leonardo Mondadori .

7- Um ex-membro das Brigadas Vermelhas , condenado a prisão perpétua , participa num seminário sobre Maio de 68, organizado na universidade de Roma . O caso gera polémica e uma sequência de reacções de alarme entre a classe política. É mandado instaurar um inquérito para averiguar as infiltrações de terroristas no seio do movimento estudantil. Os estudantes, em comunicado, declaram-se pacifistas, repudiando qualquer tipo de recurso à violência.

17- As ocupações continuam e os estudantes mantêm-se inflexíveis sobre a lei Ruberti, apesar dos constantes apelos dos políticos (até do PCI) e dos reitores das universidades para acabar com as ocupações. O ministro Ruberti declara-se disposto a modificar o projecto de lei sobre a universidade, mas sem pactuar com a «Pantera» .

Os estudantes não aceitam a proposta do ministro , afirmando que a lei deve ser totalmente refeita e convocam uma manifestação, em Roma para o dia 24 de Fevereiro.

26- Abrem-se os trabalhos da Convenção Nacional da "Pantera" para decidir as próximas formas de luta.

COMENTÁRIO

Uma pantera que não é cor-de-rosa

Sem grandes títulos na comunicação social do seu país, ignorados pela imprensa internacional, os estudantes italianos travam quase desde Outubro uma dura luta com o governo, inviabilizando por completo o funcionamento da actividade escolar a tal ponto que as autoridades académicas vêm agora ameaçar com um repto terrível: a anulação do ano lectivo.

O presente movimento é à partida um movimento «integrado». Não reclama contra a sociedade mas contra a escola. Uma escola desadaptada da realidade, pedagogicamente desadequada, uma escola sem estruturas materiais, sem professores profissionalizados. Uma escola que não se ama mas se odeia.

É um movimento que não faz apelo à violência, mas faz passar «slogans» como este: «Por um mundo ainda mais belo, nem o facho, nem o martelo, usa o cérebro».

A sua forma de luta tem-se caracterizado pela ocupação das universidades, em estado de contínuos e intermináveis "sit-in", a que faltam uma leaderança forte.

Aparentemente os partidos políticos não se envolvem muito nesta questão, de resultados incontroláveis e originada em antigas causas cuja cumplicidade é muito abrangente.

Os problemas do ensino e educação arrastam-se há anos. As reformas no após-guerra, com os sucessivos aumentos da escolaridade obrigatória, provocaram, como noutros países, a explosão da população escolar. Sem resposta planificada em recursos físicos e humanos, a situação nalgumas escolas tornou-se catastrófica. Com edifícios sem espaço, com estruturas administrativas ancilosadas, no pior sentido, académicas, imagine-se o que é gerir uma universidade como a de Roma que tem mais de 150.000 alunos ou de Nápoles com 100.000 ou mesmo Milão com 70.000. Sabe-se da dificuldade de governar cidades com igual número de população.Que universidade é possível manter nestas condições?

A Itália dos anos 70 e 80 tem estado «entretida» com muitos outros problemas: as consequências das assimetrias sociais do "milagre económico", o terrorrismo e as «brigate rosse», a guerra contra a Mafia, os escândalos políticos, com Banca, Maçonaria e Vaticano à mistura. Adiou por de mais o problema escolar.

A lei Ruberti de Maio de 1989 representa uma tentativa do governo para empreender a inadiável "modernização" do ensino universitário. Mas representa igualmente o detonador desta luta.

Os estudantes fazem quatro críticas fundamentais: a intenção de "privatizar" a universidade; o afastamento dos estudantes dos orgãos de gestão da faculdade, ficando-lhes reservado um papel apenas consultivo; o correspondente reforço do poder dos professores e a introdução do regime de "licenciados de segunda" com a instituição de cursos breves.

Para os contestatários a lei que vem conferir à universidade autonomia estatutária, regulamentar e didáctica, é um «presente envenenado», pois de modo não delimitado intromete as «regras de jogo» do complexo sistema produtivo não só ao nível financeiro, como na área de gestão, uma vez que consagra a capacidade de as empresas definirem com as faculdades os acordos de financiamento e o de tomarem assento no conselho de administração das faculdades. Para além da perda da verdadeira autonomia da universidade na determinação dos investimentos na investigação pura versus a investigação aplicada, ou nos cursos de menor interesse para a indústria, esta intromissão dos empresários tem o perigo de reproduzir e fazer acentuar nas universidades do país a riqueza do norte versus a pobreza do «Mezzogiorno».

Uma outra característica não menos intrigante desta luta é a ausência quase geral dos docentes. Alguns acham mesmo desconcertante a posição dos estudantes. É irreversível, dizem, o «casamento» do mundo empresarial com a universidade e este é o necessário preço da modernização de um ensino e investigação para os quais os Estados sem imaginação, que não seja a de criar novos impostos, não têm verbas suficientes. Apontam os exemplos de uma Alemanha, uma França, uma Holanda, uma América.

Os estudantes italianos entendem que o ramo parte sempre do lado mais fraco e, perante a debilidade de estruturas organizativas e de recursos económicos e humanos da universidade, a independência desta face ao poder económico está ameaçada. O Estado quer lavar as mãos de um problema que não foi capaz de resolver. Eles não querem ser cúmplices. O impasse desta luta está em Itália. Mas a resposta no futuro da história de que lado estará?

José Manuel Paquete de Oliveira

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa ,Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutelio

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

AUTO-RETRATO

O auto-retrato é um desafio que o «DL» continua a lançar às mais diversas personalidades da vida pública portuguesa. Duas vezes por semana está nestas páginas. Hoje é a vez de Beatriz Costa

«Nasci numa época de muitos lacinhos, de corpetes e espartilhos: talvez, por esse motivo, nunca gostei de amarras.» Do meu livro «Sem Papas na Língua».

Parece que nasci de rabo virado para a lua... É possível.

Não creio que tenha chorado. Devo ter dado uma boa gargalhada quando vi a parteira com aquela enorme tesoura para me preparar o umbigo, que ficou este buraquinho, que até hoje me acompanha. Até aos cinco anos desconheci a luz eléctrica e a água a sair das torneiras. A Charneca do Milharado era uma povoação de primos e primas. De mulheres de soalheiro sentadas às portas a catar as pulgas nos cobertores de papa. Uma vida de «pão com azeitonas e uma sardinha para dois». Aos 5 anos, trouxeram-me para Lisboa sem me consultar. Lá, ficaram dois irmãos. Uma no berço, outro com dois anos. Foi uma «abalada» que provocou muito sofrimento àquele pobre e humilde moleiro, que foi meu pai.

Em Lisboa, enfiaram-me num buraco sem luz, no Beco da Ricarda, à Calçada do Carmo. Passava os dias a brincar enquanto esperava «a tal latinha de comida usada», os restos, que a «generosa» esposa do grande mestre José Malhôa me mandava. Nesse buraco estive prestes a ser violada com cinco anos de idade. Valeu-me a megera que alugava o buraco. O rufião, que vivia à custa dela, pelos vistos, gostava de criancinhas ao pequeno almoço... Essa notícia amoleceu o coração «duro» da senhora Malhôa, que permitiu que me levassem, com a condição de não mexer em nada. Tive a sorte de ser notada pelo grande pintor, que me utilizou para ser modelo dos seus preciosos desenhos. Dava-me um vintém em cobre. Foi ele que iniciou o meu gosto pela poupança. Era tão diferente da esposa... Eu vivia de olhos arregalados à espera que ele me levasse para me sentar naquele banco alto. Pedia-me para sorrir e chamava-me «Gioconda pequenina»... Eu gostava muito do «senhor José»!

Um dia, meteram-me num comboio que só me despejou em Paialvo. Depois, até Figueiró dos Vinhos, foi numa diligência, que dançou o «Fandango» até lá chegar, por essas estradas que já eram esburacadas. Cheguei com os ossos inteiros e passei a comer melhor. Nunca perdi a alegria. Era, fui, e sou, uma «criança» alegre...

Sem rancores nem invejas de outras meninas que tinham bonecas e vestidos bonitos.

Cheguei ao teatro aos «trambulhões». Na adolescência passei por aprendiza de tudo e não aprendi nada!... Só sabia rir e, até hoje, é o que faço melhor. Não gosto de gente de cara fechada, como aquele escritor político, que em vez de lábios parece que tem uma cicatriz... De Figueiró dos Vinhos vim a reboque para Tomar. A meu lado vinha um homem desconhecido que, pouco depois, me disseram: «De hoje em diante este senhor é teu pai.» Passei a roer as unhas... Foi um dos meus padrastos, e o único que vale a pena recordar. Foi ele que me conseguiu a minha entrada para o Eden Teatro. Era amigo do marido da Ema de Oliveira e foi ela que me meteu no grupo das coristas. A vedeta era a linda Laura Costa, que só gostava de ter por «moldura» jovens de metro e meio... Eu vinha de um mundo «cão» que, felizmente, nunca me mordeu!... Fui criadinha de um menino de 4 meses, que pesava mais que a «pesada herança» do antigamente. O menino chorava e eu ria... Puzeram-me a andar.

Fui para casa de uma família de três mulheres, dessas que vão muitas vezes ao dentista... Despejava penicos e apanhava porrada. Davam-me comida azeda porque a boa era para o gato. Quando elas saíam, eu trocava o meu prato com o do gato. Dormia num vão de escada, entre sacas de carvão e garrafas de petróleo. Nada conseguiu que eu perdesse a alegria e deixasse de respirar bem!... Nunca peguei num cigarro nem em droga, o que não representa virtude mas defesa.

A minha entrada para o teatro foi o início de uma felicidade que, apesar de estar afastada, até hoje «acaricio»... Adorei o teatro como ele era... Tive muita sorte com os colegas que tanto me ajudaram: Nascimento Fernandes, Aldina de Sousa e Vasco Santana foram os maiores amigos que encontrei nesse ambiente maravilhoso de caras pintadas que é o teatro. O Chiado ajudou-me muito. Martins e Costa deu-me carta branca para comer de tudo... Saía de lá empanturrada de trouxas de ovos!... o Último Figurino dava-me vestidos, os sapateiros davam-me sapatos e a Bertrand emprestava-me todos os livros que eu precisava para me alfabetizar. Foi o responsável por esses empréstimos o grande Aquilino Ribeiro. Esse grande escritor foi um dos «anjos da guarda» da minha adolescência. Tive a sorte de cair em graça a três senhores que fizeram de mim afilhada do jornal que dirigiam: foram, o dr. Joaquim Manso, Pedro Bordalo Pinheiro e o senhor Vieira Pinto. Até hoje, trago ao peito, fechado numa medalhinha, o meu querido «Diário de Lisboa»... Por isso chorei o Chiado quando o vi em chamas. Este é um pequeno resumo de uma vida grande!... Comecei a minha actividade sentimental com grande força. «Part-times» sempre assumidos. Namoros aos molhos! Paixões poucas. Duas paixões e um grande amor!... O resto foi paisagem... Nunca disse que casei de véu e grinalda, porque a mentira sempre andou longe de mim. Talvez tenha sido errado mas é o que sinto cá dentro. Este «estou-me borrifando» actual, devo-o ao Brasil. Foi lá que me pagaram por dia o que eu ganhava aqui por mês!... Se não tenho ficado por lá, naquela época, durante a 2.ª Guerra Mundial, hoje andava aqui a assar castanhas na Avenida, em vez de dormir no quentinho do melhor hotel de Lisboa.

Já tive oportunidade de casar 3 vezes por dia, mas acho que tenho a vida que escolhi. No Brasil recebi a maior homenagem prestada a um artista português: Deram-me a Cidadania Carioca que não tem força de lei mas que nos abre as portas mais «emperradas». Aqui, ninguém sabe disso e talvez não valha a pena saber...

CARTAS NA MESA

Barahona para o Irão

É com náuseas que li o artigo desse tal Barahona que apela ao assassínio de um livre pensador, de um grande escritor como Salman Rustic. Lamento profundamente ter lido aquele nojo no «Diário de Lisboa» de que sou leitor e colaborador há mais de 20 anos.

Estou plenamente de acordo com a carta do sr. Manuel de Almeida, que vai na mesma linha de protesto que aqui exprimo, apelando ao senhor ministro da Educação para tomar posição contra estes fanáticos maometanos que não são mais do que lunáticos seguidores desse sanguinário Komeni de triste memória que à sua conta mandou para o inferno 1 000 000 de iranianos. Abaixo o fanatismo religioso, político e económico dos petrodólares, desses imorais que, em nome da religião, escravizam as mulheres, utilizando-as como caprichos sexuais. O «Diáriode Lisboa» que sempre defendeu altos princípios não merecia esta afronta do sr. Barahona que deve ir pregar moral sanguinária lá para as bandas do Irão.

Manuel Aires, *leitor em Beja*

COMUNICADO

AGROS, LACTICOOP/GRESSO e PROLEITE/ /MIMOSA, sobre o problema da propalada utilização por Cooperativas do Norte, de «Leite para Vitelos», «Leite Vegetal» e «Leite a Martelo», vêm esclarecer o seguinte:

1 — Publicaram alguns jornais, nomeadamente «Expresso», «O Correio da Manhã», «O Independente» e «A Capital», gravosas notícias sobre utilização, para consumo humano, de **«leite para vitelos», «leite vegetal»** ou **«leite a martelo»,** nomes diferentes conforme a «inspiração» dos seus autores.

2 — Trata-se de notícias rotundamente falsas, no que às signatárias diz respeito, cujas origens e motivações os seus autores ou informador, pelos mesmos citado, conhecem.

3 — Estas notícias causaram, como é natural, um grande alarme no público consumidor de leite simples, leite com chocolate, leite IASE e iogurte.

4 — Pelo respeito da verdade e dos seus clientes, as organizações signatárias garantem ao público consumidor que nunca utilizaram os «ingredientes» referidos por aqueles jornais.

5 — De igual modo, garantem que, como sempre fizeram, continuarão a lutar pela qualidade e genuinidade dos seus produtos.

6 — Finalmente, as signatárias, como organizações cooperativas leiteiras do Norte, especialmente visadas com estes infelizes boatos, decidiram já recorrer a tribunal, intentando processos adequados contra os responsáveis das notícias e informador pelos mesmos citado.

23 de Fevereiro de 1990

PELAS DIRECÇÕES

Da AGROS — Fernando da Silva Mendonça
Da LACTICOOP — Telmo Martingo de Oliveira Pato
Da PROLEITE — José Amigo Tavares de Sousa

público e privado

IGNORANDO O DESAFIO DOS ANOS NOVENTA

Os anos noventa surgem sob o signo das grandes transformações políticas, dos projectos ciclópicos, dos investimentos de vulto, do optimismo, até mesmo do excesso. Em poucos meses, russos, húngaros, checoslovacos tomaram decisões históricas e estão a transformar rapidamente as suas próprias sociedades. A RFA decidiu a uniformização monetária com a Alemanha Oriental, encarregando-se, mediante um esforço titânico, da economia deste país.

Neste quadro de um dinamismo irreprimível, a Itália surge como um país bloqueado. Durante os anos oitenta, os «dourados anos oitenta», tinha-se colocado a par dos outros e, em certos sectores, parecia mesmo constituir um modelo. Na moda, por exemplo, onde Milão tinha até superado Paris. No estrangeiro falava-se do *made in Italy*, admirava-se não só o nosso vestuário, como o nosso tipo de alimentação, o nosso estilo de vida.

Hoje, no que respeita à Europa continental, a Itália já não está na moda. As sondagens mostram que os italianos são inseguros, confusos e mesmo frustrados. Vão vivendo sem grandes projectos e sem grandes esperanças, com os seus males crónicos cada vez mais crónicos. O recente movimento estudantil é expressão de mal-estar de uma juventude que tem a universidade a custos reduzidos, mas a abarrotar e pouco eficiente. Um mal-estar próprio do Terceiro Mundo, ao qual reage com exigências de Terceiro Mundo: menos capitalismo, menos mercado, mais Estado. E isto, enquanto a França, por exemplo, faz investimentos colossais em sectores de ponta e para a difusão da cultura francesa.

Que o nosso sistema está bloqueado demonstra-o o caso da moda onde, em pouco tempo, perdemos irreparavelmente o nosso primado em favor de Paris. Hoje, se os nossos estilistas estiverem interessados em mostrar-se à grande Imprensa internacional, serão obrigados a pôr-se na bicha, em Paris, juntamente com os outros.

Porque razão fomos ultrapassados? Em primeiro lugar, porque Paris tinha uma tradição. Mas também porque se situa no centro da nova Europa, é dela capital natural. Além de que o Governo Mitterrand e o presidente da Câmara, J. Chirac fizeram grandiosos investimentos para tornar essa capital ainda mais bela, acolhedora, funcional. Milão não pôde ou não soube fazer o mesmo. Não criou os locais adequados para feiras e exposições, nem hotéis e escritórios ultramodernos necessários para se tornar numa capital europeia neste período de desafio.

Mas houve ainda um outro factor cultural, de mentalidade, que jogou a desfavor. Nos anos oitenta, a moda italiana tinha captado uma tendência geral para a simplicidade, para um certo lado prático, um sentido de quotidiano, de equilíbrio e moderação. Tinha podido fazê-lo enquanto expressão de uma dimensão provinciana, à medida do homem. Produzindo peças com gosto, peças para se pôr no dia-a-dia. A contra-ofensiva de Paris veio da alta moda. Aqui, num cenário grandioso, os estilistas não expõem vestuário para se usar, que se produza em série. Mas ideias criativas, sonhos. O desfile é feito pelas grandes cadeias de distribuição, por revistas de prestígio, pelas redes de televisão de todo o Mundo. O seu objectivo é escolher o estilista, fazer-lhe publicidade e este expõe o seu poder inventivo. É um confronto espectacular, um *potlach*.

Francesco Alberoni

Símbolo de uma nova época, os anos noventa não se desenrolam sob a égide do equilíbrio e da moderação - tudo factores que caracterizam os italianos - mas do excesso, do desafio, do impossível. Paris captou este propósito. Nesta fantasmagórica de extravagâncias desmedidas, a moda italiana parece hesitante, pequeno-burguesa, certa, mas sem fantasia. Expressão de uma sociedade provinciana que não tem o gosto do espectacular, dos grandes projectos. Uma sociedade bloqueada.Os italianos não perceberam que se desenvolve na Europa um jogo titânico no qual se exige capacidade de projectar e realizar com rapidez, audácia e determinação. Não o perceberam nem os políticos, nem os industriais e tão-pouco os homens de cultura. O país não tem pulso. Por esta razão está inseguro e por esta razão se vira para o passado.

Exclusivo «Corriere della Sera»/«DL»

(Trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

Cartoon de Pedro Palma

Um exclusivo Faces of the World/ @ 1990

Lage quase certo à frente do PS no Porto

As divergências entre os socialistas nortenhos têm mais a ver com questões pessoais do que com orientação política

O recente desaire de Carlos Lage na recomposição da Federação Distrital do Porto do PS foi ditado pela comissão dessa estrutura, que não lhe deu o aval para afastar responsáveis mais ligados à maioria do partido, colocando assim algumas reticências às análises recentes que o davam como certo e seguro secretário-coordenador daquela estrutura.

A opinião que, todavia, acolhe maior consenso, entre todas as correntes socialistas, é que Carlos Lage só não será eleito no congresso federativo de 30 de Junho e 1 de Julho se não quiser.

E ainda falta muito tempo para o termo das negociações que, sobretudo entre os socialistas do Porto, têm mais a ver com questões pessoais que com divergências de linha política. Mas à mesa do café ou do restaurante, por vezes até em Lisboa, a cordialidade nortenha apaga choques.

Para já, ouvem-se acusações de apoiantes de Jorge Catarino, que consideram este um verdadeiro apoiante de Jorge Sampaio, enquanto dizem que Manuel dos Santos, também apoiante da maioria, será um incondicional de António Guterres, em perda dentro de um aparelho que controlou, no tempo de Constâncio.

Antes do congresso nacional será difícil definir grandes linhas de clivagem, ao que todos acreditam inexistentes, quanto à liderança.

Um grupo de militantes nortenhos subscreveu um documento público de apoio a Carlos Lage, chamando a atenção para a necessidade de se proceder a «uma renovação de quadros através da participação de jovens e da recuperação de militantes importantes» ultimamente alheados da actividade partidária.

Onde ainda estão por apurar as certezas é na difundida «sintonia» entre «os verdadeiros vencedores das últimas eleições autárquicas, concretamente entre os autarcas, presidentes das comissões políticas, dirigentes nacionais e o próprio coordenador distrital», aduzidas no documento aludido.

Recorde-se que Carlos Lage ganhou as últimas eleições para a distrital do Porto contra Raul Brito, que no mais recente Congresso Nacional do PS apoiou as posições de Manuel Alegre, apesar de, para a Federação Distrital, ter tido o suporte de Jorge Catarino.

De onde o observador regressa à estaca zero: então é ou não importante a reunião magna do PS ?

O papel dos autarcas

A dinâmica de Fernando Gomes à frente da Câmara Municipal do Porto ainda gerou a hipótese de uma «luta de galos» à antiga, com Narciso Miranda, autarca de Matosinhos, que contra ventos e marés sempre foi um bastião socialista.

A possível designação de Narciso Miranda para a liderança da Associação Nacional de Municípios Portugueses, em substituição de Torres Pereira, privaria de esperanças os apreciadores socialistas deste tipo de confrontos.

E tudo indica que, mesmo que surjam quatro ou cinco listas, Carlos Lage estará na melhor posição quando se disputar a liderança da Federação Distrital do Porto. A vitória de Lage não será, como nos afirmaram fontes socialistas, a primeira ofensiva dos gamistas com uma vitória, desde que Jorge Sampaio é secretário-geral do PS. De resto, no Porto, os apoiantes de Jaime Gama continuam agrupados em torna de José Lello e José Luís Nunes.

Política de alianças

As recentes declarações de Almeida Santos quanto a preferir uma aliança com o CDS a uma com o PCP não alteram a política actual do PS: ganhar ao PSD, e a sério. Pode aguardar tudo o que se refira ao dia seguinte ao das Legislativas de 1991.

A futurologia quanto a este ponto é rejeitada, de uma maneira geral.

O anúncio de uma candidatura presidencial vinda das bandas do CDS ajudaria a eliminar a tese da preferência aos centristas. Ainda aqui, é cedo, muito cedo, e o alvo do PS é o partido e o Governo de Cavaco Silva.

João Isidro

Carlos Lage tem consenso de todas as correntes socialistas

Poupando Freitas do Amaral

Manuel Monteiro propõe Abecasis para Belém

O ex-presidente da Juventude Centrista desmentiu a hipótese de uma fusão entre a sua moção e a de Krus Abecasis, em declarações prestadas esta manhã ao DL. Manuel Monteiro disse, também que o antigo presidente da Câmara de Lisboa deverá ser «o candidato próprio» do CDS a Belém.

Apesar do encontro fortuito, há dias, em Aveiro, com Krus Abecasis, em plena campanha para as «primárias», entre ambas as moções nada há concertado quanto ao futuro. Para já, segundo Manuel Monteiro, «nem pensar na fusão». Mas, no congresso, «tudo pode acontecer», admitiu.

O antigo presidente da JC acentuou que ele e Ricardo Vieira, apoiantes da mesma moção, querem que o congresso centrista fique na história do partido como um forum que privilegie o debate de ideias. Neste aspecto, as de Abecasis e as da sua moção são «muito próximas das nossas, só isso», frisou Manuel Monteiro. «Não tenho nada a ver com Abecasis, o que não significa que não venha a ter, pois no congresso tudo pode acontecer», sublinhou ainda o ex-presidente centrista, segundo o qual o ex-presidente da edilidade lisboeta é o «candidato próprio» do CDS a Belém. «Devíamos fazer todos os esforços para isso, porque ele é o centrista melhor colocado», disse.

Esta posição de Manuel Monteiro reforça a própria disposição de Abecasis, que em declarações publicadas esta semana por «O Diabo» afirmou a sua intenção de «não deixar a direita entregue a Soares». O ex-presidente da CML defende que o CDS «tem a obrigação de ter um candidato próprio, devendo indicá-lo no congresso».

Acerca de Freitas do Amaral, cuja desistência à liderança do CDS era esta manhã admitida em alguns meios - por não ter alcançado os dois terços de delegados que exigira para a sua moção -, Manuel Monteiro acentuou que «nada temos contra ele nem somos contra a liderança que ele deve protagonizar, somos é contra as ideias dele», salientou.

No entanto, considerou um «contrasenso» o facto de Freitas não se dispor a liderar o partido com uma outra moção que não seja a sua, sabendo-se, como se sabe, que está aberto a tomar conta do Ministério das Finanças de um Governo PS, que tem um programa diferente do do CDS», concluiu.

J.R.

B R E V E S

Deus Pinheiro retido em Estrasburgo

O futuro das relações inter-europeias está em foco na digressão que o ministro Deus Pinheiro hoje inicia a oito países do Centro e Leste europeus. O início da viagem estava previsto para Berlim mas uma avaria no «Falcon» em que se faz transportar reteve-o em Estrasburgo, pelo que a primeira capital a visitar será Varsóvia, esta tarde.

Cavaco pede administração moderna

O primeiro-ministro enviou uma carta a todos os ministros e secretários de Estado exortando-os a modernizar a administração pública. Segundo afirma «são muitas as queixas» relativas ao modo de atendimento do público e à falta de «informações esclarecidas e fiáveis» pelo que se torna necessária «uma mudança realista, progressiva e determinada» de tais serviços.

Jornalistas perdem poderes

A alínea D do Artigo 22º da Lei de Imprensa vai ser revogada, retirando-se aos Conselhos de Redacção os poderes que até agora tinham sobre admissões, sanções disciplinares e despedimentos de jornalistas. Nos termos da proposta sobre a Alta Autoridade para a Comunicação Social, debatida esta manhã na Comissão de Direitos Liberdades e Garantias do Parlamento e que será votada no hemiciclo terça-feira, os orgãos representativos dos jornalistas ficam sem quaisquer poderes, enquanto o Governo não abdica da cooptação de quatro membros para a Alta Autoridade.

Câmara de Lisboa faz balanço do primeiro mês de mandato

O balanço do primeiro mês de gestão municipal foi o assunto dominante da reunião pública de ontem na Câmara Municipal de Lisboa, embora estivesse agendada a discussão das propostas sobre o Provedor do Ambiente e as cargas e descargas, que acabou por não acontecer.

Jorge Sampaio, o presidente da edilidade da capital, considerou que, até ao momento, foi possível à nova administração encontrar «um ritmo e uma forma» de actuação.

No seu entender, com as primeiras 25 deliberações da câmara aprovadas pela Assembleia Municipal «descortinam-se algumas linhas de força a consolidar», das quais destacou a aprovação do regimento, a autorização de verbas para o Chiado, o lançamento de empreitadas do PIMP, o reforço do programa de reabilitação dos bairros históricos e a criação da Direcção de Projectos e Planeamento Estratégico, que permitirá dar resposta às questões do crescimento da cidade e as suas relações com a área metropolitana. Sampaio sublinhou ainda a necessidade de prosseguir nesta linha e acrescentou que o executivo camarário «continuará a accionar os instrumentos necessários para a resolução dos problemas mais prementes da cidade».

A aprovação do Orçamento e Plano para este ano, marcada para o corrente mês, é a questão que no momento mais preocupa a equipa camarária. Sem ele nada de consistente pode ser feito em termos práticos e continuará, como disse o presidente, «o sistema dos duodécimos».

Prioridade das prioridades na qual Sampaio aposta fortemente (e a curto-prazo), é a delegação de competências nas freguesias, bem como o acelerar dos trabalhos da comissão de avaliação das dívidas do Estado para com o Município que está sob a alçada do vereador centrista Carlos Pardal.

Ainda no período de antes da ordem do dia Jorge Sampaio fez uma breve referência às polémicas afirmações de Abecasis a seu respeito publicadas esta semana. Preferindo não responder na mesma moeda optou pela via do discurso institucional: «Não há polémica com o meu antecessor. As questões pessoais importam pouco o que interessa é atacar os grandes problemas da cidade. Não vou andar a comentar comentários», disse.

Sampaio afirmou que vive serenamente as responsabilidades que lhe cabem e acrescentou que «não existem motivos para pessimismo nem para optimismo demagógico».

Rebelo de Sousa e o benefício da dúvida

Marcelo Rebelo de Sousa também fez um balanço da situação. «Um mês é um espaço de tempo muito curto num mandato de quatro anos, mesmo que haja a possibilidade de este ser interrompido em 1991»- afirmou, acrescentando que os vereadores social-democratas acham que neste momento o presidente dispõe ainda do estado de graça. «Por isso a nossa esperança depositada nesta maioria mantém-se, com o benefício da dúvida, até à aprovação do Orçamento», disse ainda.

A proposta de Rebelo de Sousa sobre as cargas e descargas não foi discutida. O vereador social-democrata preparava-se para trocar as voltas ao 'timing' da maioria e passar-lhe à frente. Contudo, está já a ser elaborado um estudo sobre o mesmo assunto no pelouro do Trânsito. E o responsável, Machado Rodrigues, anunciou que deverá estar pronto ainda este mês um novo esquema de circulação para as Avenidas Novas.

Novo Estatuto de Macau

Conselho de Estado deu voto «genericamente» favorável

O Conselho de Estado, convocado expressamente pelo Presidente da República para se pronunciar sobre o projecto do novo Estatuto Orgânico de Macau, deu ontem o seu parecer «genericamente favorável» àquele diploma. O comunicado final especifica que este parecer é dado «sem prejuízo de a Assembleia da República, em diálogo directo com a Assembleia Legislativa de Macau, vir ainda a aperfeiçoar o texto do Estatuto, introduzindo-lhe, designadamente, uma referência expressa aos direitos e liberdades constantes da declaração conjunta luso-chinesa».

Na convicção de que o governador de Macau desejaria esquivar-se ao contacto com os meios de comunicação social, e abandonar o Palácio de Belém pelo lado da Calçada da Ajuda, alguns jornalistas esperaram-no aí durante bastante tempo. Afinal, seria Carlos Melancia a vir ao encontro dos restantes jornalistas que se encontravam na sala de Imprensa, na outra ala do Palácio.

Pena de morte excluída

Em relação ao pormenor dos direitos e liberdades, que o Conselho de Estado deseja ver referido no texto do documento, Carlos Melancia, interrogado pelo DL sobre se, ficando no território depois de 1999 legislação e organização judiciaria de matriz portuguesa esses direitos estavam garantidos e, por exemplo a pena de morte excluída, disse que o que remanescerá em Macau até 2049, ou seja, 50 anos depois da transferência da administração, «é a manutenção no território do modo de vida e do sistema existente».

«No quadro actual, a revisão da Constituição permitiu a criação em Macau de um sistema judiciário autónomo. Aquilo que falta fazer é, em parte, aquilo que está consignado no Estatuto e, a seguir, será completado com uma lei de base da organização judiciária», disse.

Nessa perspectiva, as potencialidades da declaração conjunta ficam totalmente preenchidas e seria dramático se não se tomassem iniciativas, rapidamente, nesse sentido. «Não teria servido para nada termos conseguido essses objectivos positivos nas negociações da declaração conjunta», afirmou.

«É evidente que o sistema judiciário que se vai manter, excluirá a pena de morte, porque o sistema judiciário português a exclui. Isso faz parte dos objectivos da declaração conjunta», disse Carlos Melancia, que acrescentou:

«Mas o que eu gostava de sublinhar, para não haver confusões acerca disso, é que as perspectivas positivas que a declaração conjunta nos garante em 1999, em aspectos como este, ou são desde já implementadas, e nessa altura, na transição, as leis entram normalmente em funcionamento ou, se não tomarmos as medidas desde já, quando chegarmos àquela data, se os benefícios da declaração conjunta não terão sequência. Um dos grandes objectivos desta adaptação é responder aos desafios positivos que a declaração conjunta tinha, o mais cedo possível».

Diferente de Hong Kong

O governador de Macau contesta que, com a aprovação do novo Estatuto e o aumento de seis deputados, a Assembleia Legislativa fique numa situação idêntica à de Hong-Kong, no que respeita ao número de deputados eleitos por sufrágio directo.

Admite que a base dos comentários que se fazem nesse sentido tenha a ver com o número de deputados que a Assembleia Legislativa vai ter.

Dos 17 deputados que constituem a Assembleia actual, seis são eleitos por sufrágio directo, seis por sufrágio indirecto e cinco nomeados pelo governador. Com aumento o aumento do número de deputados para 23, oito serão eleitos por sufrágio directo, oito por sufrágio indirecto e sete nomeados pelo governador.

A reunião de ontem proporcionou vários encontros: Sampaio conversou com Eurico de Melo e Cunhal com Leonardo Ribeiro de Almeida

«Nesta perspectiva, diz Carlos Melancia, a Assembleia passa a ter uma percentagem de eleitos por sufrágio directo e eleitos por sufrágio indirecto de quase dois terços».

«Aquilo que se discute hoje em Hong Kong é que, em 1997, por sufrágio directo ou indirecto, a assembleia daquele território terá apenas 25 por cento dos deputados», afirmou.

Sobre as acusações feitas por «O Independente» Carlos Melancia manteve a sua posição inicial de não pretar declarações:«Acredito formalmente na justiça e que se faz justiça. Não faço portanto comentários sobre esse tema e sobre essa matéria», disse.

Duas estrelas

A sessão de ontem do Conselho de Estado ficou também assinalada pelas estreias de Jorge Sampaio e do novo presidente do Tribunal Constituicional, Cardoso da Costa.

Apreciado pelo órgão de consulta do Presidente da República, o diploma do novo Estatuto Orgânico de Macau regressará agora ao Parlamento, devendo subir ao plenário durante os primeiros 15 dias de Março, depois de o presidente da Assembleia da República convocar a conferência de líderes para fixar a data de discussão.

No caso de a Assembleia da República introduzir alterações no diploma, o Presidente da República só o poderá promulgar desde que a Assembleia Legislativa de Macau dê o seu acordo.

Este órgão terá, assim, a última palavra na matéria.

Augusto Vilela

Melancia recebido por Vítor Crespo

O governador de Macau e o presidente da Assembeia da República reuniram-se ontem à tarde no gabinete de Vítor Crespo, desconhecendo-se o teor da conversa mantida entre ambos.

Não foram feitas declarações no final do encontro.

Carlos Melancia e Macau estiveram ontem em foco, a vários níveis, pois que o Conselho de Estado apreciou as alterações propostas pela Assembleia Legislativa sobre o estatuto orgânico do território e a Comissão Parlamentar dos Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias analisou o problema suscitado com a notícia de «O Independente» sobre uma alegada carta exigindo-lhe a devolução de 50 mil contos.

O PSD apresentou, na circunstância, um requerimento oral para que seja promovida uma audição com o governador, na sequência da polémica que envolve o seu nome e uma empresa alemã. O requerimento suscitou algumas dúvidas quanto à sua constitucionalidade, dado que se trata de de um membro da administração de um território autónomo, dependente do Presidente da República.

A mesma comissão discutirá hoje, de novo, o problema da audição de Melancia, havendo algunas dúvidas sobre a concretização, do inquérito, uma vez que o governador de Macau regressará ao território no próximo fim-de-semana.

Lusa/DL

«FNAC — INDÚSTRIA TÉRMICA, S.A.»

Assembleia Geral

Nos termos e para os efeitos dos Art.°s 376.° e 377.° do Código das Sociedades Comerciais, convoco os Senhores accionistas da «FNAC — INDÚSTRIA TÉRMICA, S.A.», sociedade anónima titular do cartão de identificação de pessoa colectiva n.° 502203560, com sede na Estrada da Outorela, Lotes 20/21, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Oeiras, sob o n.° 6.220, com o capital social de Esc. 965 000 000 00, para reunirem em Assembleia Geral Anual, a realizar no dia 30 de Março de 1990, pelas 18 horas, na sua sede social, com a seguinte «Ordem do Dia».

1. Deliberar sobre o relatório de gestão do Conselho de Administração, balanço e contas relativos ao exercício de 1989;
2. Deliberar sobre o Parecer do Conselho Fiscal relativo ao relatório, balanço e contas;
3. Deliberar sobre a proposta de aplicação dos resultados;
4. Proceder à apreciação geral da administração Sociedade;
5. Proceder à ratificação da cooptação de Administradores e actual composição do Conselho de Administração.

A cada lote de 100 acções corresponde um voto, podendo os accionistas sem direito de voto agrupar-se para o efeito, sem prejuízo de poderem assistir à Assembleia Geral.

É permitida a representação nos termos legais e estatutários.

28 de Fevereiro de 1990

A Presidente da Assembleia Geral,

(Maria do Céu de Sousa Fraga Pinto Ribeiro)

«TEPCLIMA — MONTAGEM DE APARELHOS DE AR CONDICONADO, S.A.»

Assembleia Geral

Nos termos e para os efeitos dos Art.°s 376.° e 377.° do Código das Sociedades Comerciais, convoco os Senhores accionistas da «TEPCLIMA — MONTAGEM DE APARELHOS DE AR CONDICIONADO, S.A.», sociedade anónima titular do cartão de identificação de pessoa colectiva n.° 502198125, com sede na Rua do Arco do Carvalhão, n.° 282-C, freguesia de Santo Contestável, em Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o n.° 937, com o capital social de Esc. 115 000 000$00, para reunirem em Assembleia Geral Anual, a realizar no dia 30 de Março de 1990, pelas 11 horas, na sua sede social, com a seguinte «Ordem do Dia»:

1. Deliberar sobre o relatório de gestão do Conselho de Administração, balanço e contas relativos ao exercício de 1989;
2. Deliberar sobre o Parecer do Conselho Fiscal relativo ao relatório, balanço e contas;
3. Deliberar sobre a proposta de aplicação dos resultados;
4. Proceder à apreciação geral da administração Sociedade;
5. Proceder à ratificação da cooptação de Administradores e actual composição do Conselho de Administração.

A cada lote de 100 acções corresponde um voto, podendo os accionistas sem direito de voto agrupar-se para o efeito, sem prejuízo de poderem assistir à Assembleia Geral

É permitida a representação nos termos legais e estatutários.

Carnaxide, 28 de Fevereiro de 1990

A Presidente da Assembleia Geral,

(Maria do Céu de Sousa Fraga Pinto Ribeiro)

EMPORLOJAS GESTÃO E EXPLORAÇÃO DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS, S.A.

ASSEMBLEIA GERAL ANUAL

CONVOCATÓRIA

Convoco a Assembleia Geral Anual a que se refere o 376.° do Código das Sociedades Comerciais da **EMPORLOJAS — Gestão e Exploração de Estabelecimentos Comerciais, SA,** sociedade anónima com a matrícula pendente de registo, com sede na Av.ª de Ceuta, Edifício Fnac, em Lisboa, e com o capital social de 25 000 000$00, a ter lugar, pelas 15 horas, no dia 30 de Março de 1990, na sede social, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Deliberar sobre o relatório de gestão do Conselho de Administração, balanço e contas relativos ao exercício de 1989;
2. Deliberar sobre o parecer do Conselho Fiscal relativo ao relatório, balanço e contas:
3. Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados;
4. Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade de acordo com a lei, designamente na alínea c) do n.° 1 do artigo 376.° do Códigos das Sociedades Comerciais;
5. Proceder à eleições de novos membros para os órgãos sociais.

É condição necessária para participar na Assembleia, que os accionistas tenham averbadas, registadas ou depositadas, em seu nome, na sociedade ou numa instituição competente para o efeito, até 8 dias antes da data marcada para a reunião, pelo menos cem acções.

A cada lote de 100 acções corresponde um voto, podendo os accionistas que possuam menos de 100 acções agrupar-se para o efeito de votação. A representação voluntária é permitida e deverá obedecer aos termos legais e estatutários.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Dr. José Paiva Biscaia Filipe Pereira

Kohl defende garantia formal à Polónia

A questão das fronteiras, na perspectiva de uma unificação alemã foi abordada por Baker, que advogou o cumprimento da Acta de Helsínquia

O chanceler alemão federal, Helmut Kohl, defendeu que os Parlamentos de Bona e de Barlim garantam formalmente, após as eleições de Março na RDA, a inviolabilidade das actuais fronteiras ocidentais da Polónia. A declaração de Kohl foi feita ontem, durante uma reunião do seu gabinete.

Por seu lado, o secretário de Estado norte-americano, James Baker, considerou que as fronteiras europeias do pós-guerra são invioláveis, respondendo a preocupações no Congresso dos Estados Unidos quanto à posição alemã federal sobre as fronteiras de uma Alemanha unificada.

James Baker, que falava na comissão orçamental do Senado, opôs-se à participação da Polónia nas conversações sobre a unificação entre os dois Estados alemães e as quatro potências vencedoras da II Guerra Mundial.

O chanceler Kohl tem sido criticado interna e externamente pela sua indefinição relativamente às terras a Leste dos rios Oder e Neisse, que antes pertenciam à Alemanha e hoje são da Polónia.

O facto de nunca ter declarado formalmente que a Alemanha unificada não reclamaria o território perdido para a Polónia terá, segundo observadores, constituído o principal obstáculo ao desenvolvimento regular do processo de reunificação.

Um porta-voz do Ministério alemão-federal dos Negócios Estrangeiros disse que, na mesma reunião do gabinete, o titular do Ministério, Hans-Dietrich Genscher, pediu que se tomasse em consideração a sugestão, feita pelo primeiro-ministro polaco, de que as duas Alemanhas assinem com a Polónia um tratado que reconheça as fronteiras.

James Baker disse que "é clara" a posição dos Estados Unidos sobre a questão das fronteiras polacas. Concretizando, afirmou que é necessário "respeitar as nomas da Actal Final de Helsínquia, segundo as quais as fronteiras são invioláveis e só podem ser alteradas através de meios pacíficos".

Reagan em comício na RDA

O antigo Presidente norte-americano Ronald Reagan vai participar, no próximo dia 16, num comício da Aliança (centrista) de Democratas Livres, dois dias antes das primeiras eleições livres na RDA.

A Aliança de Democratas Livres foi formada em Fevereiro por três partidos centristas.

De referir que 35 partidos ou organizações foram oficialmente registados para as eleições na Alemanha Democrática.

Entretano o PC da RDA voltou a repudiar a acusação de que teriam sido formados membros seus na RDA como exército de guerrilha ilegal, para efectuarem assaltos terroristas em caso de crise.

Em declaração publicada em Bona, o Partido Comunista afirma que "não tem nada a ver com casos dos serviços secretos, venham eles de onde vierem".

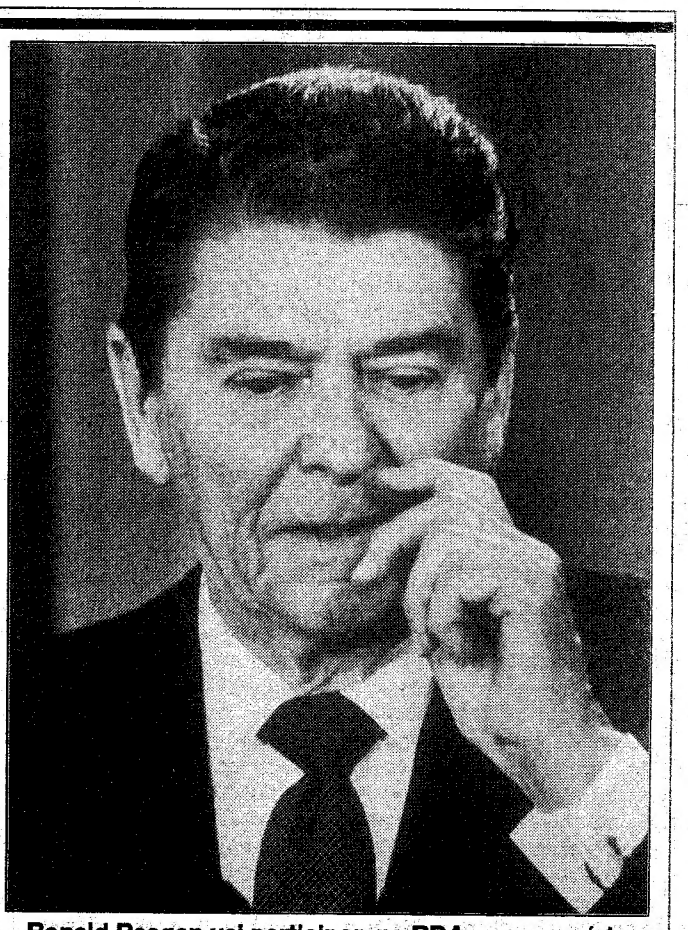
Alemanha e a NATO

O conselheiro político da embaixada da RDA em Espanha, Karl Ehlers, afirmou que a União Soviética não permitirá a inclusão da Alemanha Democrática na NATO depois da unificação.

Numa conferência em Saragoça, Ehlers disse que existem "várias possibilidades, muito complicadas, para o posicionamento da RDA em relação aos dois blocos militares", mas defendeu a desmilitarização de toda a Alemanha.

O diplomata disse ser "quase certo" que a unificação alemã conduzirá a uma integração total da RDA na Comunidade Económica Europeia (CEE) devido à rapidez do processo, já em curso com negociações entre os dois Estados alemães.

Redacção "DL"/Lusa



Ronald Reagan vai participar, na RDA, num comício eleitoral da Aliança Liberal, uma coligação constituída por partidos centristas

URSS: nova lei permite arrendamento de terras

O Soviete Supremo da União Soviética aprovou por esmagadora maioria legislação sobre a terra que permite a particulares arrendarem propriedades para a agricultura.

Com base nessa legislação, considerada fundamental para a reforma económica, cada república soviética irá agora criar a sua própria lei, adequada às condições locais. Votaram a favor 349 deputados, contra sete e 12 abstiveram-se.

A nova lei, que entra em vigor a 15 de Março, prevê a possibilidade de entrada de lotes de terra para a posse vitalícia e hereditária, dando ao camponês a liberdade de escolher entre o trabalho no kholkhoz ou em terra por ele próprio explorada.

"Trata-se, no fundo - escreve a agência noticiosa soviética Tass - do direito à posse da terra, limitado pela proibição da sua venda, oferta ou utilização como penhor".

Esta legislação suscitou, tal como a da propriedaded, os mais calorosos debates no Parlamento soviético entre os partidários da liberalização da propriedade da terra e os defensores das propriedades colectivas e estatais.

Entretanto o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, disse que o seu país não vê qualquer obstáculo de princípio a integrar o Conselho da Europa como membro de pleno direito.

Esta declaração surge na véspera de uma digressão a oito capitais da Europa de Leste, incluindo Moscovo, de João de Deus Pinheiro, na dupla qualidade de chefe da diplomacia portuguesa e de presidente em exercício do comité de ministros do Conselho da Europa.

Eleições na Lituânia

As autoridades da república soviética da Lituânia anteciparam para sábado a segunda volta das eleições, para que o novo Parlamento se reuna antes que Moscovo aprove leis que possam travar a independência do território, disseram fontes oficiais. As eleições de sábado passado para o Parlamento da Lituânia - as primeiras eleições multipartidárias na história da União Soviética - deram uma estrondosa vitória ao movimento pró-independentista Sajhudis.

Redacção "DL"/Lusa

«Pik» Botha reúne-se em Luanda com José Eduardo dos Santos

O ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof «Pik» Botha vai encontrar-se hoje com o presidente angolano, José Eduardo dos Santos, em Luanda, afirmaram fontes oficiais angolanas à agência Lusa.

O encontro reveste-se de particular importância uma vez que se trata da primeira deslocação de «Pik» Botha a Angola, desde a independência, para conversações com altos responsáveis do Governo de Luanda.

Segundo observadores, a situação na África do Sul, a retirada cubana do território angolano, a próxima reunião tripartida entre Angola, Cuba e África do Sul, sobre os acordos de paz de Nova Iorque, são alguns dos temas em análise. Mas tudo indica que a questão do conflito interno angolano ocupará o principal tema da agenda diplomática entre Botha e Eduardo dos Santos. Tanto mais que a suspensão da retirada das tropas cubana de Angola, sem dúvida um dos problemas que poderia motivar alguma preocupação em Pretória, foi retomada no passado domingo. Recorde-se que a implementação da resolução 435 da ONU para a independência da Namíbia, teve como contrapartida a retirada das tropas cubanas para além do paralelo 13, assim como a redução dos efectivos estacionados em território angolano. «Pik» Botha deverá encontra-se também com o seu homólogo, Pedro Van-Dunem, «Loy», antes de regressar ao seu país ainda hoje.

Nelson Mandela na companhia de alguns chefes de estado africanos, em Lusaca

Mandela em Lusaka

Os conflitos de Angola e Moçambique estiveram também no centro das atenções na cimeira que reuniu ontem, em Lusaka, os chefes de estado da Linha da Frente, Zimbabué, Tanzânia, Botswana, Zâmbia, para além de Eduardo dos Santos e Joaquim Chissano. Mas a figura central foi dominada por Nelson Mandela e pelas questões internas da África do Sul. Os seis chefes de estado da Linha da Frente apelaram à manutençaão das sanções internacionais contra a África do Sul.

«Estamos convencidos de que a pressão internacional contra o regime de Pretória tem de ser mantida. Assim, os chefes de estado apelam à continuação e intensificação das sanções contra a África do Sul», afirma o comunicado emitido no final da reunião.

No final da reunião, Mandela disse que acredita no presidente de Klerk, no entanto, considerou que o Governo de Pretória não está preparado para as reformas que está a aplicar ao sistema do apartheid. «No quadro da nossa luta», acrescentou Mandela, «não estamos dispostos a fazer concessões ao Governo de Pretória».

Kenneth Kaunda, por seu lado, considerou que até 30 de Julho era suficiente para se poder ter uma percepção das reais intenções de mudança do Governo de Pretória. Se, entretanto, a África do Sul não abolir o sistema do apartheid «apelaremos a mais sanções», disse o presidente zambiano.

Quem não parece concordar com esta visão do problema é o ministro-chefe do bantustão Kwazulu, Mangosuthu Buthelezi, que se encontrou ontem com o presidente dos Estados Unidos, George Bush. Buthelezi, que é também o líder da maior comunidade étnica sul-africana, os zulus, apelou para que Washington suspendesse as sanções contra a África do Sul.

«Os negros sul-africanos não temem um retrocesso do senhor F.W. de Klerk», disse, ao mesmo tempo que elogiava o presidente da África do Sul pela sua coragem de iniciar reformas políticas.

Redacção «DL»/Lusa

Na primeira reacção às eleições de domingo

Cuba declara-se «ferida» com derrota sandinista

Quebrando um mutismo que já começava a dar demasiado nas vistas, Cuba comentou ontem a derrota do sandinismo na Nicarágua através do seu vice - presidente: «Estamos feridos, mas não humilhados». Passado o choque da surpreendente vitória de Violeta Chamorro nas eleições do passado domingo, começam-se a definir os cenários do pós-sandinismo. Ontem, Daniel Ortega declarou o cessar-fogo com os «contras», exigindo o seu desmantelamento para a entrega do Poder. Por sua vez, Chamorro anunciou reduções drásticas no exército e garantiu que o Governo será constituído apenas por civis.

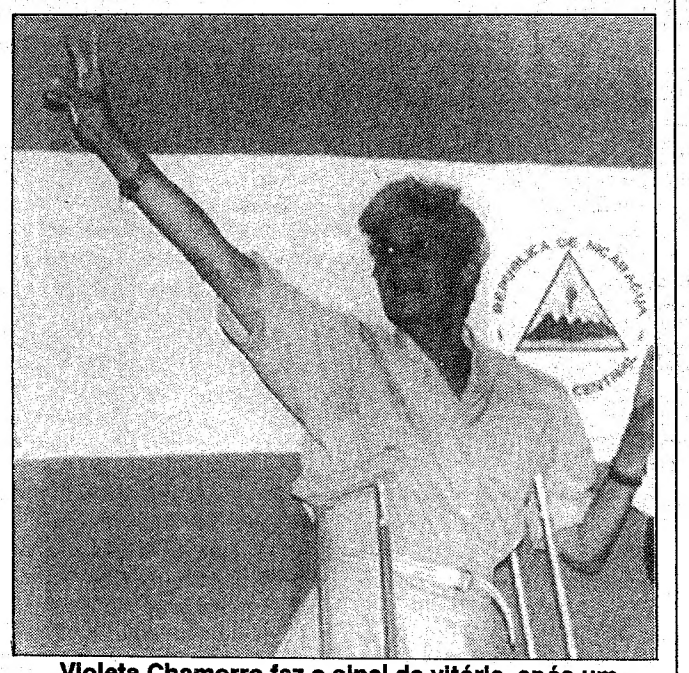
«A vitória do imperialismo, embora transitória, é a derrota das nações da América Latina». Foi este o teor da primeira reacção cubana à derrota dos seus aliados sandinistas, em declarações prestadas pelo vice-presidente Carlos Rafael Rodriguez durante as cerimónias do trigésimo aniversário do Ministério dos Negócios Estrangeiros do seu país. Diversos observadores consideram que o resultado das eleições nicaraguenses provocou um sério revés ao regime de Fidel Castro, acentuando o seu isolamento na região e sendo susceptível de ter graves repercussões internas.

Rodriguez deu como causas para a vitória de Violeta Chamorro a pressão permanente dos EUA sobre os sandinistas - através do «apoio criminal aos 'contras'» e do bloqueio económico - e os «desvios do socialismo» nos países de Leste. O vice-presidente cubano não se pronunciou quanto ao futuro das relações do seu país com o novo Governo de Violeta Chamorro, embora tenha considerado que com a sua vitória a Nicarágua tinha ficado de novo «prisioneira dos EUA».

Ortega declara cessar-fogo

Ontem, Daniel Ortega apelou aos EUA para que interrompam o seu apoio aos «contras», na sequência da sua declaração de cessar-fogo unilateral contra os rebeldes, pedindo também ao Governo das Honduras que desmantele as bases dos guerrilheiros santi-sandinistas. Um membro do Estado-Maior dos rebeldes disse na segunda-feira que os seus homens permaneceriam armados até Chamorro tomar posse, a 25 de Abril.

No entanto, um porta-voz dos «contras» anunciou ontem nas Honduras que os rebeldes nicaraguenses estão prontos a reunir-se com a Presidente-eleita para analisar a questão da desmobilização exigida por Ortega como condição para uma transição pacífica.



Violeta Chamorro faz o sinal de vitória, após um discurso em que apelou à paz entre os nicaraguenses

Falando na primeira conferência de Imprensa após ter derrotado os sandinistas nas eleições, Violeta Chamorro anunciou que o seu Governo vai ser integrado unicamente por civis, o que afasta a hipótese de qualquer dos comandantes militares dos «contras» ter lugar no Executivo. A Presidente-eleita confirmou também a sua promessa de campanha de reduzir drasticamente as Forças Armadas nicaraguenses, actualmente as maiores da América Central com cerca de 70 mil homens e consideradas como um dos grandes obstáculos à estabilidade do futuro Governo de Chamorro.

Entretanto, em entrevista ontem concedida à Rádio Comercial a partir da Costa Rica, o antigo Comandante Zero sandinista Eden Pastora afirmou pretender regressar à Nicarágua para lançar um projecto político de Terceira Via que defenda os ideais da Revolução Sandinista, que considera traídos pelos actuais dirigentes, e a democracia e liberdade para o país.

Redacção «DL»/Lusa

B R E V E S

Chissano refere "aproximação da Renamo"

O Presidente moçambicano, Joaquim Chissano, no seu regresso de Lusaca, disse que os dirigentes da Renamo "começam a pronunciar-se de uma maneira um tanto ou quanto" mais próxima das instituições existentes e do Governo do país. O chefe de Estado, que falava aos jornalistas integrados na delegação participação na cimeira de Linha da Frente, precisou que essa evolução se reporta ao reconhecimento da existência da existência legal de um Estado (a RPM), aque tem um Governo com o qual "eles (Renamo) deverão dialogar". Chissano tem afirmado que a Renamo se recusa a aceitar as instituições e o Governo moçambicano, posição que tem sido responsabilizada pelo protelamento das negociações directas entre as duas partes.

Incêndio em hotel faz 10 mortos no Cairo

Um violento incêndio deflagrou hoje num hotel de cinco estrelas do Cairo, matando pelo menos 10 estrangeiros e ferindo 31 outras pessoas, muitas das quais turistas. A Polícia identificou os corpos de um francês e de dois finlandeses. Pensa-se que os outros sete mortos são também estrangeiros.

Khmeres vermelhos acusam o Vietname

Os khmeres vermelhos afirmaram hoje que o Vietname foi o culpado pelo malogro das últimas conversações de paz do Camboja, que decorreram em Jacarta. "A delegação vietnamita levantou questões irrelevantes para impossibilitar que a reunião tivesse êxito", disse o líder khmer vermelho, Khieu Samphan, em conferência de Imprensa.

Nova derrota do partido de Gandhi

Os resultados de oito eleições estatais apresentam hoje sinais claros de importantes mudanças na política indiana, com os fundamentalistas hindus triunfantes e o Partido do Congresso, durante decénios no poder, encaminhando-se para uma humilhante derrota. O Partido do Congresso do antigo primeiro-ministro Rajiv Gandhi, afastado da governação nacional em Novembro, pela segunda vez em 42 anos, governava todos os Estados que votaram para novas assembleias.

«FNAC — SOCIEDADE IMOBILIÁRIA DE INVESTIMENTOS, S.A.»

Assembleia Geral

Nos termos e para os efeitos dos Art.°s 376.° e 377.° do Código das Sociedades Comerciais, convoco os Senhores accionistas da, «FNAC — SOCIEDADE IMOBILIÁRIA DE INVESTIMENTOS, S.A.», titular do cartão de identificação de pessoa colectica n.° 502001496, com sede na Estrada da Outorela, Lotes 20/21, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Oeiras, sob o n.° 5809, com o capital social de Esc. 5 000 000 00, para reunirem em Assembleia Geral Anual, a realizar no dia 30 de Março de 1990, pelas 15 horas, na sua sede social, com a seguinte «Ordem do Dia»:

1. Deliberar sobre o relatório de gestão do Conselho de Administração, balanço e contas relativos ao exercício de 1989;
2. Deliberar sobre o Parecer do Conselho Fiscal relativo ao relatório, balanço e contas:
3. Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados;
4. Proceder à apreciação geral da administração Sociedade;
5. Deliberar sobre o aumento do capital social até ao montante de um milhão de contos e alterar, consequentemente, o Art.° 4.°, n.° 1 do Pacto Social.

É permitida a representação nos termos legais e estatutários.

Carnaxide, 28 de Fevereiro de 1990

O Presidente da
Mesa da Assembleia Geral
Maria do Céu de Sousa Fraga Pinto Ribeiro

«FNACGESTE — SOCIEDADE GESTORA DE PARTICIPAÇÕES SOCIAIS, S.A.»

Assembleia Geral

Nos termos e para os efeitos dos Art.°s 376.° e 377.° do Código das Sociedades Comerciais, convoco os Senhores Accionistas da «FNACGESTE — SOCIEDADE GESTORA DE PARTICIPAÇÕES SOCIAIS, S.A.», sociedade anónima titular do cartão de identificação de pessoa colectiva n.° 501655166, com sede na Rua Particular à Avenida de Ceuta, número um, EDIFÍCIO FNAC, freguesia de Alcântara, em Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o n.° 62.858, com o capital social de Esc. 576.000.000$00, para reunirem em Assembleia Geral Anual, a realizar no dia 30 de Março de 1990, pelas 16.30 horas, na sua sede social, com a seguinte «Ordem do Dia»:

1. Deliberar sobre o relatório de gestão do Conselho de Administração, balanço e contas relativos ao exercício de 1989;
2. Deliberar sobre o Parecer do Conselho Fiscal e do ROC relativo ao relatório, balanço e contas;
3. Deliberar sobre a proposta de aplicação dos resultados;
4. Proceder à apreciação geral da administração Sociedade;

A cada lote de 100 acções corresponde um voto, podendo os accionistas sem direito de voto agrupar-se para o efeito, sem prejuízo de puderem assistir á Assembleia Geral.

É permitida a representação nos termos legais e estatutários.

Carnaxide, 28 de Fevereiro de 1990.

A Presidente da Assembleia Geral,
Maria do Céu de Sousa Fraga Pinto Ribeiro

TEPCLIMA — PROJECTO E INSTALAÇÃO DE EQUIPAMENTOS ELECTROMECÂNICOS SA

ASSEMBLEIA GERAL

Nos termos e para os efeitos dos Art.°s 376° e 377° do Código das Sociedades Comerciais, convoco os senhores accionistas da «TEPCLIMA — PROJECTO E INSTALAÇÃO DE EQUIPAMENTOS ELECTROMECÂNICOS, SA», sociedade anónima titular do cartão de identificação de pessoa colectiva n.° 502198117, com sede na Rua do Arco do Carvalhão, n.° 235-C, freguesia de Santo Condestável, em Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o n.° 938, com o capital social de Esc. 465 000 000$00, para reunirem em Assembleia Geral Anual, a realizar no dia 30 de Março de 1990, pelas 9.30 horas, na sua sede social, com a seguinte «Ordem do Dia»:

1. Deliberar sobre o relatório de gestão do Conselho de Administração, balanço e contas relativos ao exercício de 1989;
2. Deliberar sobre o Parecer do Conselho Fiscal relativo ao relatório, balanço e contas;
3. Deliberar sobre a proposta de aplicação dos resultados;
4. Proceder à apreciação geral da administração Sociedade;
5. Proceder à ratificação da cooptação de Administradores e actual composição do Conselho de Administração.

A cada lote de 100 acções corresponde um voto, podendo os accionistas sem direito de voto agrupar-se para o efeito, sem prejuízo de poderem assistir à Assembleia Geral.

É permitida a representação nos termos legais e estatutários.

Carnaxide, 28 de Fevereiro de 1990

A Presidente da Assembleia Geral
(Maria do Céu de Sousa Fraga Pinto Ribeiro)

INTERNACIONAL

As revoltas populares na estável Venezuela

Aparentemente a situação político-social venezuelana é boa. No entanto, periodicamente, há saques e protestos na rua

Como se explica que num país tão rico como a Venezuela, com uma certa estabilidade político-social, haja assaltos a supermercados, manifestações violentas de rua ou confrontos com forças militares e policiais, como as que ocorreram há alguns dias nas cidades de Barcelona e Puerto de la Cruz, a 400 quilómetros de Caracas? Estes protestos, feitos espontaneamente por parte da população, sobretudo jovens, foram quase uma repetição dos que o país viveu há um ano, embora com razões algo diferentes.

A subida de preços, o desemprego e ao mesmo a libertação de personalidades políticas das mais corruptas do anterior Governo democrata-cristão, provocaram a ira popular.

Os políticos libertados foram acusados no Senado venezuelano e, posteriormente, pela Justiça de tráfico de divisas, ou seja, recebiam dólares legalmente mais baratos para importação, principalmente de produtos alimentares, e só empregavam 50 por cento desses mesmos dólares, sendo os restantes trocados no mercado negro. Claro está que as quantidades atingiam centenas de milhares de dólares.

Nesse negócio estavam também implicados executivos de multinacionais entre quais, C. Rapanelli, um argentino que fugiu para o seu país, onde se tornou o primeiro ministro da Economia do Governo de Carlos Menem.

Momento das pilhagens do ano passado, em Caracas: dois homens que tinham roubado uma máquina de costura são acompanhados por um polícia à paisana

Nos incidentes da semana passada não foram atingidas lojas de comerciantes portugueses (que se saiba) porque nessa zona eles escasseiam, mas os espanhóis não escaparam.

De qualquer forma é necessário dizer que as pessoas tentaram desta vez, embora sem grande êxito, impedir uma pilhagem desenfreada e procuraram levar alimentos de hipermercados pertencentes a multinacionais.

Mesmo assim na colónia portuguesa sediada em Caracas instalou-se um acentuado nervosismo e como consequência alguns imigrantes estão a pensar voltar definitivamente para Portugal.

Durante mais de vinte anos a Venezuela viveu numa certa properidade económica devido às grandes reservas de petróleo e às minas de ferro. No entanto, o país não tirou grande proveito dessas vantagens naturais já que, por um lado, as grandes empresas dos EUA eram donas dessas riquezas e, após as nacionalizações, passaram a controlar a distribuição e a fixar os preços e, por outro, nunca houve uma política de desenvolvimento da indústria de bens de consumo, nem da agro-pecuária.

Já no final da década de 70 o país foi atingido duramente por uma crise económica motivada, entre outras razões, por uma baixa do preço do petróleo a nível internacional, que encontrou o país numa situação de pouco desenvolvimento em sectores fundamentais levando, por exemplo, à necessidade de investir parte das suas reservas monetárias na compra de produtos alimentares; começou a aumentar a inflação, o desemprego, a dívida externa chegou aos 40 mil milhões de dólares, etc.

Alternância de Poder

Politicamente, embora tenha havido alternância dos dois maiores partidos, o Democrata-Cristão e a Acção Democrática (filiada na Internacional Socialista) a verdade é que os seus programas nunca chegaram a satisfazer as necessidades básicas dos 15 milhões de venezuelanos. Particularmente o actual Governo, chefiado pelo social-democrata Carlos Andrés Peres, assim que tomou posse, tentou impôr medidas draconianas no plano económico, trazendo como consequência estas reacções por parte da população. Assim, este tipo de revolta popular sai dos marcos legais estabelecidos pelo regime parlamentar e torna-se extremamente perigosa, não apenas para o Governo, mas também para o próprio sistema social.

Carlos Andrés Peres percebeu isso no ano passado e recuou na sua política: Mas, neste ano, sujeito a fortíssimas pressões dos EUA e até de chantangem, envolvendo a dívida externa, teve que libertar executivos norte-americanos de multinacionais. Também no plano interno houve pressões até do próprio partido no Poder, para libertar as personalidades políticas, facto que levou à revolta.

Desta vez a explosão foi limitada. Será que da próxima levará o país a um conflito de grandes proporções?

André Martin

EMPOR
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, S.A.

ASSEMBLEIA GERAL ANUAL

CONVOCATÓRIA

Convoco a Assembleia Geral Anual a que se refere o 376.º do Código das Sociedades Comerciais da **EMPOR — Importação e Exportação, SA,** sociedade anónima com a matrícula pendente de registo, com sede na Rua José Magro, Lote 2, rés-do-chão, em Lisboa, e com o capital social de 90 000 000$00, a ter lugar, pelas 11 horas, no dia 30 de Março de 1990, na sede social, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Deliberar sobre o relatório de gestão do Conselho de Administração, balanço e contas relativos ao exercício de 1989;
2. Deliberar sobre o parecer do Conselho Fiscal relativo ao relatório, balanço e contas:
3. Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados;
4. Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade de acordo com a lei, designamente na alínea c) do n.º 1 do artigo 376.º do Códigos das Sociedades Comerciais;
5. Proceder à eleição de novos membros para os órgãos sociais.

Encontram-se à disposição dos Senhores accionistas, na sede social, as propostas a submeter à Assembleia Geral.

É condição necessária para participar na Assembleia, que os accionistas tenham averbadas, registadas ou depositadas, em seu nome, na sociedade ou numa instituição competente para o efeito, até 8 dias antes da data marcada para a reunião, pelo menos cem acções.

A cada lote de 100 acções corresponde um voto, podendo os accionistas que possuam menos de 100 acções agrupar-se para o efeito de votação. A representação voluntária é permitida e deverá obedecer aos termos legais e estatutários.

O Presidente da
Mesa da Assembleia Geral
Dr. José Paiva Biscaia Filipe Pereira

«TEPCLIMA — ASSISTÊNCIA E MANUTENÇÃO DE FRIO, S.A.»

Assembleia Geral

Nos termos e para os efeitos dos Art.ºs 376.º e 377.º do Código das Sociedades Comerciais, convoco os Senhores accionistas da, «TEPCLIMA — ASSSITÊNCIA E MANUTENÇÃO DE FRIO, SA», sociedade anónima titular do cartão de identificação de pessoa colectiva n.º 502198109, com sede na Rua do Arco do Carvalhão, n.º 282-C, freguesia de Santo Condestável, em Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o n.º 936, com o capital social de Esc. 25 000 000$00. para reunirem em Assembleia Geral Anual, a realizar no dia 30 de Março de 1990, pelas 12.30 horas, na sua sede social, com a seguinte «Ordem do Dia»:

1. Deliberar sobre o relatório de gestão do Conselho de Administração, balanço e contas relativos ao exercício de 1989;
2. Deliberar sobre o Parecer do Conselho Fiscal relativo ao relatório, balanço e contas:
3. Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados;
4. Proceder à apreciação geral da administração Sociedade;
5. Proceder à ratificação da cooptação de Administradores e actual composição do Conselho de Administração.

A cada lote de 100 acções corresponde um voto, podendo os accionistas sem direito de voto agrupar-se para o efeito, sem prejuízo de poderem assistir à Assembleia Geral.

É permitida a representação nos termos legais e estatutários.

Carnaxide, 28 de Fevereiro de 1990

O Presidente da
Mesa da Assembleia Geral
(Maria do Céu de Sousa Fraga Pinto Ribeiro)

«FNAC — COMÉRCIO INTERNACIONAL, S.A.»

Assembleia Geral

Nos termos e para os efeitos dos Art.ºs 376.º e 377.º do Código das Sociedades Comerciais, convoco os Senhores accionistas da «FNAC — COMÉRCIO INTERNACIONAL, S.A.», sociedade anónima titular do cartão de identificação de pessoa colectiva n.º 502278293, com sede na Estrada da Outorela, Lotes 20/21, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Oeiras, com o capital social de Esc. 5 000 000$00, para reunirem em Assembleia Geral Anual, a realizar no dia 30 de Março de 1990, pelas 20 horas, na sua sede social, com a seguinte «Ordem do Dia».

1. Deliberar sobre o relatório de gestão do Conselho de Administração, balanço e contas relativos ao exercício de 1989;
2. Deliberar sobre o Parecer do Conselho Fiscal relativo ao relatório, balanço e contas;
3. Deliberar sobre a proposta de aplicação dos resultados;
4. Proceder à apreciação geral da administração Sociedade;

A cada lote de 50 acções corresponde um voto, podendo os accionistas sem direito de voto agrupar-se para o efeito, sem prejuízo de poderem assistir à Assembleia Geral.

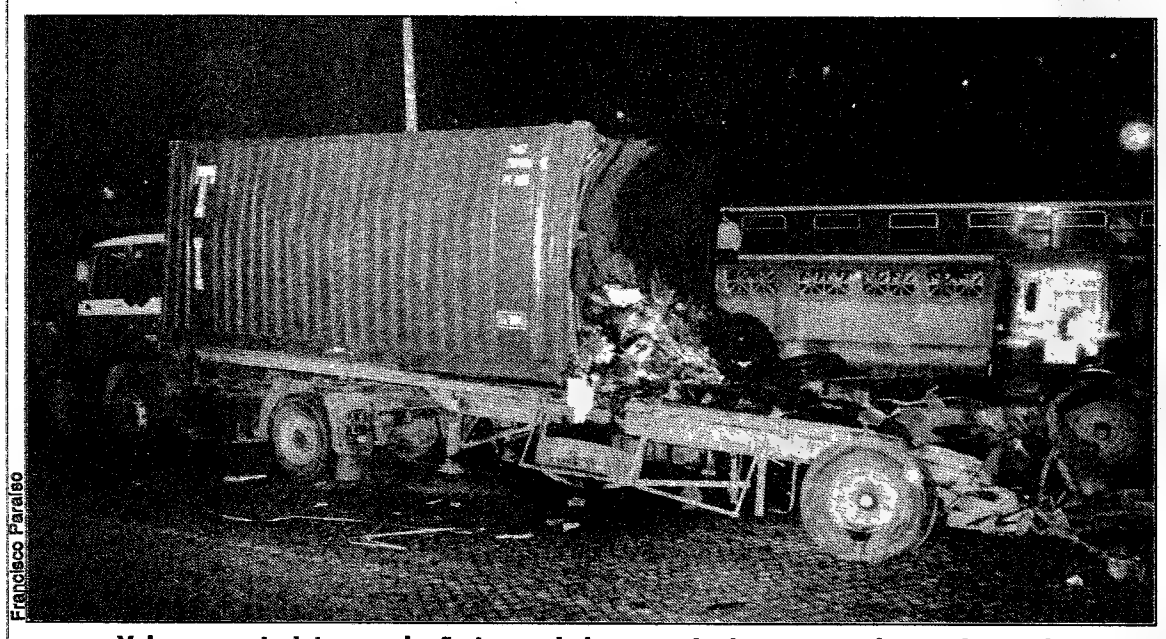
É permitida a representação nos termos legais e estatutários.

Carnaxide, 28 de Fevereiro de 1990
A Presidente da Assembleia Geral
(Maria do Céu de Sousa Fraga Pinto Ribeiro)

QUOTIDIANO

Um contentor explodiu, ontem, junto a Santa Apolónia. Ácido sulfúrico, fósforo, pólvora e zagalotes, viajavam juntos e incógnitos num camião cisterna que semeou destruição e provocou um morto e três feridos

Trinta toneladas de explosivos andavam a passear por Lisboa



Francisco Paraíso

Valeu ao motorista a explosão ter-se dado no contentor que segula na retaguarda

De quem foi a culpa?

«Os empregados têm a obrigação de saber o tipo de carga que vai no camião e de não a deixar seguir se não estiver de acordo com as normas de segurança» - disse ao «DL», esta manhã, Jacinto Cardoso, gerente da Monaso, empresa a que pertencia o camião que transportava o contentor que ontem explodiu. Jacinto Cardoso referiu que isto nada tem a ver com a gerência da empresa que «desconhecia por completo a carga que dizem que ía no camião. Ainda não tenho grandes pormenores sobre o assunto, mas se era mesmo a que dizem não posso concordar que fosse levada assim. Vou averiguar o que se passou e só depois é que a empresa tomará medidas». O nosso interlocutor recusou-se, no entanto, a dizer-nos a que empresa pertencia o contentor, informação que reputamos importante pois poderia ser esclarecedora. Garantiu-nos, no entanto, ter entregue a lista dos seus clientes aos investigadores.

Segundo uma fonte do SITRA, «havia uma série de ilegalidades no transporte daquela carga. De acordo com a legislação o material não pode ser transportado em conjunto, mas individualmente e nunca a uma hora de ponta. O camião, segundo dizem, nem levava a bandeira preta, que é obrigatória nestas situações».

«Os motoristas deviam exigir saber o que transportam, mas, a maior parte das vezes, dão-lhes a guia e limitam-se a conduzir a carga ao local destinado» - referiu a mesma fonte.

Para o Serviço de Protecção Civil «qualquer camião ceisterna é um risco. Há diplomas que proíbem o transporte da carga em conjunto, mas, mesmo assim, as empresas fazem-no. Não é possível fazer-se fiscalização».

O motorista não sabia o que transportava. A culpa foi, dizia ele, toda da Monaso, a empresa que, à sucapa, sem o seu conhecimento, tratou de carregar o contentor com «engenhos explosivos improvisados». Assim o denominaram os técnicos e assim o cremos nós, vistos que foram os danos causados.

Um morto, três feridos em estado grave, três comboios com 18 composições danificadas e todo o movimento ferroviário interrrompido foi, desde logo, o balanço do último e mais recente acidente ocorrido na cidade que é nossa.

Ontem, às 18 horas,uma autêntica «bomba armadilhada» percorria a Av. Infante Henrique. Sem que ninguém soubesse, mais um camião cisterna carregado em Camarate, com passagem pelo terminal de Santa Apolónia e com destino ao cais de Santos para dali seguir para os Açores, circulava, leviano, por Lisboa.

Mas quis o Destino que a bomba ambulante explodisse sem aviso prévio, fazendo estragos e estragando a benevolência e a falta de fiscalização reclamada até agora, só por alguns. O alerta foi lançado, logo ali, em Santa Apolónia, mesmo às portas da cidade.

Um sistema em causa

Sem dó nem piedade, cerca de trinta toneladas de material explosivo puderam manifestar-se. Ácido sulfúrico, fósforo, pólvora e alguns cartuchos de espingarda, carregados de zagalotes, em proporções que o senso-comum desaconselha e a lei até proíbe, vieram pôr em causa um sistema que, embora desconhecido e anónimo, se pensava, apesar de tudo, minimamente eficaz.

O Ministro da Administração Interna, Manuel Pereira, garantiu que «podia ter sido pior». Era previsível, e agora, infelizmente consumado. O secretário de Estado dos Transportes Terrestres, afirmou que as empresas, essas sim,«eram as verdadeiras responsáveis pelo incumprimento das regras e deveriam, por isso, ser fortemente penalizadas». O Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações que nomeou uma comissão de inquérito, apta a dar o seu parecer em 72 horas, também se mostrou impotente perante a catástrofe que lhe bateu à porta.

Há regras a cumprir, dizem, mas os acidentes pouco ou nada se previnem. A posteriori, «rigorosos inquéritos» são instaurados e vão sendo amontoados nas gavetas das secretarias de Estado ou dos Ministérios.

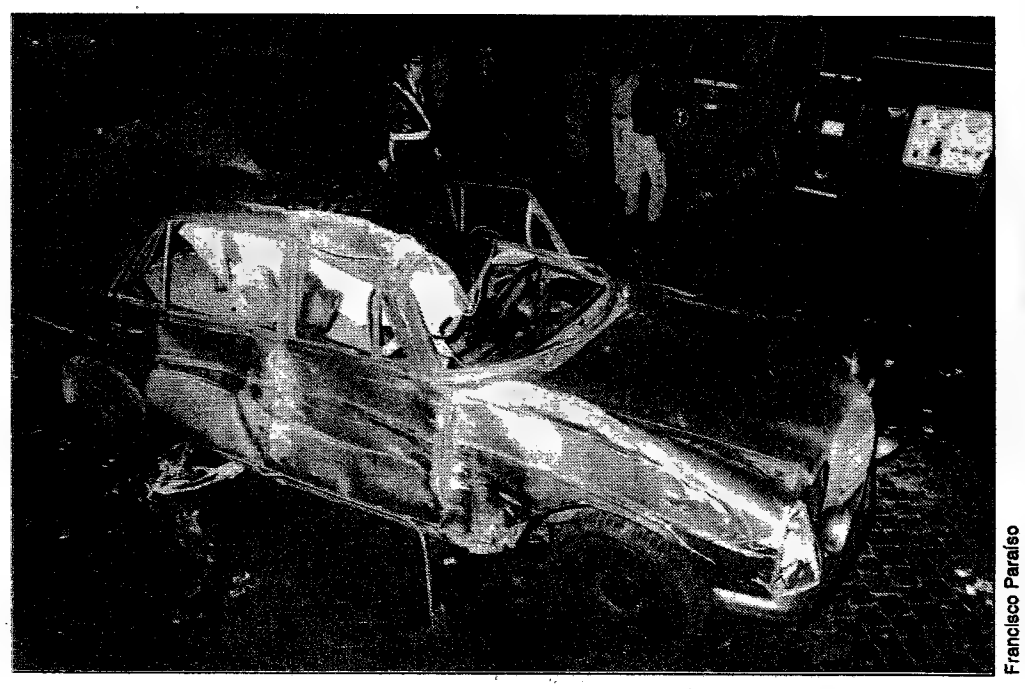
Papel higiénico?

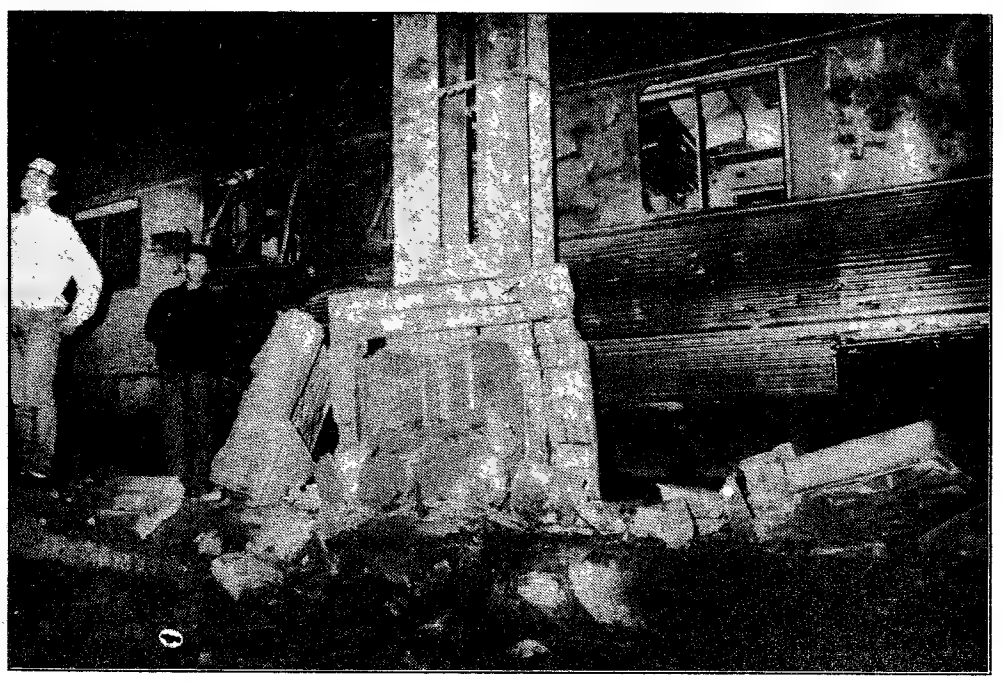
Um dos contentores do camião-cisterna explodiu quase no coração da cidade. O outro, que o motorista, escuso a identificações e que garantia não saber a carga que levava no contentor que explodiu, disse transportar papel higiénico e contraplacado, «inchava» ainda, na carroceria do camião. No entanto, ninguém o abriu no local.

Estava, ainda, fresca, a memória da tragédia. Ferros retorcidos, destroços carbonizados, ambulâncias, dezenas de polícias e alguns «corajosos» debruçavam-se, semi-incrédulos, perante o dramático panorama.

Crescia a indignação e reclamavam-se medidas. Pediam-se responsabilidades à Direcção-Geral de Viação, ao Ministério dos Transportes e Comunicações, à Guarda Fiscal, a qualquer dos organismos estatais ou seus representantes presentes no local, à Câmara Municipal de Lisboa, em particular, e ao Governo, em geral.

Um morto e três feridos em estado grave e elevados danos materiais foi o balanço da tragédia. Noutra hora e noutro local, mais concorrido, « poderia ter sido bem pior».





Francisco Paraíso

Um cenário de destruição, na rua e na estação de Santa Apolónia, após a explosão

Francisco Paraíso

O estado em que ficou o camião que transportava a «bomba-ambulante»

Morto já identificado

Foi já identificado como sendo António Eduardo Carvalho de Mariz Sarmento a vítima mortal da explosão ontem verificada perto de Santa Apolónia que envolveu um camião cisterna carregado de material inflamável e diversos veículos ligeiros.

Despachante oficial, António Sarmento tinha 53 anos de idade e dirigia-se para o seu escritório na zona baixa de Alfama no momento do explosão.

Carbonizado, o passageiro do automóvel que circulava imediatamente atrás do camião sinistrado, encontrava-se desde o fim da tarde de ontem no Instituto de Medicina Legal, onde foi identificado esta manhã pela familia.

O Peugeot, também irreconhecível, seguia logo após o camião a uma velocidade média de 30 a 40 quilómetros/hora e foi duramente atingido pela potente explosão que tudo desvastou numa área de mais de 50 metros.

Entretanto, dois dos três feridos ontem hospitalizados em S. José tiveram alta logo a seguir, depois de terem sido submetidos a um ligeiro tratamento, afirmou ao DL uma enfermeira daquele estabelecimento hospitalar.

José António Batista Cruz e José Carlos Silva Leite, de 24 e 25 anos, respectivamente e ambos moradores no Seminário dos Olivais, regressaram já a suas casas, segundo adiantou a mesma fonte.

Quanto a Gualdino Josué Dias, de 53 anos e residente nos Olivais Sul, permanece internado em S. José e embora com queimaduras em todo o corpo, «não está mal e encontra-se consciente». Dos três feridos, que se presume viajavam num carro parcialmente destruído, apenas o estado de Gualdino pode implicar alguns cuidados.

Francisco Paraíso

E se o abrigo dos utentes da Carris não estivesse vazio na altura do acidente?

Dois polícias presos por tráfico de droga

Dois agentes da Polícia de Segurança Pública foram ontem detidos pela Polícia Judiciária do Porto, por alegado envolvimento numa rede de tráfico de heroína.

Estas capturas efectuadas nas instalações da PJ, com prévio conhecimento do comando distrital da PSP, encerrou a primeira fase de uma investigação que se desenrolou durante meses e permitiu a captura de mais onze indivíduos.

Os dois elementos da PSP, António Pinto e Alfredo Silva Teixeira, ambos a prestar serviço na primeira esquadra, eram tidos como dos melhores profissionais e várias vezes distinguidos com louvores, nomeadamente por acções no combate à droga.

Um comerciante do Porto, Fernando Silva Ferreira, encontra-se entre os detidos e,tal como os restantes, viu a sua prisão confirmada e mantida pelo Juíz de Instrução Criminal.

Fontes próximas da Secção Regional de Investigação de Tráfico de Estupefaciente, admite virem a efecuar-se mais capturas.

B R E V E S

Brigadas especiais da PSP surpreendem traficante

Agentes de brigadas especiais da PSP prenderam, na noite de ontem, no Alto da Cova da Moura, um indivíduo que tentou passar droga a um polícia à paisana. O detido, natural de São Tomé, afirmou ter 19 anos, apesar de aparentar mais. A detenção, presenciada por jornalistas da Lusa, foi concretizada depois do vendedor de droga ter puxado da navalha para o suposto cliente enquanto, com a outra mão, exibia uma espécie de pastilha em droga e «drunfos». Nessa altura, um segundo agente policial atirou-se para cima do traficante neutralizando-o.

Novos elementos no caso DOPA

Um advogado, testemunha de defesa de um dos arguidos acusados de «corrupção» na alegada entrega de seis mil contos a um juiz para a libertação de Joaquim Queiroz de Andrada, no conhecido caso DOPA, disse ontem, à Lusa, ter devolvido à família Andrada três mil contos. Grácio Ribeiro é, neste processo, em julgamento do Tribunal da Boa Hora, em Lisboa, advogado de defesa da arguida principal, Lúcia Moreira. Esta ré era funcionária judicial no tribunal de instrução criminal e terá sido intermediária na entrega dos seis mil contos, em 1985, da família Queiroz Andrada para o juiz Luis Verdasca Garcia.

Imprensa não diária condena tarifas dos CTT

A Associação da Imprensa Não Diária protestou ontem contra o aumento de cem por cento do custo das taxas de envio de jornais e revistas através dos CTT. A «precária situação financeira» dos cerca de 600 jornais portugueses cuja venda é feita maioritariamente pelo correio será agravada com a prática dos novos preços -- afirma a Associação, em comunicado.

Considera, ainda, que «o Governo não pôde ou não quis evitar o referido aumento e que não teve em conta o facto da maioria dos emigrantes portugueses receber os jornais das terras de origem através do correio. A Associação sublinha que Portugal é o país da Europa com mais altos custos de envio de publicações pelo correio, apesar de ter o índice de leitura mais baixo.

Prova geral de acesso tem novo regulamento

Uma portaria do Ministério da Educação regulamenta a inscrição na prova geral de acesso em 1990. A prova realiza-se em duas épocas -- normal e especial -- sendo esta última destinada a estudantes que reunam as condições para se apresentar a candidatura pelo contingente especial para emigrantes portugueses e seus familiares.

A época especial aplica-se ainda aos estudantes portugueses ou estrangeiros que tenham feito o ensino secundário numa língua curricular não portuguesa ou que tenham feito o ensino secundário português no estrangeiro. A época normal tem duas chamadas e a especial apenas uma.

Armazém de Porto arde em Gaia

O armazém da empresa Delaforce situado na Calçada das Freiras, em Vila Nova de Gaia, foi parcialmente destruído por um incêndio, cuja orígem se suspeita criminosa.

Segundo a PSP local, o sinistro, verificado esta madrugada, foi detectado poucos minutos depois da meia-noite, antecedido por uma agressão ao vigilante nocturno daquelas caves de vinho do Porto, praticada por três indivíduos, não identificados.

Um responsável da Delaforce disse que os prejuízos, embora ainda não inventariados com rigor, devem ascender a dezenas de milhares de contos.

O fogo foi considerado extinto pelas oito horas da manhã e nele estiveram empenhadas todas as corporações de bombeiros da área: Coimbrões, Aguda, Valadares, Avintes e Carvalhos, para além dos sapadores de Vila Nova Gaia, num total de 60 homens e 13 viaturas.

Mancha poluente nos Açores

Uma mancha poluente com uma extensão de quatro por duas milhas foi localizada, ontem, pela Força Aérea Portuguesa a sul da ilha açoriana do Faial. Fonte do Comando Naval dos Açores, citada pela Lusa, acrescentou que a corveta «João Coutinho» seguiu para a zona, a 42 milhas a sudoeste do Faial, para recolher amostras do produto poluente.

A mancha foi avistada, terça-feira à tarde, pelo pesqueiro «Mar da Fortuna» que comunicou o facto às autoridades marítimas. Segundo responsáveis da Armada, as observações já realizadas indicam que a «a mancha se encontra já em fragmentação».

QUOTIDIANO

Alto-Minho debate auto-estrada europeia

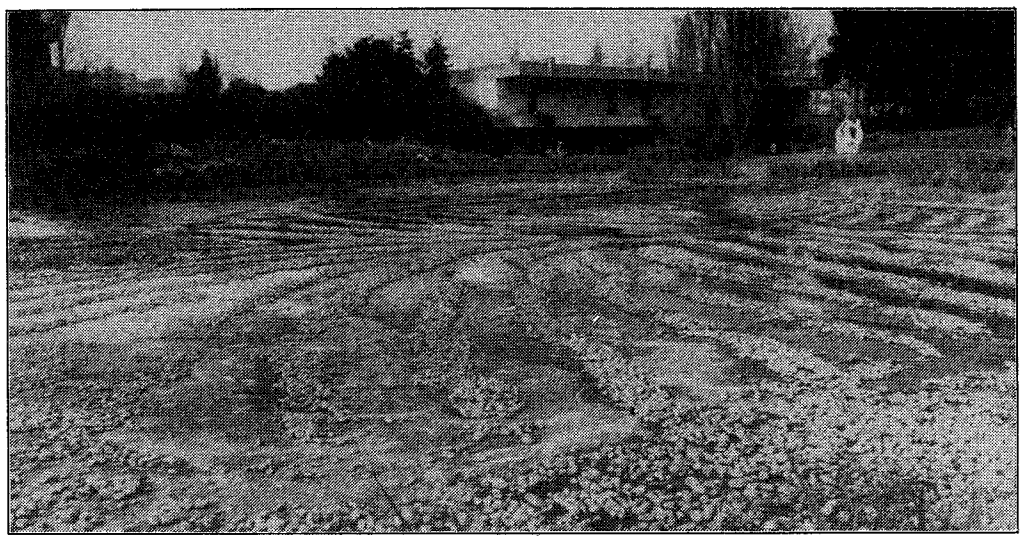
O pressuposto é uma estrada, melhor, uma auto-estrada europeia a ligar a velha Braga à nova Europa da CEE. Fundos, da ordem dos 650 mil contos em convertíveis ecus, já estão à ordem em Bruxelas para as pouco mais 16 léguas que separam Braga da fronteira galega, o que falta, agora, é saber o trajecto da grande via europeia.

E os interesses de toda a a ordem começam a manifestar-se, embora, por trás de longas argumentações turísticas e regionalistas, se avantagem, subrepticiamente, os desejos de beneficiar, seja como for, dos escudos comunitários.

A Associação dos Proprietários das Casas com Turismo de Habitação (TURIHAB), que teve o seu ínicio em Ponte de Lima e ali tem a sua sede, propôs ao município liminiano uma nova versão para a futura auto-estrada, de molde a beneficiar os seus associados. Por sua conveniência, a via seguiria de Braga para Marrancos, pelo interior, de resto de acordo com a duplamente milenar estrada romana, dali passaria por Fornelos, Feitosa e Arca ou Serdelo, «permitindo o crescimento dessas áreas rurais,muitas das quais são montes, baldio ou apenas pequenas áreas de terrenos de cultivo».

Dali,a estrada seguiria para São Martinho da Gândara, Ponte de Lina a caminho da fronteira galega, em Valença.

A Câmara de Ponte de Lima vai debruçar-se sobre o assunto na sua próxima reunião, embora seja duvidoso que questão deste tipo possa ter solução apenas a nível local.



Cenário à vista Nos lindíssimos jardins da Gulbenkian existem vários cursos de água artificiais que fazem as delícias dos mais ingénuos amantes da natureza. Só que bombear e purificar a água de montante para juzante, de forma quase ininterrupta, é caro em termos energéticos e em manutenção da respectiva maquinaria. Um sistema que agora parece ter avariado, para enfado dos naturistas subitamente confrontados com tão inóspita paisagem: um lago seco.

CINEVOZ

UM, DOIS, TRÊS,
Cola Cao®
OUTRA VEZ!
GANHE
1 AUTOMÓVEL
1 BICICLETA
TODAS AS SEMANAS

Um, dois, três... é desta vez!
Concorra e ganhe com COLA CAO.
Todas as semanas, no programa
UM, DOIS, TRÊS,
ganhe **um automóvel** e **uma bicicleta.**
Recorte um rótulo de COLA CAO.
No verso, com letra bem legível, escreva o seu nome completo, morada e número de telefone. Envie pelo correio *, dentro de um sobrescrito, para:

Nutrexpa
Grande Concurso Cola Cao
Apartado 8177
1802 Lisboa Codex

Quantos mais sobrescritos enviar, mais probabilidades tem de ganhar. Participe.
COLA CAO ajuda com força... a ganhar!

NUTREXPA

* São admitidos a concurso todos os sobrescritos recebidos até ao dia anterior ao do sorteio.

Em Mem Martins a escola continua em férias até o Ministério cumprir decisões a que se comprometeu

O Carnaval não acabou

Atrasos, desde o início do ano lectivo, na conclusão das obras de um novo pavilhão de salas de aulas - necessário em virtude do recente aumento da população escolar -, falta de pessoal auxiliar de acção educativa e degradação nas instalações para a prática de Educação Física determinaram, numa decisão unanimemente tomada pelos conselhos directivo e pedagógico e pela associação de pais, o encerramento, a partir de amanhã, da Escola Preparatória de Mem Martins, nos arredores de Lisboa.

A situação que se vive entre as «quatro paredes» dos pré-fabricados daquele subúrbio da capital, ontem tornada pública, em conferência de imprensa, pelos responsáveis pela gestão daquele estabelecimento de ensino, remonta já aos finais do passado ano lectivo e parece deixar transparecer uma certa ineficácia dos meios que o Ministério da Educação (ME) dispõe para enfrentar a degradação generalizada do parque escolar nacional, para mais quando confrontada com o aumento da população em idade de escolaridade obrigatória.

Com efeito, e após a decisão do próprio ME (em Julho de 1989) de fazer incluir na Escola Preparatória de Mem Martins sete turmas de alunos do 7º ano de escolaridade - por «ruptura, ao nível do ensino unificado, da capacidade dos estabelecimentos de ensino do concelho de Sintra» - as entidades responsáveis pela tutela foram informadas das «dificuldades» que se iriam colocar no funcionamento do presente ano lectivo, dada a «incapacidade logística da escola para os acolher».

Os alunos previstos para o estabelecimento eram 700, presentemente são mais de 1 300, os equipamentos exigidos continuam a faltar, o mesmo acontecendo com uma sensível carência de pessoal auxiliar, com a situação da escola numa zona isolada sem quaisquer garantias de segurança; as instalações para leccionação de educação física ficaram destelhadas pelos temporais de Novembro, as obras do polidesportivo de ar livre estão por concluir, os prazos de entrega de novas instalações têm sido sucessivamente adiadas.

Perante a situação, cuja resolução tem sido sucesivamente adiada pelas entidades responsáveis, o conselho directivo, o conselho pedagógico e associação de pais da Escola Preparatória de Mem Martins entederam que, por lá, as férias de Carnaval vão continuar, a partir de hoje, até que o Ministério da Educação se decida a cumprir o prometido.

QUOTIDIANO

Queijo de S.Jorge ao ataque

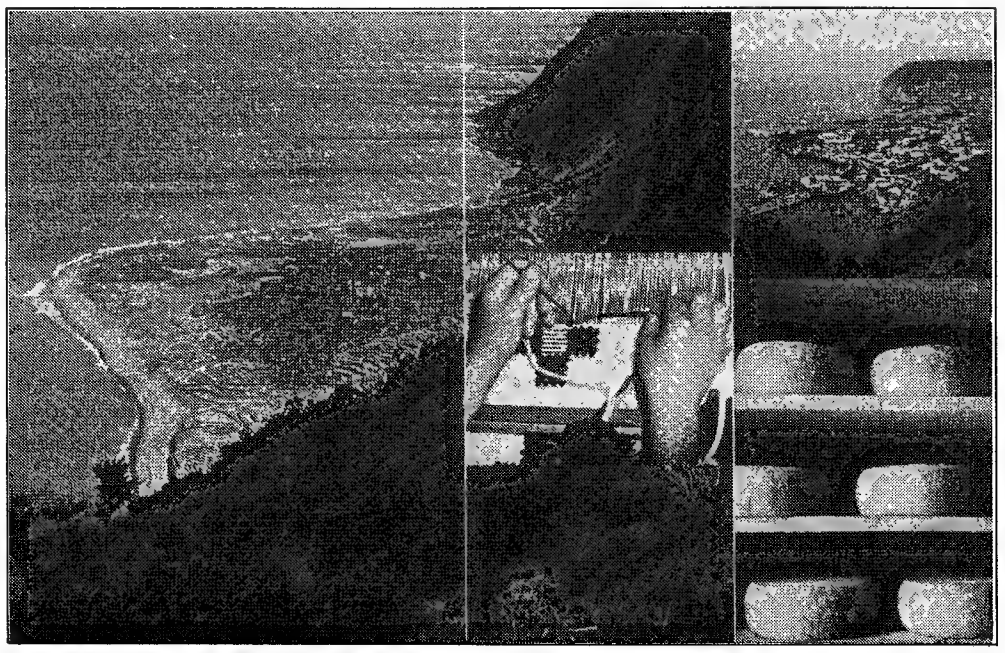
As cooperativas de lacticínios apostam na conquista de novos mercados. O que não parece ser difícil, a acreditar nos especialistas

A expansão do consumo do queijo de S. Jorge, porque condição do aumento do seu preço, constitui objectivo prioritário da União das Cooperativas de Lacticínios da ilha açoreana, segundo um responsável desta entidade ouvido por um jornal local.

A mesma fonte, que o jornal, o «Correio dos Açores», apenas identifica como «ligada ao projecto de certificação desse produto», aponta o aumento de preço do queijo de S. Jorge como factor de uma melhoria da situação da população local, onde 70 por cento dos 11 mil habitantes trabalharão na agro-pecuária.

Obtido do leite de vaca, aquele produto, assegurada a qualidade pela certificação, reune condições, de acordo com o mesmo orgão, «para se tornar num dos mais apetecidos e disputados queijos nos mercados internacionais da especialidade».

A penetração em novos mercados será no entanto indispensável, já que o tradicional, como se lê no referido texto, «dificilmente reagiria com a celeridade desejada no sentido da sobrevalorização» daquele lacticínio. O queijo de S. Jorge é fabricado em unidades, com o formato de rodas, de oito a 12 quilogramas, caracterizando-se pelá consistência da massa, que, como se diz na gíria, é de «pequeno olhado», e a cor amarelo-palha. Os especialistas achar-lhe-ão «personalidade bem vincada» e possibilidades de boa aceitação em países da Europa Comunitária, designadamente Espanha, França e Itália, para onde estará já a ser providenciada a sua exportação.



São Jorge: uma ilha conhecida pelos seus queijos

A União das Cooperativas da Ilha de S. Jorge, que agrupa seis das nove cooperativas de lacticínios da ilha, é a principal escoadora do produto, que representaa 4,3 por cento da produção global portuguesa, e 18 por cento da açoreana. Quanto aos destinos, são sobretudo o continente português, os EUA e o Canadá. A criação da União das Cooperativas da Ilha de S. Jorge obedeceu precisamente ao intuito de se melhorar as condições de produção e comercialização do queijo, sendo seu projecto a penetração dos mercados francês e espanhol, a partir de um estudo de viabilidade elaborado por uma empresa nacional da especialidade.

O «Correio dos Açores» informa ainda que a União das Cooperativas apresentou a co-financiamento da CEE um projecto de uma pequena fábrica de queijo, laboratórios de análise e departamentos de fundição e de preparação do produto para exportação.

Com a certificação do queijo, pretende-se promover acções tendentes à melhoria zootécnica dos bovinos produtores e das condições de produção, transporte e qualidade do leite.

Também deverão sert postas em prática medidas de contrôle da embalagem, rotulagem e de fiscalização do armazenamento e do transporte até ao consumidor, para garantir a detecção de eventuais fraudes e accionamento de mecanismos punitivos de acções desprestigiantes do produto.

MALHAS DA JUSTIÇA

Ela não perdoa...

António já passou, mais vezes, pela mesma situação. Muito alto, um pouco franzino e de ganga vestido, ele é, sobretudo, extremamente bem educado e de memória invejável. Sim, senhor, não se esqueceu. Respondeu já três vezes, em tribunal.

Enumera-as, e, poupando trabalho ao juiz, ele mesmo as descreve. Foi sempre por causa do haxixe. A primeira vez, foi condenado por consumo, por uma mísera barra de cem escudos, em 81/82, que lhe valeu uma multa de dez contos.

Da segunda, foi acusado de intermediário, corria o ano de 87 e ainda hoje aguarda resposta ao recurso interposto. Da terceira vez, o caso foi mais grave. Acusado de tráfico de estupefacientes, em 88, foi julgado no Tribunal da Boa Hora e foi condenado a prisão preventiva.

Agora, António, empregado da indústria hoteleira, está, de novo, frente ao Tribunal. Apanhado a conduzir sem carta, aos 25 anos, trata de justificar-se:

«Tenho o código feito, as aulas, só me falta fazer o exame» diz. Faz menção de tirar o documento comprovativo da Escola de Condução enquanto adianta: «Já fiz tudo, excepto o exame que tenho andado a adiar». O juiz interrompe-o, aconselha-o: « Devia adiar a condução, não o exame, não acha? ». António acena com a cabeça, diz que sim, senhor, dr juiz, tem toda a razão.

Mas diz também que a família acabou de lhe marcar a data de examinação, prevista para daqui a três ou quatro meses, que «estas coisas ainda demoram, como o sr dr juiz bem sabe»...

Mas o juiz não é homem de adiamentos. Preto no branco, António conduziu a viatura, sem para isso estar oficialmente habilitado. A sentença surge, sem contestação: Uma centena de contos, mais coisa, menos coisa, que António vai ter que pagar ao Estado. Mas, para além disso, fica sobretudo o aviso, também incontestado: da próxima vez, a Justiça não perdoa.

Emília Trindade

Sinistralidade infantil O Instituto Nacional de Defesa do Consumidor iniciou, ontem, uma campanha subordinada ao tema «Com as crianças todo o cuidado é pouco», com o objectivo de reduzir, em 10 a 20 por cento, e até 1991, a taxa de acidentes domésticos e de lazer. A iniciativa, que arrancou com uma viagem de eléctrico, por Lisboa, com alunos das escolas preparatória Delfim Santos e secundária do Alto do Seixalinho a distribuir pela população panfletos sobre a prevenção daquele tipo de acidentes, tem em conta que Portugal regista a maior taxa de sinistralidade infantil da CEE.

UNIVERSIDADE DE LISBOA
REITORIA
CONCURSO PÚBLICO

Concurso Público para empreitada de arranjo dos espaços exteriores do edifício da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (1.ª Fase).

Concurso Público nos termos do art.º 49.º do Decreto-Lei n.º 235/86 de 18 de Agosto, para a referida empreitada que vai ser executada nos terrenos anexos à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

O Concurso será dividido em 3 partes, podendo os concorrentes responder a uma ou mais partes separadamente.

A partir da data de publicação do anúncio do Concurso no «Diário da República» III Série, de 28/02/1990, fica aberta a candidatura de todas as empresas ou agrupamentos de empresas, nos termos contidos na citada publicação oficial, podendo também as condições de candidatura serem consultadas na Reitoria da Universidade de Lisboa.

Reitoria da Universidade de Lisboa
A Vice-Reitoria
(Assinatura ilegível)

Primeiro foi no ciclismo mas, agora, também o futebol desce, degrau a degrau, por causa da violência, da corrupção e da droga

Mentira desportiva cerca os está

Ninguém se admire: um dia destes, quando despertar de lenta passividade, o cliente do futebol irá deparar com os estádios fechados para obras de adaptação a outro tipo de espectáculo. É que, tantos e tão amontoados têm sido os atentados à pureza inicial de um jogo que os nobres britânicos ofereceram às mais heterogéneas plateias mundiais, que não custa acreditar: no ano 2000, os taipais podem estar corridos sobre a capoeira onde adormecerá para sempre a galinha dos ovos de ouro.

Lentamente, degrau a degrau, o futebol está construindo a sua queda a pique. Desde a inaudita violência que campeia por aí fora, arrebatando na sua onda o mais sereno e calmo dos espectadores, até às bastas vezes comprovada corrupção entre bastidores que já ficaram rasgados perante muitos juízes, tudo tem acontecido ao belo jogo que serve para bruscamente catapultar para a popularidade um qualquer sujeito que tome as rédeas de clube de gabarito, colocar na montra dos milionários um jovem com habilidade para dominar a esfera com os pés, cercar de olhares os antes anónimos cidadãos que, enveredando pelo caminho da arbitragem, se tornam (pelo menos uma vez por semana) reis e senhores dentro do rectângulo relvado, fugindo aí ao recalcamento de um quotidiano marcado pela obrigatória subserviência a entidades patronais que os desconhecem, a problemas familiares de toda a latitude, ao tom cinzento de uma vida que passava despercebida na margem da estrada.

Para o desgaste no desporto futebolístico várias causas podem ser confluentes: loucas contratações de técnicos que não provam a menor qualidade, desvairados recrutamentos de artistas mais que medianos, arbitragens cheias de arestas, violência nas bancadas (não raras vezes eclodindo a partir de claques superexcitadas por declarações públicas dos comandantes dos seus emblemas), acomodações para o público cada vez menos cativantes, incerteza permanente sobre o valor do espectáculo (face às tácticas defensivas inoculadas pelos treinadores em atletas que procuram a todo o transe fazer passar os 90 minutos do teste utilizando os mais variados métodos para consumo de tempo), a exorbitância do preço de bilhetes para duelos que se revelam insípidos e, no meio de tudo isto, aquele que pode considerar-se o maior flagelo deste final de século: a droga, o «doping», o recurso a substâncias atentatórias da saúde em troca de uma força fictícia, de uma imagem subitamente fulgurante mas que somente serve de episódica conquista sobre a mediocridade que arrasta profissionais do desporto ao longo de larga fatia das suas carreiras.

«Doping»: forçado ou voluntário

É conhecido o caso de jogadores de 1.º plano que até tomam drogas proibidas para darem bom aspecto nos treinos, enganando os treinadores que ficam pensando que é possível contar com eles a tempo inteiro e, afinal, caem rotundamente para o mais fraco rendimento em campo. Então, aí entra muitas vezes em acção o mau conselho: «*toma umas vitaminas, uns iogurtes, este chá...*» E sabe-se a fama que rodeia certos treinadores e enfermeiros-massagistas que são conhecidos como utilizando todas as vias possíveis para extraírem dos jogadores dos seus clubes o máximo rendimento. Mesmo que os atletas fiquem velozmente acelerando a sua ruína física.

Nunca se poderá afoitamente trazer a lume a autêntica verdade que encaminhou para os cemitérios jogadores que tombaram durante o trabalho, em pleno estádio. Todos tinham aprovação médica para a prática do futebol de alta competição, eram regularmente observados por clínicos de renome, controlados em centros de medicina especializados. E, todavia, como foi possível que morressem sobre a relva atletas com o perfil de Pavão, Rico, João Pedro ou Navalho? O quase desconhecido Adriano Morgado (que defendia as cores do Âncora Praia Futebol Clube) ou Armando Teixeira de Almeida, aparentemente vítima de hemorragia cerebral quando envergava a camisola do União Desportiva «Os Pinhelenses»?

Ao princípio, falava-se apenas de «doping» no ciclismo. Como era possível que homens não superdotados conseguissem trepar montanhas, escalar dezenas de quilómetros sob o mais inclemente sol, limitados à ajuda de um simples bidon com meio litro de água já quente? No nosso país, o «doping» começou a flutuar nas colunas da Comunicação Social na década de 70: e ficaram para sempre envoltos em meias trevas os casos que obrigaram o saudoso Joaquim Agostinho a perder duas Voltas no laboratório, por força da detecção de um produto (Ritaline) que, por cá, era considerado substância dopante. E, no entanto, o campeão sempre insistiu: «*tenho tomado a Ritaline para todas as provas e, lá fora, nunca acusou como* doping.»

Com efeito, aqui se chocam pontos de vista de especialistas médicos: o biólogo francês François Bellocq garantiu, numa entrevista ao «L'Express», que corticosteróides e anabolizantes podiam ser administrados a atletas mas, em contrapartida, o professor Lesseps dos Reis (que durante muito tempo foi o principal responsável pelo controlo «antidoping» em Portugal) afirmou que «*o* doping *deve ser considerado como um meio artificial de prolongar a capacidade do atleta em manter-se no exercício da prática desportiva, seja por sobre estimulação das funções orgânicas, seja por embotamento dos seus mecanismos de alarme*». («Diário de Notícias», 26 de Outubro de 1989)

Entre si, é vulgar os atletas confessarem-se sobre o que tomam para lhes «facilitar a vida», esquecendo a morte de um Simpson no Tour de France, a súbita ascensão (e brusca queda) dos corredores finlandeses Martti Vainio e Lasse Viren, o escândalo rubricado por Ben Johnson nas Olimpíadas ou o recente caso de conjunta drogagem de diversos halterofilistas nos Jogos da Comunidade Britânica.

Em 1981, um internacional do nosso futebol admitiu sem qualquer rebuço: «*sim, senhor: droguei-me várias vezes, em especial em competições europeias*» - disse o defesa Hilário, para o jornal «A Bola». A partir daí, da queda de um manto feito de retalhos, o controlo *antidoping* foi mais actuante no futebol e, em fins de 1985, de uma só assentada foram encontrados quatro futebolistas acusando positivismo nas suas análises: o agora beiramarense Freire e os então covilhanenses Quim Brito, Pereira e Niromar. Carlos Manuel da Silva Freire defendeu-se: «*só pode ter sido um resíduo de xarope para combater a tosse ou de vulgar comprimido para debelar a gripe.*» Freire jogava pelo Portimonense e o médico do clube (dr. Malha Gregório) veio também a terreiro: «*o atleta nada tomou que o prejudicasse, por minha iniciativa.*»

Ficavam no ar as reticências que, em contrapartida, não serviram para atenuar os casos dos jogos serranos: João José da Silva Pereira, José Joaquim Dias Lucas (Brito) e o brasileiro Niromar foram detectados como tendo Eptaminol no líquido orgânico que foi examinado. Escudaram-se atrás de uma defensiva a três vozes: «*se tomámos medicamentos proibidos, todo o* 'team' *do Sporting da Covilhã os está a utilizar.*» Os médicos do clube serrano (drs. Dias Rocha e Santos Silva) nada adiantaram, mas o técnico Albertino diria anos depois («O Jogo», de 11 de Fevereiro de 1989) que «*na Serra, o* 'doping' *existe há três anos*»! Albertino, em contundente entrevista, equacionava o vice-presidente Marques Malaca (também director do posto clínico dos «leões» da Estrela) e deixava no ar o nome do seu antecessor técnico (Vieira Nunes, cunhado de Artur Jorge). A resposta foi agreste: e os responsáveis serranos ameaçaram Albertino com o tribunal, mas tudo acabou por ficar em águas de bacalhau.

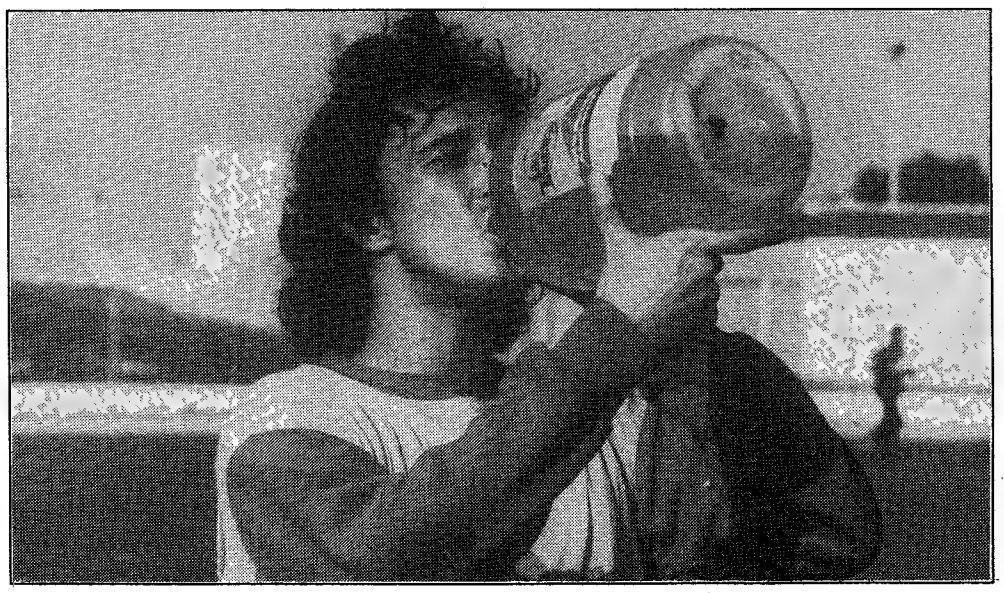
Pergunta-se: despontando lá por fora, quem trouxe para o desporto português as substâncias dopantes que começaram sendo corriqueiras? Não se atribua todo o lado negro da questão aos ciclistas, pois certamente não foi Marco Chagas ou Venceslau Fernandes, Manuel Zeferino ou Carlos Santos que deram ao guarda-redes boavisteiro Alfredo ou ao médio benfiquista Hernâni os «pozinhos» proibidos que criaram problemas difíceis aos futebolistas. Fernando Meireles, que foi despedido do Marco

Ordem dos Médicos: «Defender o doente»

O professor Manuel Miranda Ramos Lopes, membro da Ordem dos Médicos, interrogado sobre o papel dos clínicos relativamente ao esforço físico dispendido pelos atletas quando lesionados considerou que se trata «de uma questão deontológica e moral já que os clínicos devem defender sempre o doente. Na medicina técnica, ou do desporto a situação é análoga», acrescenta.

No entender daquele médico, «os interesses dos doentes estão acima de todos os outros».

«A posição da Ordem relativamente a estas questões da medicina e do desporto é sempre a de defender o doente», afirma. Quanto aos médicos que infringem os princípios éticos, sobre esta matéria, definidos pela Ordem, «podem incorrer nas sanções previstas», conclui Manuel Ramos Lopes.



Hernâni : um caso recente de droga no futebol

Há *dop*

Cá por casa, sucedeu ao futebolista Hernâni: após o Benfica-Sporting, desenrolado a 18 de Dezembro de 1988, acusou cocaína na urina. Sofreu um duro castigo federativo e obrigou à aceleração da lei do controlo antidopagem, que o Conselho de Ministros aprovou a 4 de Janeiro deste ano, com suspensões que podem ir até 20 anos, multas capazes de tocarem os 500 contos e, desde dirigentes a médicos e paramédicos todos passíveis de incorrerem em processo judicial. Institucionalizado o

CONCESSIONÁRIOS
TOITORRES TOYOTA
Edifício Toitorres E.N. 8 — Km 43,9 — Telefs. 25171/2/3/4 — 2560 TORRES VEDRAS

u a degrau,

ádios

Dias
leiro
ados
l no
i ex-
m-se
três
mos
udo o
unhã
dicos
Dias
nada
nico
epois
eiro
a o
mos!
dente
a o
ques
or do
s» da
ar o
essor
cun-
A re-
os re-
anos
om o
abou
acal-

ando
ouxe
gués
s que
quei-
do o
o aos
nente
s ou
Man-
San-
arda-
do ou
uista
hos»
aram
fute-
reles,
Marco

de Canavexes e passou a treinador adjunto no Rio Ave, não teve pruridos de linguagem e, para uma rádio, declarou:

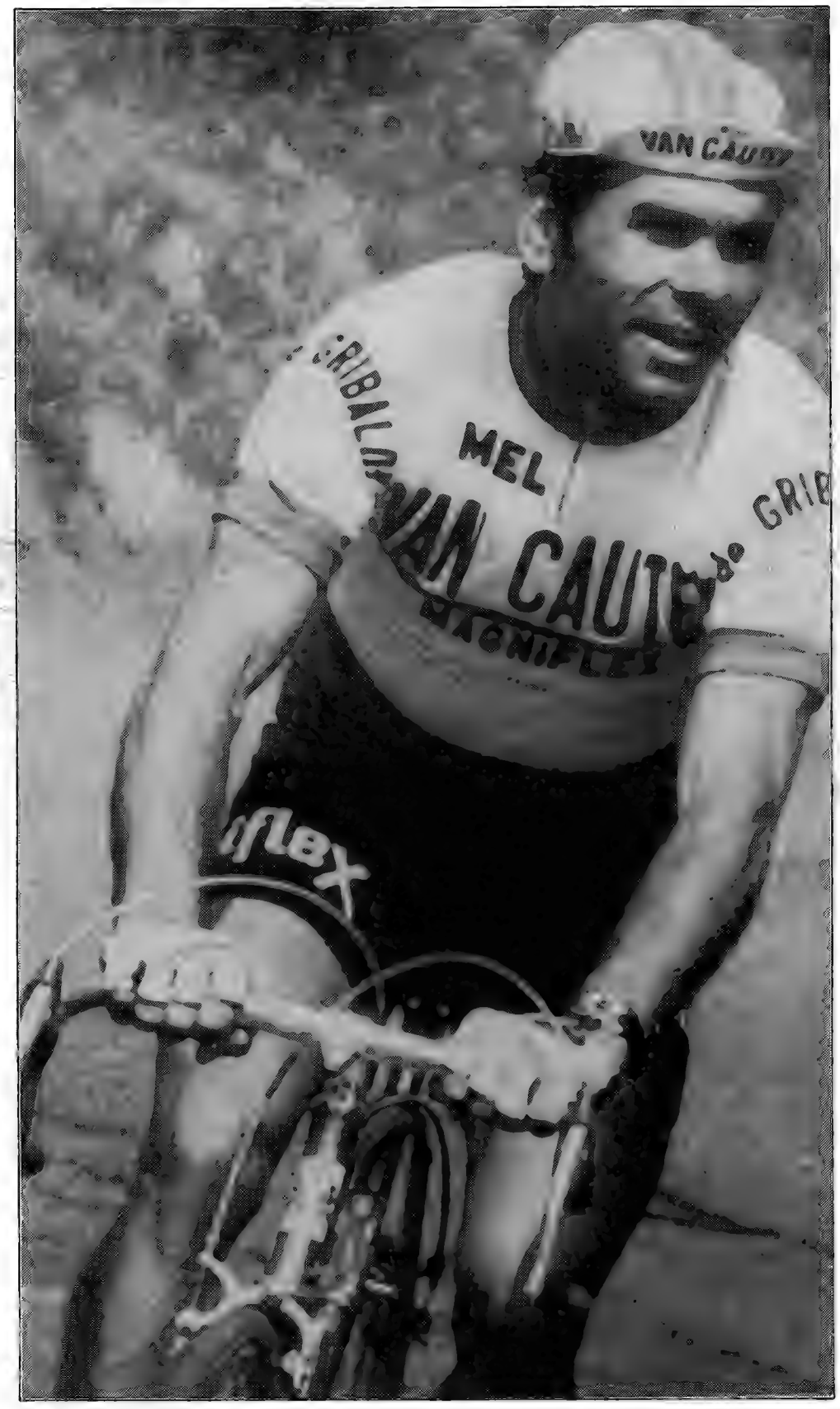
- *Quando os homens da bata branca* (controlo *antidoping*) *não aparecem ao intervalo, na 2.ª parte os jogadores parecem foguetões!*

Mário Alexandre (nosso colega em «A Capital») escreve:

- *Há quem ganhe dinheiro à custa da saúde dos outros, do desgaste precoce dos atletas. Mas, entre estes há dois grupos: aqueles que se drogam conscientemente (o que lhes permite uma carreira mais brilhante e até uma semana de vida airada) para darem o «litro» ao domingo e os que são dopados inconscientemente ou por pressões superiores.*

Sabe-se como é: bruscamente, mal regressam do balneário, há jogadores que passam do zero para o infinito. De um instante para o outro ganham uma estranha dinâmica. Jogadores que passaram a semana nas encolhas, em farras e patuscadas, tomam a «bombinha» e, ao domingo, nem um galgo os consegue acompanhar. E vem a talho de foice aquela famosa final de Taça de Portugal, entre o Benfica e o Sporting, quando inesperadamente foi resolvido efectuar um controlo *anti-doping* a quatro atletas: dois deles faltaram e, nessa noite, o treinador da sua equipa andou de porta em porta, solicitando às mulheres dos seus jogadores que lhes dessem muito leite, *«para desintoxicarem do esforço»*...

Neves de Sousa



O malogrado Joaquim Agostinho também foi apanhado nas malhas do *doping* em circunstâncias confusas

oping no futebol nacional

eu ao
pós o
enro-
ro de
a na
o cas-
gou à
ntrolo.
Con-
vou a
com
ir até
es de
os e,
icos e
síveis
cesso
ado o

Conselho Nacional Anti-dopagem (que funcionará em anexo à Direcção-Geral dos Desportos) é natural que o medo guarde melhor a vinha. Todavia, a disponibilidade do laboratório dirigido pelo dr. João Paulo Almeida não chega para metade das necessidades, mesmo que os clubes paguem os 60 contos necessários para cada teste. E, todos garantem que o desejam, mas a maioria fica muito aborrecida quando vê entrar no seu recinto os «examinadores»...

O laboratório português é um dos 22 acreditados pelo Comité Olímpico Internacional mas, para manter segurança nos resultados das análises, não pode funcionar sob pressão e (como salientou o professor Mirandela da Costa, ao «Record», a 20 de Janeiro) *«controlar todo o quadro competitivo é impossível»*. Quanto ao dr. Camacho Vieira, médico do Belenenses e da selecção nacional de futebol, é claro: *«há 'doping' no futebol. Num jogo com uma equipa estrangeira, entrei em campo para socorrer um atleta e fui agredido pelo guarda-redes da formação contrária, um sujeito que tinha sinais evidentes de não se encontrar no seu estado normal. Tinha espuma na boca e os seus olhos denunciavam alteração do estado psicológico.»* Comenta o clínico que está há 28 anos ligado ao futebol: *«é importante e fundamental informar os atletas que só os médicos dos seus clubes estão em condições de os medicamentar por força de situações de doença, gripes, alergias, enfim: que o cumprimento dessa medicamentação deve passar, também, pelos enfermeiros dos clubes, mas não permitindo qualquer interferência estranha.»* A verdade é que nunca se soube (com precisão absoluta) das causas da morte de jogadores altamente preparados (Pavão, Rico, João Pedro) ou jovens que, como o alcantarense Navalho, o pinhelense «Roleta» ou o ancorense Adriano Morgado, morreram no palco, perante o olhar embasbacado e aturdido de multidões.

Neves de Sousa

COMENTÁRIO

O primado do dinheiro

O desporto é encarado cada vez mais como um espectáculo sujeito às regras da economia de mercado em que vivemos. Os investimentos realizados têm que que ter retorno e , por isso, interessa rentabilizar ao máximo a actividade de todos os intervenientes no espectáculo. Longe vão os tempos da « mente sã em corpo são» e dos célebres princípios de Pierre de Coubertin que deram origem aos Jogos Olímpicos Quem quiser reviver os tempos do desporto amador tem que desistir do espectáculo e procurar algumas ilhas onde as modalidades desportivas são praticadas apenas por prazer e a pitada de competição inerente ao próprio jogo.

É por isso que não fazem muito sentido certas tiradas sobre a violência , a corrupção e a droga, como se o desporto estivesse imune aos malefícios da sociedade de consumo . Não interessa aqui e agora, neste breve comentário à chamada « mentira desportiva» , falar das vantagens e dos benefícios da referida sociedade e muito menos apresentar ou defender modelos perfeitos que a prática e os últimos acontecimentos nos países de Leste deitaram por terra , deixando órfãos de pai e mãe os que glorificavam os ditos sistemas com exemplos vários, entre os quais se destacavam os feitos desportivos de alto gabarito praticados por cidadãos exemplares feitos agentes de propaganda dos mesmos .

A Leste e a Oeste, por motivações diversas, o desporto é um espectáculo e tem, necessariamente ,todos os prós e contras inerentes a um negócio. O negócio, este ou outro qualquer, é praticado por profissionais. Uns, os investidores, dão o dinheiro e procuram , directa ou indirectamente, obter o necessário retorno ; os praticantes , por seu lado, executam o melhor que sabem e podem a modalidade desportiva que escolheram e recebem em conformidade com os lucros do negócio e as inevitáveis leis da oferta e da procura. Como em qualquer outra actividade empresarial, a violência, a corrupção e a droga são alguns dos pecadilhos visíveis do espectáculo desportivo. No futebol, no atletismo , no automobilismo , no bilhar e até no snooker os interesses envolvidos são de tal monta que o praticante desportivo, que vive dessa actividade, é encarado como um mal necessário ao negócio. O mercado é suficientemente amplo e a concorrência tão feroz que o único objectivo do desporto profissional é ganhar. Os meios não interessam para se atingir tal fim, pois só as vitórias dão dinheiro ,directa ou indirectamente.

´Quando falamos em lucros indirectos, estamos a referirmo-nos ao crescente interesse de empresários e políticos pelos velhos clubes desportivos, cronicamente deficitários. Excluindo eventuais altruismos e sendo notória a procura de projecção pessoal e de força política em algumas situações, o objectivo de muitas lutas pelo poder a que assistimos, em Portugal e no estrangeiro, é a conquista de organizações, que pela sua própria natureza , são instrumentos eficazes na lavagem de dinheiro sujo. Os milhões que o espectáculo desportivo movimenta semana a semana , praticamente sem controlo de ninguém, são de facto uma tentação para quem precisa de justificar os lucros obtidos em actividades condenadas pelos Estados e pelas sociedades mas que vieram para ficar.

Perante este quadro, importa definir regras, estabelecer mecanismos de fiscalização e procurar defender a dignidade humana tanto quanto possível. Mas não vale a pena chorar sobre um passado que não volta e glorificar os tempos das balizas às costas. Até por que, como escreve noutro local o professor Anibal Costa, referindo-se ao problema da droga, as muitinacionais farmacêuticas ganharam sempre as batalhas com os laboratórios de controlo do doping. E como a violência e a corrupção são instituições bem instaladas na nossa sociedade, se quisermos falar na mentira desportiva teremos que discutir a própria sociedade e as suas regras. A alternativa é assistirmos com prazer e sem meditação aos magnifícos espectáculos desportivos, ao vivo ou na televisão.

António Ribeiro Ferreira

A.M.A.
Auto Monumental do Arrocio S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nobrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Nem tudo se vê com as máquinas

Toda a Itália, enfeitada da mascote tricolor com o «esférico» por cabeça, espera e prepara-se para a festa do Mundial de Futebol de 90. Roma, designada a «capital do Mundial», esburacada e cheia de tapumes das obras de ampliação e melhoramento das estruturas, registou, apenas durante o último mês de 1989, bem 10 mortos e trezentos feridos e quatrocentos acidentes de trabalho. Por trás dos tapumes, nos buracos profundos alguns metros e ao cimo das gruas espalhadas pela cidade congestionada, os operários trabalham (e morrem, pelos vistos) em ritmo acelerado para entregar as obras, no fatídico prazo de 30 de Maio. De futebol morre-se, também e não só, nas bancadas onde o jogo às vezes se torna batalha campal; nem só entre os andaimes onde a pressa permite que se ignorem todos os dispositivos e normas de segurança e prevenção – mas também em campo, no relvado, entre os jogadores.

Foi quase assim para Lionello Manfredonia, o jogador do Roma que, passados cinco minutos de jogo contra o Bolonha, tombou no relvado, como um saco vazio, vitimidado por um enfarte do miocárdio. Branco e inconsciente, foi transportado no tempo recorde de sete minutos para o Hospital Maggiore de Bolonha, enquanto na curva dos seus apoiantes ecoava ainda o grito idiota «tens que morrer» (Manfredonia pertencera anteriormente à mais tradicional inimiga do Roma (a equipa do Lázio).

Manfredonia, o gladiador da moderna Roma não morreu, após quarenta e duas horas de coma abriu de novo os olhos e pendurou as chuteiras aos trinta e três anos. No dia 2 de Janeiro «La Repubblica» titulava «A síndroma Manfredonia» e interrogava: Como é possível que um atleta de altíssimo nível, sujeito a controlos periódicos por uma equipa de médicos, sujeito a dietas e treinos sofisticados possa sofrer um enfarte?» e ainda: «Não será mesmo a actividade do atleta, tão intensa e desgastante a provocar fenómenos ainda não completamente explicáveis?»

Quais são os riscos que corre e até onde é levada a resistência física e psicológica do jogador, empenhado simultaneamente no campeoanto nacional e na Taça Itália, além de se estar a preparar para a Taça UEFA e o Mundial?

Até onde é preciso apenas profissionalismo para enfrentar os 69 desafios (10 em média para cada equipa) previstos para Janeiro? No âmbito do meganegócio que se tornou o futebol nestes dias, certas perguntas são incómodas, quase inúteis, porém, perguntar – como diz Jô Soares – não ofende. Como explica que um atleta treinado e acompanhado diariamente por médicos tenha sido vítima de um enfarte? O médico que responde é o doutor Daniele, especialista em Medicina Desportiva da Comissão Olímpica Nacional Italiana:

Por lei, os atletas são submetidos anualmente a um conjunto de exames médicos para obter a idoneidade para a prática da sua especialização.

Portanto, o facto de Manfredonia ter sido considerado idóneo, indica, logicamente, que os resultados dos exames médicos foram negativos, no sentido em que não foi detectado nenhum problema cardíaco que pudesse invalidar a sua capacidade enquanto jogador de futebol.

Porém, Manfredonia sofreu um enfarte...

«Sim, evidentemente havia 'qualquer' coisa, mas nem tudo se vê com as máquinas. O corpo humano é muito complexo. Exteriormente pareceu grave, apesar de se ter posto a hipótese de não ter sido um enfarte, afinal, mas ninguém podia prever tal evento. Além disso, casos assim não são muito frequentes (*no futebol italiano, a partir de 69, este é o sexto caso e quatro foram mortais*). Mortes imprevistas existem no desporto, mas, repito, nem sempre são previsíveis, apesar de em alguns casos, se calhar, com um mínimo de prudência a mais..., mas nem sempre é assim, nem sempre é possível.»

A imagem do jogador de futebol, na Itália, oscila entre o detentor de grandes riquezas e o sujeito com uma vida atribulada entre exames médicos, dietas, algumas privações, retiros e, sobretudo, muito suor em campo. Onde ficamos?

«Não creio que se possa falar de um jogador como de uma vítima. O futebol é uma escolha, é uma profissão como muitas outras. Aos ritmos em que se pratica hoje, ela prevê determinadas obrigações que nalguns casos podem ser gravosas, mas também é preciso considerar que um jogador profissionalizado ganha num espaço de tempo relativamente curto aquilo que uma pessoa normal demoraria três vidas para ganhar.»

Os jogadores do Milan, de regresso da Taça Intercontinental no Japão, foram descritos com caras brancas, olheiras profundas e com poucas horas dormidas. Depois do jogo e da viagem ainda seguiram para Cagliari (Sardenha) onde iriam enfrentar uma outra equipa.

«... Mas isso não estava previsto!, e os jornalistas exageram sempre um pouco. Eles sabiam e tinham programado que enquanto decorreria o campeonato e a Taça Itália haveria também um jogo a disputar na Intercontinental.»

Rui Barros: a Juventus não lhe permite o repouso necessário à recuperação da lesão

Rui Barros, o jogador português da Juventus recorreu ao seu médico pessoal para obter uma declaração da sua necessidade de repouso para apresentar ao médico da Juventus. Trata-se de uma guerra de competências?

«Não, não conheço o caso de Barros, mas isso é normal, Gullit também faz o mesmo, é uma questão de confiança. Além disso, é previsto no contrato que os jogadores possam recorrer a outros médicos que não os da equipa. Por respeito deontológico os médicos da equipa consideram e confrontam os diagnósticos, mas a decisão é deles.»

Maradona que ultimamente tem sofrido de dores nas costas, tem jogado com a ajuda de uma anestesia local. Este tipo de prática nada tem a ver com o «doping»?

«Não, não se trata de 'doping', as substâncias para anestesia local não contam dos grupos previstos na lista da prevenção, anti-doping'. Muitas vezes é o próprio jogador que requer do médico alguma ajuda, para não comprometer o seu desempenho numa oportunidade importante momentaneamente posta em jogo por qualquer pequeno distúrbio físico.»

Poucos dias antes do caso Manfredonia, o médico da formação nacional italiana – prof. Vecchiet disse que considerando o vertiginoso aumento dos factores de 'stress', o número de jogos, o cansaço físico e a falta de recuperação completa entre um desafio e outro, acabará possivelmente por encurtar a carreira do jogador de futebol. Está de acordo com o prof. Vecchiet?

«Por enquanto ainda não me parece que a vida do jogador se tenha modificado tanto. De qualquer maneira é possível que isso se verifique.

Alessandra Balsamo

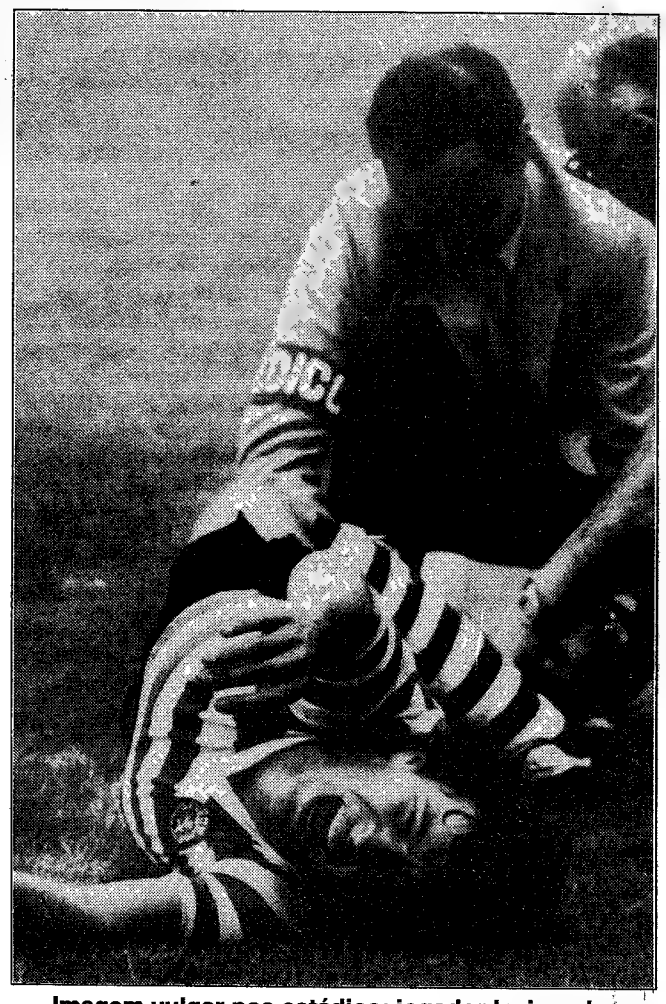


Imagem vulgar nos estádios: jogador lesionado, equipa médica em campo. «recuperação instantânea»

Quem vencerá?

A palavra «doping» vem do holandês «dopes» e, curiosamente, foi trazida das pistas de corridas de cavalos para os campos e pistas desportivas. «Doping» é para nós, o uso de substâncias com a finalidade de aumentar, artificial e deslealmente, o rendimento do desportista.

Como tenho frequentemente afirmado, não estou de acordo com o que tem sido ultimamente legislado, quer pelo Conselho de Ministros do Desporto (Malta, 1984), Comité Olímpico Internacional e legislação portuguesa actual, porque não está determinada a forma mais eficaz para a resolução deste grave problema. Não vou repetir que as substâncias utilizadas podem ser diferentes de uma para outra modalidade e até de variantes destas ou suas disciplinas.

Para quem conhece (e os altos responsáveis pelo Desporto devem sabê-lo, creio eu, o que não vi na entrevista dada pelo prof. Mirandela da Costa, director-geral dos Desportos, no último 13 de Janeiro) a confusão terminológica e do significado de ética é, na realidade, grande, o que, seguramente, deixou os interessados no fenómeno boquiabertos e estupefactos.

Numa síntese: são várias as principais causas do «doping» no universo desportivo, desde a rivalidade desportiva disputando a vitória a qualquer preço (não se olhando a meios para se atingirem os fins) até às vantagens sociais, económicas e políticas que os triunfos trazem para desportistas, clubes e países.

Mesmo que os sucessos sejam pagos por um preço muito alto: a própria vida. Mais: a intensificação do treino, do estudo da metodologia e a cientificação desse treino, que dificultam ainda mais a obtenção de um triunfo. E há os interesses das próprias transnacionais dos laboratórios farmacêuticos (e mesmo outras indústrias de níveis mais baixos) que talvez não o façam com esse interesse mas ganham biliões com os seus produtos.

Consequências do «doping»? Muito sinteticamente: a ingestão de determinadas substâncias suprime as reacções naturais de fadiga (não ainda doença, mas campainha de alarme) e daí se prolongar o esforço excessivo do atleta. Perturbações de coordenação das funções biológicas, psicológicas e ambientais. Abuso, habituação que conduza à toxicomania, embora rara no desporto (a não ser em casos de pugilismo), doenças graves (como o cancro) e dilatações cardiovasculares que podem levar à morte súbita.

Dia a dia surgem novos medicamentos, numa competição laboratorial inusitada: se o desportista toma as novas substâncias que (teoricamente) podem aumentar o seu rendimento, antes que elas entrem na fatídica lista de produtos proibidos, estão à partida seguros de que elas não aparecerão no controlo «anti-doping». Daí a minha discordância com a legislação portuguesa, que não prevê estes casos. Por outro lado, é simplesmente ridículo, escandaloso, farisaico e ofensivo dizer-se que o controlo «anti-doping» se iniciou em 1982 em Portugal, pois teve início muito antes (80/81): só numa Volta a Portugal foram detectados mais de 18 casos positivos!

Numa luta entre as transaccionais dos medicamentos e os laboratórios de controlo «anti-doping», quem vencerá? Não tenho dúvidas.

Os leitores tirem as suas ilacções e tomem as suas posições perante aquilo que considero detectar o indetectável.

Aníbal Costa
Ex-director-geral do Apoio Médico e presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina Desportiva

ECONOMIA

Belmiro de Azevedo considera que o Estado deve criar, sem interferir, condições para a globalização da economia e internacionalização das empresas

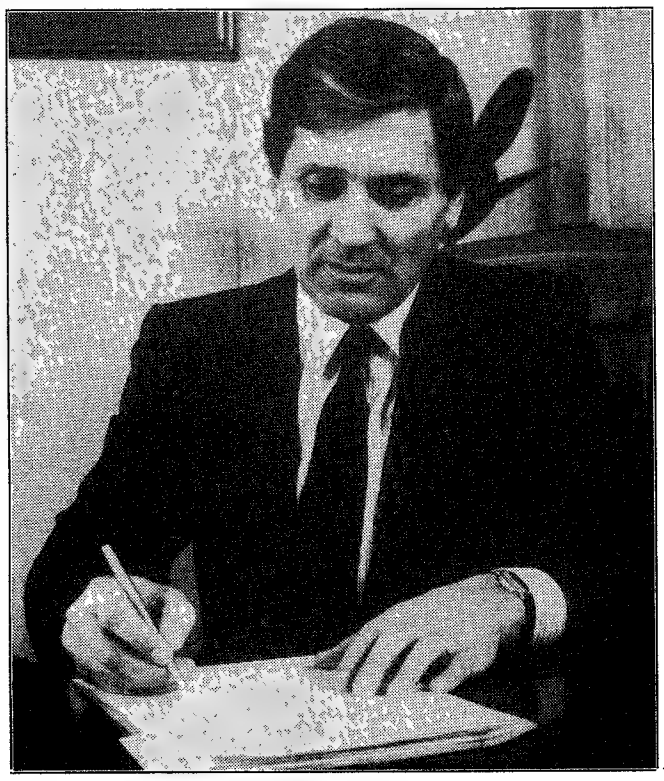
Desenvolvimento português exige grupos fortes

O desenvolvimento económico português exige grupos económicos fortes, de modo a que alguns centros de decisão possam ficar em mãos nacionais, defende Belmiro de Azevedo.

Falando na conferência sobre «Grupos económicos e internacionalização da economia portuguesa», promovida pelo Instituto Politécnico de Faro, aquele empresário considerou ainda que a globalização da economia exige a internacionalização das empresas, cabendo ao Estado o papel de criar as condições políticas e financeiras para que aquele objectivo seja alcançado.

«O Estado não deve interferir neste jogo», salientou, ao defender para a organização política apenas a definição das regras gerais. Segundo Belmiro de Azevedo, resolvida a questão da mentalidade e enquadramento da política nacional, torna-se necessário adoptar uma estratégia para as empresas, «por forma a torná-las competitivas e com capacidade de concorrer com as suas congéneres estrangeiras».

Entretanto, considerou que Portugal dispõe de alguns trunfos importantes no quadro da economia europeia, como seja a disponibilidade existente no domínio dos recursos naturais, do espaço para crescimento e da qualidade de vida, designadamente no que se refere a aspectos como o clima e a segurança.



Belmiro de Azevedo: sistema financeiro não é propício à internacionalização das empresas

Não deixou, contudo, de apontar algumas debilidades, das quais deu como exemplos a fragmentação do mercado, a pequena dimensão das empresas, as altas taxas de juro e o excessivo intervencionismo do Estado.

A Europa

Belmiro de Azevedo referiu-se ainda ao papel da Europa no contexto da economia mundial, considerando a construção do mercado único como um aspecto fundamental para se recuperar o atraso relativamente aos Estados Unidos e ao Japão.

Referindo que, actualmente, cerca de 80 por cento das mercadorias vendidas na Europa são provenientes do mercado comum, frisou, por outro lado, que os custos derivados da inexistência da livre circulação se cifram em cerca de 200 biliões de ECU.

«A Europa representa vinte por cento do produto nacional bruto do mundo, enquanto Portugal representa um por cento do europeu», salientou Belmiro de Azevedo, para quem a União Monetária Europeia é um objectivo a atingir o mais rapidamente possível.

Nesta conformidade, refere que se torna necessário modernizar o sistema financeiro português, pois que, acrescenta, o actual «não oferece os meios para se construir uma empresa internacional».

Para Belmiro de Azevedo, as empresas nacionais terão de elaborar no futuro as suas estratégias no quadro da internacionalização da economia e não apenas a pensar no mercado interno do país.

BREVES

Saprocol e Quimigal fundiram negócios

Os negócios da Saprocor e da Quimigal, nas áreas da alimentação animal e suinicultura, foram reunidos numa mesma empresa, mediante um acordo firmado ontem que estabelece a comparticipação de 70 por cento do capital pela primeira e dos restantes 30 pela segunda, sendo o presidente do conselho de administração nomeado por esta e o administrador delegado pela Sapocor.

O objectivo da concentração numa empresa, a Saprocor-Nutrasa, visa preparar os respectivos negócios para enfrentar a integração europeia, principalmente tendo em conta a concorrência espanhola. O objectivo será atingido, segundo afirmado, com o reforço estratégico da cada uma das respectivas marcas, Biona e Cuf-Sanders. As marcas terão uma acrescida capacidade produtiva e irão servir o mercado a partir de unidades situadas no Barreiro, Cartaxo, Nelas e Trofa, com a eliminação das limitações de crescimento que têm sido sentidas.

A empresa resultante desta concentração deverá ter uma facturação bruta anual superior a 20 milhões de contos. Entretanto, a Comissão Europeia deu parecer favorável às ajudas do Governo português à Quimigal, orçadas em 62 milhões de contos. A verba destina-se à reconversão, equilíbrio financeiro e a uma nova estratégia empresarial. A Quimigal padece de graves problemas estruturais e não está em condições de concorrer a nível comunitário. A Comissão considerou que as ajudas não afectam os equilíbrios do mercado e não contrariam o interesse comunitário. Recorda-se que os auxílios estatais a empresas e a sectores em crise necessitam de autorização prévia da Comissão Europeia que, essencialmente, averigua se não se trata de formas de apoiar uma concorrência desleal.

Promoção em Espanha

Portugal vai promover em Outubro, em Madrid, uma exposição de produtos industriais e de consumo de alta qualidade, inciativa que visa culminar a campanha de imagem iniciada em Novembro passado em Espanha.

Segundo o secretário de Estado do Comércio Externo, *«a campanha está a dar bons resultados, pois já provocou uma dinâmica de interesse crescente tanto nos empresários portugueses como espanhóis»*.

Governo não paga obras públicas

Os empreiteiros de obras públicas estão a pedir ao Governo que lhes pague o que lhes deve, o que, só no caso da Junta Autónoma das Estradas, já se aproxima dos 10 milhões de contos.

A «reivindicação» foi feita por intermédio da Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul, que lembra que o acumular das dívidas se tem vindo a agravar desde os últimos meses de 1989.

«A gravidade da situação não se compadece com procedimentos administrativos pouco condizentes com a imagem de eficácia e rigor que o Governo não se cansa de reivindicar e é, no mínimo, injusto que sejam as empresas de construção a suportar os custos das obras que o Governo utiliza como apanágio do seu dinamismo», afirma aquela associação num telex enviado a diversos membros do Governo.

O grande desafio de 1992 é agora dos empresários

Portugal beneficia de derrogação da directiva de liberalização dos mercados públicos

A aplicação da directiva que liberaliza os mercados públicos nos sectores da água, energia, transportes e telecomunicações vai ser derrogada por cinco anos, por decisão saída da última reunião do Conselho de Ministros do Mercado Interno, efectuada há dias em Bruxelas.

Esta decisão foi confirmada aos jornalistas por Vítor Martins, secretário de Estado da Integração Europeia, logo após a reunião, salientando, a propósito, que o desafio «é agora dos empresários».

«Ganhámos um espaço de tempo decisivo que permitirá aos industriais portugueses prepararem-se para a concorrência acrescida que resultará da liberalização dos mercados públicos nos quatro sectores», afirma Vítor Martins.

Os benefícios para Portugal, com esta medida, são relativos, pois a abertura dos mercados públicos nos sectores acima referidos, a partir de 31 de Dezembro de 1992, vai criar dificuldades às inúmeras pequenas e médias indústrias nacionais cuja actividade depende, em grande parte, de fornecimentos a empresas públicas como a EPAL, EDP, Petrogal, CP e CTT/TLP, entre outras.

Redes transeuropeias

Estas empresas empregam mais de 50 mil trabalhadores, o que equivale a 10 por cento do total do emprego na indústria transformadora nacional.

No sector de material eléctrico, mais de 40 por cento das vendas destina-se aos mercados públicos, enquanto no material pesado a percentagem é de 75 por cento.

O mercado público absorve 90 por cento das vendas de material para os transportes ferroviários, enquanto nas telecomunicações esse número atinge, nalguns casos os 85 por cento.

Vítor Martins sublinhou, por outro lado, que a Comissão Europeia se comprometeu a estabelecer «uma estreita relação entre a abertura dos mercados públicos no sector energético e a livre circulação de energia no espaço comunitário».

«DL»/Lusa

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49$15	55$15
ALEMANHA FED. (marco)	86$75	87$95
ÁUSTRIA (xelim)	12$35	12$55
BÉLGICA (franco)	3$977	4$227
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123$70	126$20
(notas de 5 a 1000)	124$20	126$70
DINAMARCA (coroa)	22$60	23$00
ESPANHA (peseta)	1$318	1$438
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$40	150$90
(notas de 5 a 1000)	147$90	151$40
FINLÂNDIA (marka)	37$05	37$65
FRANÇA (franco)	25$70	26$40
HOLANDA (florim)	77$00	78$10
IRLANDA (libra)	231$90	235$90
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$948	1$003
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	249$35	253$85
SUÉCIA (coroa)	24$05	24$55
SUÍÇA (franco)	98$75	100$25
VENEZUELA (bolívar)	3$157	3$957

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

CULTURA

Amália em S. Carlos ou a força da lenda

Amanhã à noite, pela primeira vez, as seculares paredes do Teatro de S. Carlos vão ouvir cantar o fado. Amália Rodrigues vence assim uma das poucas fortalezas que lhe faltava conquistar a caminho da lenda. Ontem, em conferência de Imprensa no salão nobre de S. Carlos, confessou bastante alegria e alguma insegurança: «Já estou sem dormir há dois dias.»

No apogeu oitocentista do teatro, que corresponde ao primeiro apogeu do fado, seria impossível imaginar a Severa transpondo os limites dos bairros onde a tradição já mandava que se ouvisse a sua voz. O fado transitou depois, em 1900, para os teatros de revista (o Avenida ou o Gymnasio) pelas vozes também lendárias de Júlia Mendes ou Maria Victoria. Nunca se aproximou do esplendor lírico de S. Carlos, e esta histórica estreia resume agora, também, a simbologia de uma nova época. Amália reconhece o risco de vir a ser acusada de sacrilégio: «Há muita gente que vai dizer aquilo que me disseram quando comecei a cantar Camões: 'como ousa ela?'. Talvez, ao cabo de 50 anos, eu já tenha passado a fase em que ouvia esse tipo de julgamentos. Mas a minha preocupação continua a ser o público - o seu julgamento próprio e sem preconceitos.»

A gala de Amália em S. Carlos faz parte das comemorações do cinquentenário da sua carreira artística e é organizada pelo Banco Comercial Português. Os bilhetes, distribuídos apenas entre convidados, são privilégio a que o público em geral tem solicitado o acesso (a própria Amália recebeu bastantes pedidos).

O ciclo de comemorações, que decorre desde meados de 1989, encerrou contudo algumas iniciativas de acesso menos reservado. Delas deu conta a comissão executiva, com uma espécie de balanço do ciclo de cinema na Cinemateca e da exposição no Museu do Teatro. Para Luís de Pina, foram recuperados alguns filmes quase perdidos ou quase esquecidos. Para Victor Pavão dos Santos, traçou-se a trajectória de Amália no resumo histórico que dá a compreensão da carreira. Ambas as iniciativas fazem «pivot» com a noite de amanhã em que, compreensivelmente, Amália vence o que se julgaria intransponível. «O exame não é para ela, mas para o público e para a sala», disse ontem um dos responsáveis do BCI, que fez as honras da casa.

Amália, de resto, não considera esta uma «prova» diferente das outras que a carreira lhe tem imposto: «Para mim, não existe a barreira definida a separar aquilo que costuma chamar-se 'canção ligeira'. O fado é cantado com a alma.» No ambiente intimista duma casa de fados, a sua actuação pode ser diferente - considera - mas não, necessariamente, melhor. Julga mesmo ter cantado pior uma vez na sua própria casa, perante uma ouvinte especial: Marguerite Yourcenar. Mas quando lhe perguntaram se seria ela a histórica pioneira de futuras temporadas de fado em S. Carlos, respondeu: «Penso que isso já não será no meu tempo.»

Francisco Paraíso

Uma proeza sem precedentes na gloriosa história de uma sala cobiçada por todos os cantores líricos

BREVES

Inédito de Carlos Queirós é hoje tornado público

«Epístola aos Vindouros e Outros Poemas», livro inédito do poeta esotérico Carlos Queirós, amigo e discípulo de Fernando Pessoa, é hoje apresentado ao público em sessão que se realizará no Centro Nacional de Cultura. A edição foi coordenada por David Mourão-Ferreira e pela filha do poeta, Graça Queirós, considerando o primeiro que a poesia de Carlos Queirós «descende - como o de mais nenhum outro poeta português contemporâneo - conjuntamente de Verlaine, de Mallarmé e de Rimbaud, colocando-se, não na órbita de um ou outro em particular, antes no ideal prolongamento dessas três experiências paralelas».

Camilo Cella cidadão honorário de Valência

O Prémio Nobel da Literatura, Camilo José Cella, não tem mãos a medir. Soube-se agora que será nomeado cidadão honorário de Valença, e que lhe cabe a honra de presidir ao encerramento da Primeira Semana Cultural daquela região galega, que decorrerá entre os dias 10 e 16 de Junho. Uma conferência sobre «O espírito da raça e a ideia do municipalismo» inaugurará a iniciativa.

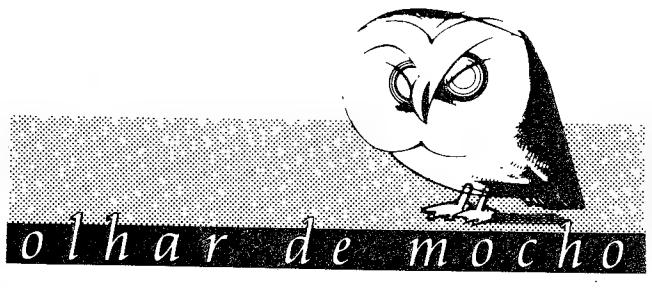
Cinco americanos no «Artefacto 3»

Jóias e desenhos contemporâneos

Com o apoio da Embaixada dos EUA em Lisboa, o «Artefacto 3» - Tv. da Água da Flor, 37 ao Bairro Alto - inaugura hoje uma exposição de desenhos e joias de cinco artistas americanos: Eva Eisler, Lisa Spiros, John Iversen, Pavel Opocensky e Thomas Gentille. Estes artistas - que leccionam na Parson's School of Design, em Nova Iorque - estão representados no Museu Victoria and Albert em Londres, no Graft Museum em Nova Iorque e participaram na «Ornamenta 89» em Pforzheim, na Alemanha.

À excepção de Thomas Gentille, que esteve em Portugal em 1983 a convite do AR. CO. - com o apoio da Gulbenkian, onde realizou uma exposição individual - os restantes artistas expõem pela primeira vez no nosso país. Integradas no seu projecto de divulgação de artistas joalheiros contemporâneos, nacionais e estrangeiros, o «Artefacto 3» tem já programadas mais quatro exposições: ainda em Março, joias de Graça Delgado; em Maio, uma mostra da actual joalharia holandesa; em Junho, jovens artistas espanhois; em Outubro, de novo joalharia portuguesa.

O «Artefacto 3» pode ser visitado, de segunda a sábado, entre as 15 e as 19 horas.



olhar de mocho

Os convidados da TV

Para além da Universidade que confere títulos académicos que depois, em geral, abreviadamente, se juntam ao nome da pessoa lembrando o «conde» ou o «marquês» da aristocracia ainda não esquecida, para além das comendas honoríficas que transformam os senhores Silvas em senhores comendadores, temos ainda os serviços noticiosos da TV que já criaram, por direito consuetudinário, uma nova classe aristocrática em Portugal.

Cai um avião algures, e logo aparece um especialista aéreo a dissertar sobre o que aconteceria em Portugal se, hipoteticamente, a mesma desgraça nos acontecesse. A medicina fez qualquer malabarismo cirúrgico no estrangeiro e podemos logo profetizar que a TV nos serviços noticiosos convidará um «deus» das nossas ciências de curar doentes para explicar o que se faz ou pode fazer em Portugal nesse campo.

Na política as coisas são ainda mais simples e simplórias: tomemos o exemplo das eleições na Nicarágua. Já todos tínhamos ouvido na Rádio os resultados, já todos sabíamos que os sandinistas, perdidas as eleições, ficariam na posição difícil de revolucionários fracassados, de revolucionários sem revolução. Mas a TV, nos dois canais, convida um «especialista» para repetir o que é do conhecimento geral.

O título nobiliário de convidado da TV aos serviços noticiosos caracteriza-se sumariamente pelos seguintes momentos de actuação: o convidado, dispondo apenas de breves minutos, não poderá, à partida explicar nada, ainda que seja um génio, em dois minutos, não se consegue livrar do lugar-comum; se o problema que o convidado é suposto abordar for complicado, esses mesmos dois minutos só irão servir para espalhar a confusão - se as certezas cada vez mais rareiam, as «certezas sintéticas» ainda pior; finalmente, ele fica na condição pouco invejável da pessoa a quem passaram a batata quente - os serviços noticiosos da TV passaram-lhe a bola, e o odioso de a informação ter desinformado ou não-informado ficou do lado de fora do edifício da 5 de Outubro.

Tudo isto se torna possível por nos serviços noticiosos da nossa TV, ainda não haver critérios claros para distinguir a informaão, do comentário, do editorial, do *forum* de opinião.

Tudo está na mesma panela, uma espécie de açorda de marisco sem mariscos. E trata-se de um dos mais lucrativos negócios da RTP: ela poupa dinheiro em formação profissional com jornalistas que saibam analisar a notícia.

Em vez disso, convida de borla (apenas a troco do título nobiliário de «convidado da TV») pessoas sem quaisquer responsabilidades na Comunicação Social, podem falar à rédea solta sem se comprometerem com o telespectador: os condes e os barões sempre gozaram de imunidade face ao povo.

José Sousa Monteiro

Quase quatro anos depois da destruição, eis o Teatro Maria Vitória como novo, pronto para a antestreia, esta noite, da revista "Vitória! Vitória!". Ontem, no ensaio geral, fomos encontrar todos muito nervosos, emocionadíssimos, que o caso não era para menos. Mas também muito confiantes no produto final

Realmente o teatro está vivo

A poucos minutos do início do ensaio geral, começámos por ouvir Vasco Morgado. Como é que se sente? O que representa para si a reabertura do Teatro Maria Vitória?

«Olhe, esta é de facto uma estreia diferente, o teatro está vivo mais do que nunca, é uma grande vitória do Hélder e minha e de toda uma grande equipa que trabalhou aqui durante um ano e dois meses, o tempo que tivemos para reconstruir este teatro e montar um espectáculo. Repito: o teatro está cada vez mais vivo e não moribundo como algumas pessoas dizem. Pela primeira vez - exceptuando o Nacional de D. Maria II - uma sala que foi destruída por um incêndio é reconstruída, e essa é o Maria Vitória e isto é uma prova que nós quisemos dar a todo o público e a todos os actores e pode ser uma homenagem, também, aos empresários e actores já desaparecidos. O Teatro Maria Vitória, para mim, é um marco da história teatral e um marco do teatro de revista».

- E sobre a peça, e o elenco, qual é a sua opinião?

«Bem, estamos contentes, mas nunca se sabe... só depois da estreia. Mas é um espectáculo muito cuidado, e uma aposta mais uma vez nos jovens, que são o futuro do País, e neste caso, muito especialmente, do teatro. Sobre a peça, penso que é uma revista com pés e cabeça, muito bem construída. Não quero adiantar mais nada, mas estou confiante».

Logo de seguida, falámos com Helder Freire Costa:

- Esta reabertura tem características muito diferentes duma estreia normal, não será assim?

«Com certeza que sim. Esta, para mim, é uma noite de grande comoção pois, como sabe, eu era o empresário na altura do incêndio e regresso ao meu Maria Vitória, onde passei uma grande parte da minha vida teatral. Estou muito comovido, impressionado, e só desejo que esta noite de ensaio geral seja também de grande alegria para o público, por ver que realmente o teatro lhe foi devolvido».

- Já lá vão quase quatro anos. Depois de incêndio, pensou que a reconstrução demorasse mais, ou menos tempo?

«Como sabe, logo após o incêndio, movimentei tudo o que foi possível. Tive reuniões na Câmara Municipal, fiz imensas cartas para as mais diversas entidades, mas entretanto conseguimos só promessas e as coisas não andaram. Mas eu dizia sempre: o Maria Vitória irá reabrir. É claro que me foram dadas as condições para poder reabrir, porque em Janeiro do ano passado entregaram-me o teatro e disseram-me: agora é consigo. E eu disse: não descansarei enquanto não devolver o teatro ao público. E já está. Dentro do possível, tardiamente, mas a culpa não é nossa. Por nossa conta estivemos cerca de um ano a reconstruir o teatro, acho que foi um recorde».

Muito cuidado e carinho

- Quer falar-nos sobre a peça?

«Pensamos que vai ser um êxito, o público vai ter ocasião de ver que é um espectáculo que foi tratado com muito cuidado, com muito carinho, porque tem a grande responsabilidade de ser a revista da inauguração do novo Maria Vitória e isso diz tudo. Acho que vai ser mesmo uma noite de "vitória, vitória". Amanhã (dia 1 de Março) é a antestreia, com a presença, na primeira sessão, do Presidente da República e a estreia realiza-se no dia seguinte».

Francisco Nicholson é um dos autores da nova revista. Nessa qualidade, também, mas principalmente porque ele é um homem do espectáculo, pedimos-lhe que se pronunciasse.

«Eu acho que este é um momento muito importante, porque vem desmistificar e desmontar uma série de cabalas que fazem parte duma certa moda, que foi construída ao longo destes tempos e que tende a destruir um espaço que eu considero o mais importante, não só pelo aglomerado de casas de espectáculo de teatro, como também pelas possibilidades que dá aos profissionais. Porque sem espaços não se pode fazer teatro e aqui no Parque Mayer estão neste momento a funcionar três teatros e hipótese de abrirem mais dois, ou seja duas salas no Capitólio. Ora o Maria Vitória, como grande vedeta do Parque que sempre foi, ao reabrir vem demonstrar que realmente o teatro está vivo, porque foram as gentes de teatro que conseguiram recuperar esta sala, não foi o Estado com os seus subsídios, não foi a Câmara Municipal com as suas promessas, foram realmente as pessoas de teatro, com a sua força, com a sua vontade, que conseguiram reerguer o Teatro Maria Vitória, e isto é muito importante, porque é a prova provada de que o teatro está vivo. Depois há outras coisas para se provar, mas neste momento basta-nos provar isso».

- Que coisas?

«Provamos a seguir. Vamos por fases. Há muitas coisas que vão ficar provadas a partir de agora. Há um desmontar de mentiras, de cabalas, de injúrias, de más vontades, de jogos de interesses, de modismos, porque caiu em moda falar-se que o teatro de revista tinha acabado, mas não acabou, está vivo, continua a ter o maior número de espectadores, a ter o maior interesse por parte do público, a maior apetência popular e não só. Bom, mesmo essas elites... porque o público divide-se entre os que vêm ao teatro de revista e os que dizem que não vêm mas vêm. Ora isto vai ser desmontado a partir de agora, de certeza com muito mais evidência e isso é que é importante. para acabar, só posso dizer que hoje é, para nós, um dia muito feliz. Estou muito emocionado».

Francisco Paraíso

Marina Mota num dos belos quadros da revista do Maria Vitória

Nervoso mas também confiança

No corredor de acesso aos camarins, encontramos, nervosíssimo, o Henrique Santana. Autor e responsável pela encenação da revista "Vitória! Vitória!", diz-nos como encara a reabertura de um teatro que por certo tem, para ele, as mais gratas recordações:

«Muito emocionado e muito nervoso. Agora, que estamos a três ou quatro minutos de começar, é exactamente como me sinto. Desde Maio de 1986 até hoje, quase quatro anos, a lutarmos para que acontecesse isto que vai acontecer agora. É uma emoção muito grande».

- É claro que sempre acreditou que o Maria Vitória havia de reabrir...

«Acreditei sempre, e sempre lutei, na primeira linha, para que acontecesse. Como sabia que subsídios não havia, disse que o melhor era irmos pelos nossos meios, de maneira que fomos à portuguesa, e cá estamos».

- Como autor e encenador da peça, o que é que nos pode adiantar sobre o espectáculo prestes a começar?

«Agora não lhe posso adiantar mais nada, porque vamos começar, mas é evidente que estou muito satisfeito».

Marina Mota, Carlos Cunha e Fernando Mendes são, a par de Rosa do Canto e Carlos Ivo, as figuras que encabeçam o jovem elenco. Nos respectivos camarins, mesmo em cima da hora, recolhemos também as suas opiniões sobre o "histórico" momento:

«Eu acho que é uma sensação indescritível», afirma Marina Mota, adiantando logo: «Por muito que a gente quizesse dizer coisas botitas... mas realmente os sentimentos são muito difíceis de descrever por palavras. Estou extremamente nervosa, mas por outro lado estou com muita fé em Deus, acho que Ele vai-nos ajudar porque nós merecemos, trabalhámos muito, e estamos com muita fé em que esta peça seja um êxito. Era aqui que estava a trabalhar quando o teatro ardeu, portanto agora tenho uma grande vontade de o ver de novo com gente, e com coisas a mexer».

- Como é que se sente agora, como primeira figura e ainda mais com a responsabilidade acrescida de assistente de encenação?

«Como actriz, terei que dar o meu melhor, e de apresentar ao público com muito e muito respeito aquilo que eu posso fazer, porque eu tento sempre dar o melhor de mim. Como assistente de encenação, tenho uma preocupação muito maior, porque para além de me preocupar com o meu trabalho, tenho que me preocupar com o trabalho de todos os meus colegas. É a segunda vez que desempenho estas funções, pois como sabe já tinha sido assistente na "Prova dos Novos", dessa vez com Maria Helena Matos. Para além da responsabilidade, penso que com estas experiências tenho aprendido muito»

- Como se sente a Marina na qualidade de primeira figura do Teatro Maria Vitória? Tem muita importância para si?

«Bem, para além de tudo, este teatro é importante talvez por ser o mais antigo do Parque, porque tem todas as características de teatro de revista, que é um teatro popular, o público está muito habituado ao Maria Vitória e depois por uma questão emocional. Estava cá quando o teatro ardeu, vi toda aquela tragédia, vio-o sem nada, completamente destruído e agora é uma sensação óptima vê-lo de novo a funcionar».

- Como é a peça?

«Acho que tem coisas boas, tem algumas inovações, na medida do possível melhoraram-se as condições técnicas. É óbvio que é uma revista popular, uma revista à portuguesa. Revista só pode ser revista, sempre. É a minha opinião. Pode-se inovar, naturalmente, mas sem descaracterizá-la. Revista é sempre revista, procurando ir ao encontro do gosto das novas gerações, naturalmente».

Agora com Carlos Cunha e Fernando Mendes, para fecho de reportagem, com um pé no camarim e outro no palco.

Fala Carlos Cunha: «Sobre a reabertura do Maria Vitória se calhar já foi tudo dito, mas como deve estar está a ver, é uma glória para todos, mais para os empresários mas também para nós porque temos um posto de trabalho. É bom ver um teatro renascer, contra o costume, porque a gente costuma é vê-los irem-se embora e ficarem supermercados. Agora sobre a peça não posso dizer nada. Além de estarmos nervosíssimos, só posso adiantar que o público, no final do espectáculo, é que sabe. Se gostou, se não gostou, mas penso que neste caso vai mesmo gostar. Nós vamos dar o nosso melhor. Depois, olhe, dizem que o teatro atravessa uma crise muito grande, mas a verdade é que ainda há pessoas que acreditam e que investem dinheiro no teatro. É porque a crise não é assim tão grande».

Fernando Mendes, que também fazia parte do elenco da revista em cena aquando do incêndio de 1986, concorda com o Carlos Cunha, mas sempre diz «que realmente representa para nós uma grande vitória a reabertura de um teatro em que muita gente já não acreditava. Mas felizmente para todos nós, actores, empresários, a para o público também, é mesmo uma grande vitória este teatro estar de novo em pé. Estamos todos muito entusiasmados e vamos trabalhar para a revista continuar aqui. Em relação ao meu trabalho na peça, geralmente não gosto de dizer nada antes, mas acho que tenho bons números, de que gosto, mas o público, como disse o Carlos, é que sabe... Somos uma equipa de novos, e cá estamos para provar que somos capazes de continuar com o teatro de revista».

E pronto. As pancadinhas da praxe já ecoam pela nova sala, bem mais atraente e confortável, do Maria Vitória. O ensaio geral, com a sala quase repleta, correu como estava previsto. Muitos aplausos, ruidosas gargalhadas a coroarem os momentos mais hilariantes, tudo a provar que, como foi dito por todos os responsáveis pela "Vitória! Vitória!", o teatro de revista está vivo e recomenda-se.

Rodrigues Borges

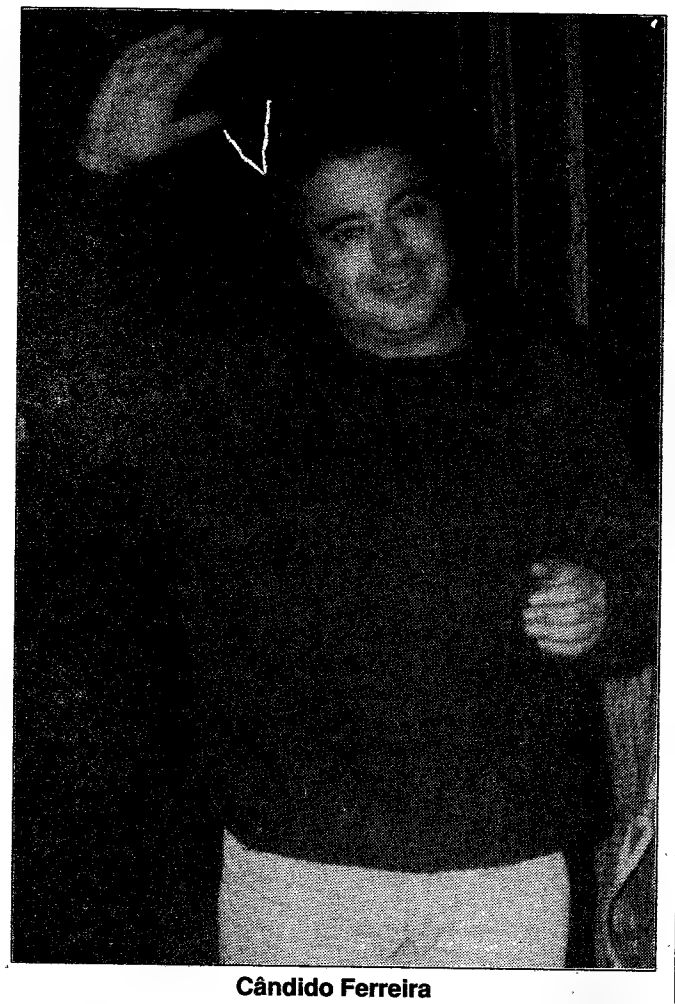
Eng.º José Teles Limão

Missa do 7.º dia

No Colégio Pio XII no dia de hoje às 18.30, será rezada missa pelo seu eterno descanso.

A SEC recusou a Cândido Ferreira um subsídio de montagem para produzir «Os Passos em Volta» de Herberto Helder. Isto noticiámos ontem. Hoje publicamos a propósito o depoimento de Cândido Ferreira

Apostei tudo nisto...



Cândido Ferreira

É muito preocupante o estado a que nós chegámos. Eu digo nós, os que vivemos de e para o teatro. É verdade que séculos de Inquisição mais 50 anos de Salazar, ajudaram muito a embrutecer as cabeças, os espíritos e os corações. O fascismo impediu que as pessoas crescessem e sempre foi criando os seus quadros «artístico-culturais», que moldaram cabeças, gostos e que na essência ainda hoje nos comandam.

Vim para o teatro porque na altura em que andava à procura da forma de exprimir o meu fogo, nele pensei encontrá-la. E apesar dos desencorajamentos ou por causa deles, vindos de amigos e inimigos, tornou-se a minha maneira de viver. Não desejo ter outra profissão nem arranjar «tachos» para fazer teatro nas horas livres. Aceito um dia destes deixar o teatro da mesma forma que tenho de aceitar um dia deixar de viver.

As gerações anteriores conduziram-nos a um poço. Senhores ricos e poderosos, determinavam o que era bom e bonito, e o que cada um valia. E assim medrou o servilismo e a mediocridade.

Largas camadas da população, mesmo aquelas que frequentaram a Universidade, assimilaram conhecimentos técnicos, mas ficaram anãs, não lhes foi proporcionado crescerem enquanto pessoas, não entenderam que, sem ideias nem ideais, a vida ainda vale menos a pena. E são essas pessoas que hoje nos governam.

Há companhias de teatro que, a par da pobreza de meios técnicos e outros, pagam aos actores 40 e 45 contos por mês. Os grupos realmente não podem dar muito mais.

Se um qualquer empresário quisesse erguer um empreendimento, que para tal necessitasse de pessoal altamente especializado e disponível 24 horas por dia, e oferecesse 40 contos de salário, uma folga semanal (à 2.ª-feira), sem direito a 13.º mês nem subsídio de férias, certamente, ou revia tudo no que respeitasse ao pessoal ou então fechava a loja.

Hoje já só existem pouco mais de meia dúzia de companhias, que correspondem aos interesses artísticos e sociais de outras tantas pessoas. O resto foi, é, ou vai sendo, dizimado pela sanha da SEC. Ironia, mórbida claro.

Todos os dias tropeçamos com casos de eloquente demência mental. Um exemplo. Há uns anos foi criado o Museu do Teatro. Qual é o seu cartaz de visita? O que anima a sua vida? São os xailes, os sapatos e outras vestimentas da Amália Rodrigues. É uma baixeza. Das coisas importantes que se têm vindo a fazer, não está lá nada ou quase nada. Foi queimado por falta de espaço, deteriorou-se.

Aquilo que devia ser um instrumento da divulgação do teatro e um dinâmico guardião da sua memória torna-se assim num armazém de fado. E eu (penso não ser o único), que não gosto de fado e muito menos da Amália, vejo naqueles andrajos o espelho com que me querem embuçar. E nele não me revejo, claro. Façam o Museu do Fado e não nos chateiem.

O teatro em Portugal, e eu estou quase certo de estar certo, é das poucas artes que apesar de tudo ainda vai fazendo e criando umas coisinhas com alguma originalidade. Eu já fui a um número razoável de sítios e países e não estou a falar de cor.

Pois este País, que tem pouca coisa original e válida, que na economia e na política teve sempre empresários e políticos de pouco talento, que nos conduziram para a cauda da Europa, podia ao menos tentar salvaguardar o que nos é próprio e válido. Não se compreende que uma população subdesenvolvida e barálhada culturalmente, não pode «modernizar o País»? Não entendem que a arte é um alimento vital para a sobrevivência dos homens e mulhares, dos povos e dos países?! Mesmo os nossos «parceiros» da Europa, certamente que lá bem no fundo, preferem ver-nos um pouco diferentes, com algo que os questione e surpreenda, em vez de fracas e típicas fotocópias:

E não é implantado orquestra, corpos de ballet e óperas estrangeiras que nos vamos desenvolver e modernizar. Quanto muito, isso evita que algumas pessoas bem vividas, daquelas que snob e estupidamente dizem que «teatro só na Europa», se desloquem mais uma ou duas vezes por ano ao estrangeiro.

A arte não é uma indústria ou comércio, e o teatro não se esgota no nacionalizado, nem sequer nele se reconhece.

A «saída» que hoje se oferece a jovens e talentosos actores e actrizes é mascararem-se de «yuppies» à portuguesa, fazendo dinheiro na publicidade e nas novelas e telefilmes, não chegando a crescer artisticamente. São alegremente empurrados para a venda da imagem que não tiveram tempo de construir.

Agora a SEC recusou-me o subsídio de montagem de «Os Passos em Volta», de Herberto Helder, que tal como o Luiz Pacheco da «Comunidade», é um dos nossos grandes escritores felizmente ainda bem vivos.

Plantei tudo. Preparei-me. Conquistei as cumplicidades necessárias. Apostei tudo nisto. Depois de, com a «Comunidade», me terem dado o Prémio Garrett, sempre pensei e penso que me iriam dar outra oportunidade. Mas afinal os Prémios Garrett pouco ou nada significam para quem os instituiu. Deram-me 200 contos que muito jeito fizeram. Mas a cerimónia da sua atribuição oficial ainda sequer foi feita. Está atrasada 3 anos. A primeira e última já se efectuou há 4 anos, quando o Rovisco levou a corda ao pescoço.

É uma forma de lhes roubar sentido e dignidade. A televisão, nem pelo facto dos prémios, se interessou em gravar a «Comunidade», que eu continuo a representar de vez em quando, sempre que solicitam e eu posso.

Mas gostei de ganhar o prémio, eu que nunca corri atrás dessas coisas.

O Zé Carretas, que tão boas provas deu na «Comunidade» e noutras coisas boas que sempre vai fazendo, como é o caso agora do «IUZÉCZÉ», espera há nove meses pelo subsídio para montar o «Malaquias», do Manuel de Lima, que também foi uma pessoa muito importante para a cultura deste País. O Zé tem três crianças em casa, uma delas recém-nascida, não quer mudar de ofício e está com electricidade cortada há vários meses.

Mecenas para o teatro em Portugal, para o teatro, não se enxergam. Gastei imenso tempo e dinheiro para obter apoios para «Os Passos em Volta», e até agora os melhores só me têm desconsolado com o tradicional «tenha paciência» - e eu vou obedecendo. Só há uns cobres para empatar (investir?) na pintura e, eventualmente, nas músicas e danças. Caso para desconfiar. E pior do que antes não pode ficar.

Cândido Ferreira

«FNAC — SISTEMAS ELECTRÓNICOS DE TRANSMISSÃO, S.A.»

Assembleia Geral

Nos termos e para os efeitos dos Art.ºs 376.º e 377.º do Código das Sociedades Comerciais, convoco os Senhores accionistas da «FNAC — SISTEMAS ELECTRÓNICOS, S.A.», sociedade anónima titular do cartão de identificação de pessoa colectiva n.º 502197781, com sede na Avenida Álvares Cabral, n.º 41-A, freguesia de Santa Isabel, em Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o n.º 805, com o capital social de Esc. 10 000 000$00, para reunirem em Assembleia Geral Anual, a realizar no dia 29 de Março de 1990, pelas 16.30 horas, na sua sede social, com a seguinte «Ordem do Dia».

1. Deliberar sobre o relatório de gestão do Conselho de Administração, balanço e contas relativos ao exercício de 1989;
2. Deliberar sobre o Parecer do Conselho Fiscal relativo ao relatório, balanço e contas;
3. Deliberar sobre a proposta de aplicação dos resultados;
4. Proceder à apreciação geral da administração Sociedade;
5. Proceder à ratificação da cooptação de Administradores e actual composição do Conselho de Administração.

A cada lote de 100 acções corresponde um voto, podendo os accionistas sem direito de voto agrupar-se para o efeito, sem prejuízo de poderem assistir à Assembleia Geral.

É permitida a representação nos termos legais e estatutários.

Carnaxide, 28 de Fevereiro de 1990

A Presidente da Assembleia Geral,

(Maria do Céu de Sousa Fraga Pinto Ribeiro)

«FNAC — TIPOGRAFIA E LITOGRAFIA, S.A.»

Assembleia Geral

Nos termos e para os efeitos dos Art.ºs 376.º e 377.º do Código das Sociedades Comerciais, convoco os Senhores accionistas da «FNAC — TIPOGRAFIA E LITOGRAFIA, S.A.», sociedade anónima titular do cartão de identificação de pessoa colectiva n.º 502 197 790, com sede na Rua D. Carlos de Marcarenhas n.º 39, freguesia de Santa Isabel, em Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o n.º 805, com o capital social de Esc. 80 000 000$00, para reunirem em Assembleia Geral Anual, a realizar no dia 29 de Março de 1990, pelas 18 horas, na sua sede social, com a seguinte «Ordem do Dia»:

1. Deliberar sobre o relatório de gestão do Conselho de Administração, balanço e contas relativos ao exercício de 1989;
2. Deliberar sobre o Parecer do Conselho Fiscal relativo ao relatório, balanço e contas;
3. Deliberar sobre a proposta de aplicação dos resultados;
4. Proceder à apreciação geral da administração da Sociedade.

A cada lote de 100 acções corresponde um voto, podendo os accionistas sem direito de voto agrupar-se para o efeito, sem prejuízo de poderem assistir à Assembleia Geral.

É permitida a representação nos termos legais e estatutários.

Carnaxide, 28 de Fevereiro de 1990.

A Presidente da Assembleia Geral

Maria do Céu de Sousa Fraga Pinto Ribeiro

Ciclo na Assírio & Alvim

Poesia em Março

«Marcía» (Poesia em Março) é uma série de sessões que, sobre a criação poética, a Assírio & Alvim inicia hoje, dia 1, com «Momentos da Vida de Um Poeta» (Carlos Calvet), «Maranos» (Dórdio Guimarães) e «Sophia» (João César Monteiro).

As sessões, sempre às 18 e 30, na Livraria daquela editora (Ruas Passos Manuel, 67-B), prolongam-se até ao dia 30 de Março.

De momento, destacamos as dos dias 12 («O Orpheu no Centenário de Mário de Sá-Carneiro»), com a participação de Marina Tavares Dias, redactora do "Diário de Lisboa"; 19 («50 Anos de Neo-Realismo»), com a presença do nosso colaborador Alfredo Margarido; 22 («O Surrealismo»), com o nosso redactor Ernesto Sampaio; 26 («Os Anos 60»), com participação de Gastão Cruz, nosso colaborador; e 29 («O Estado das Coisas»), aí participando também o nosso colaborador António Cabrita.

DESPORTO

Festa nas Antas protagonizada pelos rapazes de Santo Tirso (Fotos de Bruno Neves)

Taça de Portugal

Belenenses no Bonfim Tirsense na Amadora

Está feito o sorteio dos jogos que, a 28 do corrente, vão marcar os quartos de final da Taça de Portugal, em futebol. O cartaz ficou assim: Vitória de Setúbal-Belenenses, Estrela da Amadora-Tirsense, Vitória de Guimarães-Maia e Farense ou União da Madeira-Valonguense. Como se sabe, continuam em prova cinco «teams» da 1.ª divisão (Setúbal, Guimarães, Estrela da Amadora, Tirsense e Vitória de Guimarães) com a possibilidade de mais um (União da Madeira), um emblema do 2.º escalão (Maia) com hipótese para outro (Farense) e um símbolo da 2.ª divisão (Valonguense). Na 5.ª-feira, no Estádio de S. Luís, efectua-se o desempate entre o Farense e o União.

Após o sorteio, o presidente setubalense Fernando Oliveira salientou:

— *Logicamente que preferia como adversário uma equipa mais fraca que o Belenenses, mas o futebol é pródigo em surpresas: e o exemplo mais recente está na proeza do Tirsense nas Antas. Mas, temos a ambição de chegar à final e voltar a conquistar a Taça: era uma bonita recompensa para a direcção que trouxe o Vitória de Setúbal da 2.ª divisão.*

Por seu turno, o dirigente belenense Barcínio Pinto:

— *Temos um especial empenhamento nesta prova, pois desejamos continuar na posse do troféu. Vamos até Setúbal com a mesma disposição com que chegámos a Chaves e vencemos com toda a categoria.*

O padre João Duarte representou o Tirsense no sorteio. A sua opinião:

— *Francamente: apenas pretendemos continuar na 1.ª divisão. Tudo o que se conseguir a mais é resultado do futebol ser tão bonito que não admite resultados antecipadamente garantidos. No Porto, o nosso adversário não contava com a actuação briosa do Tirsense.*

António Soares, presidente do Estrela da Amadora:

— *Tocou-nos um parceiro de muito respeito, não apenas pelos seus pergaminhos na Taça mas, especialmente, pelo belo resultado nas Antas, que muito moralizou a equipa nortenha. Porém, como jogamos em casa, somos (muito naturalmente) principais favoritos.*

O delegado vimaranense (Bernardino Oliveira) comentou:

— *Receber o Maia pode (teoricamente) ser um problema fácil de resolver, mas o Vitória de Guimarães preferia antender o Valonguense. Depois da saída do Sporting, Benfica e Porto chegou a melhor oportunidade do Vitória lutar pelo seu 1.º título português. Face ao potencial que temos demonstrado, tudo é possível...*

Osório Nogueira, delegado do Valonguense, afirmou:

— *Estou bastante triste, porque não tivemos sorte nenhuma com o sorteio: preferíamos uma equipa da 1.ª divisão, talvez o Belenenses. Enfim: quase só nos resta pensar no nosso verdadeiro objectivo: o campeonato da 3.ª divisão.*

O vice-presidente maiato (António Rodrigues) também ficou desanimado:

— *Sinceramente: creio que o melhor que podemos fazer é levar a solução da eliminatória para a Maia. O Vitória de Guimarães tem um potencial muito superior e só uma grande surpresa pode estar a nosso favor...*

Enfim: há quem confie e quem esteja já pensando em outros horizontes. Todavia, até ao dia 28, todas as perspectivas moram no mesmo leque.

Mais um episódio da «comédia-Grácio»

Conciliação sobe (hoje) à cena

César Grácio e a direcção da Federação Portuguesa de Futebol estarão hoje frente a frente, perante um juiz do Tribunal de Trabalho, visando o êxito na primeira tentativa de conciliação. Recorde-se, que, ao antigo secretário-geral da FPF foi em Janeiro de 1989, instaurado um processo disciplinar por alegadas irregularidades nos processos de transferência de alguns futebolistas zairenses, nomeadamente Basaúla, N'Dinga e Mapuata. O processo foi-se arrastando, sendo, inclusivamente apresentada queixa na Polícia Judiciária, no sentido de ser averiguada a falsificação de um documento. Quatro meses depois, o «Pleno» do Conselho de Justiça decidiu punir César Grácio com um ano de suspensão, mas outro processo decorria a nível interno, do qual resultou o envio, ao antigo funcionário, de uma nota de despedimento, tendo o Tribunal de Trabalho anulado aquela deliberação por incumprimento dos prazos legais por parte da FPF. A Federação recorreu da decisão e suspendeu o retorno de Grácio ao serviço surgindo seguidamente outro recurso à Polícia Judiciáriia para apurar se as acusações que pendiam sobre Grácio, de alegado «crime de burla», tinham ou não consistência. Logo a seguir, Silva Resende é rendido por João Rodrigues (amigo pessoal de Grácio) tendo o actual presidente federativo revelado o propósito de reconduzir o seu «amigo» no cargo: atitude que viria a modificar, anunciando de que iria mandar abrir concurso público para preenchimento do lugar.

O próximo capítulo seguirá dentro de momentos, admitindo-se que as partes se entendam e César Grácio aceite um dos muitos cargos que lhe têm sido oferecidos por alguns clubes.

Violência em debate

Valentim Loureiro, presidente do Boavista e da Liga dos Clubes, remeteu uma carta ao presidente da Assembleia Geral das Federação Portuguesa de Futebol (dr. Vieira de Carvalho), sugerindo a marcação de uma sessão extraordinária daquele órgão, destinada a analisar e reflectir sobre a violência no futebol.

João Pinto: «OK»

Os ortopedistas Vieira de Braga e Rui Pimenta, deslocaram-se a Madrid, para esclarecerem os dirigentes e médicos do Atlético sobre a lesão contraída por João Pinto no encontro com o FC Porto, tendo concluído que o atleta já está recuperado da fissura no pé direito e autorizado a recomeçar a preparação.

Portimão ao ataque

Na sua reunião de ontem, o executivo da Câmara Municipal de Portimão aprovou, por unanimidade,uma proposta de repúdio pelos *títulos bombásticos de alguns jornais* ao relatarem os tristes acontecimentos ocorridos no passado domingo, de solidariedade para com o Portimonense, de crítica ao comportamento do árbitro José Guimarães que *originou a irritação na assistência* e de acusação a *alguns membros da comitiva do presidente do FC Porto, especialmente os elementos que se presume sejam da sua segurança.*

Juniores preparam-se

Depois do triunfo no torneio internacional do Algarve, a selecção nacional de juniores (sub-16), defronta hoje a sua congénere soviética, na Quarteira, em encontro de preparação para o confronto com San Marino, a contar para o «Europeu» da categoria e que decorrerá na próxima 4.ª feira. Recorde-se que os portugueses venceram, na passada 3.ª feira, os seus opositores de hoje, por 3-2.

Restelo na TV

O jogo Belenenses - Boavista (domingo, pelas 19 horas) é directamente transmitido pelo 2.º Canal da RTP.

Sábado (além do Penafiel - Benfica, da 1.ª divisão, também em directo na RTP, a partir das 21 horas) joga-se para o campeonato da 2.ª divisão: Rio Ave - Maia (15 horas) e Infesta - Fafe (16). Para a 3.ª divisão: Rio Tinto - Pedrouços, Quimigal - Leões de Tavira e Almancilense - Santiago do Cacém (todos com início às 15 horas).

No domingo, a partida Vitória de Guimarães - Feirense inicia-se às 16 horas.

«Esperanças» treinam

Sob as ordens dos seleccionadores António Oliveira e Norton de Matos vai prosseguindo a escolha de elementos para a turma de «esperanças». O treino mais recente dos sub/21 de clubes secundários do Sul colocou em acção, perante o Atlético (formação treinadora) os seguintes elementos: Fonseca (Estoril); Chiquinho (Silves), Rebelo (Mirense), Tozé (Silves) e Sérginho (Mirense); Peyroteu (Silves), Camberra (Atlético), Bilro (Seixal) e Mário Jorge (Estoril); Rosário (Olivais e Moscavide) e Santos (Samora Correia). Também foram examinados Hélder (Atlético), Valadas (Lusitano de Évora), Ivo (Leões de Tavira), Passos (Estoril) e Có (Olivais e Moscavide). Hoje, os escolhidos no Norte e Centro treinam, em Barcelos, a partir das 16 horas.

Benfica espia soviéticos

O treinador adjunto Toni e o professor Jorge Castelo (técnico em estatística e vídeo) foram enviados pelo Benfica até à URSS, para observarem o jogo Dnepr-Rotor e verem em acção o próximo adversário europeu do clube da águia.

Portistas em assembleia

Entretanto nos meios afectos ao FC Porto circula a notícia de que, o denominado «Grupo dos 600», irá solicitar a marcação de uma assembleia geral extraordinária de desagravo a Pinto da Costa pela agressão de que foi vítima em Portimão.

Ao mesmo tempo, os dirigentes dos «dragões» parecem na disposição de se desligarem da Liga dos Clubes, uma decisão que, provavelmente, será discutida na assembleia que Sardoeira Pinto certamente será forçado a marcar, uma vez que a petição já terá reunido as 200 assinaturas determinadas pelo Estatuto da colectividade.

Feirense recorre

Alegando erro técnico do árbitro Alexandre Morgado, no encontro com o Vitória de Setúbal, os dirigentes do Feirense entregaram, ontem, na sede da FPF, a nota de protesto. Em causa está a invalidação de um golo marcado pelo clube de Santa Maria da Feira no derradeiro minuto do encontro. Tratou-se de uma situação caricata que, a nosso ver, não será difícil analisar pelos «conselheiros» deferativos. Erro de direito, foi-o sem dúvida. Daí...

Futre tem novo técnico

Joaquim Peiró é o novo treinador do Atlético de Madrid depois do presidente Jesus Gil y Gil ter despedido Javier Clemente, após a derrota sofrida pelos «colchoneros» no confronto com Osassuna. Este é o sexto treinador do Atlético desde que Gil assumiu a liderança do clube. Por esta ordem foram despedidos: Menotti, Atkinson, Addison, Ufarte, Maguregui e Clemente.

Gigantes italianos ficaram a zero

O encontro da 1.ª mão da final da Taça de Itália, disputado, ontem, em Turim, entre a Juventus e o Milão e que terminou com o «nulo» a zero, jogo caracterizado pela expulsão do holandês Frank Rijkaard, pela presença a tempo inteiro de Rui Barros e pela grande exibição do guarda-redes milanês Giovanni Galli.

O encontro da 2.ª mão realizar-se-á no dia 25 de Abril, em Milão.

DESPORTO

GP Tansai apalpou o pulso aos estradistas, GP de Lisboa vai auscultar- lhe a saúde: lá para a frente há o mais fértil calendário de sempre à espera dos ciclistas

Que faz correr um ciclista? (1)

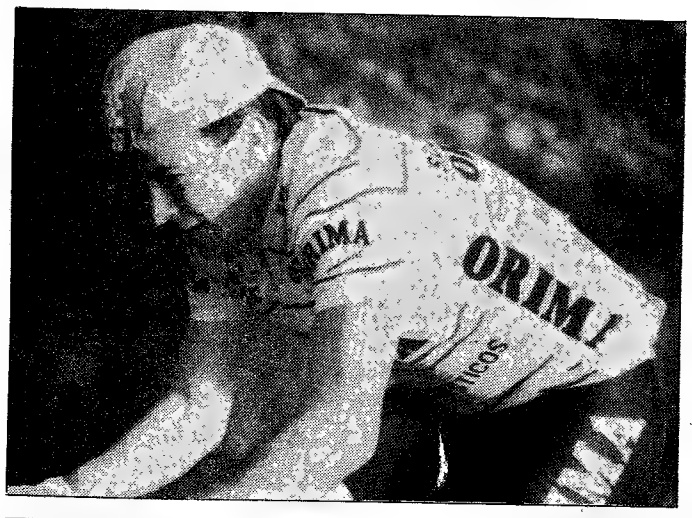
No ciclismo português, o sono não derruba os heróis: os mais recentes moicanos não se renderam e, festivamente, estão no ciclo de comemorações dos 90 anos da provecta (mas jovem) federação, nascida como União Velocipédica Portuguesa e, agora, entregando os destinos superiores a antigos praticantes: Henrique Castro, José Calado, Orlando Neves, Justiniano Vargues e António Rodrigues, com a presidência da mesa da assembleia geral concedida ao dr. Artur Lopes, que afirma:

— *Se não queremos perder o comboio da Europa é obrigatório que se recriem estruturas, imaginação e esforço. A 14 de Dezembro de 1899, apenas cinco clubes fundaram a UVP: em 1911 aconteceu a 1.ª corrida hoje clássica (o Porto - Lisboa) com a Volta a Portugal surgindo em 1927. Não mais se desanimou, mas houve travões pelo caminho.*

Artur Lopes gosta de citar, como ponto-base da emulação clubista, a luta Benfica - Sporting. Melhor: o duelo José Maria Nicolau - Alfredo Trindade. A esgrima que falta hoje ao desporto da pedalada, embora continue a renovar-se o lote dos impulsionadores de equipas que saem para a estrada e vão disputando as provas com entusiasmo e energia. Caso do 1.º patrocinador de competições da temporada (Manuel João Preto) que jogou para o cartaz o Grande Prémio Tensai, arrebatado por Pedro Silva (Recer/Boavista) na corrida que atirou o veterano Venceslau Fernandes (aos 44 anos ainda chefe de fila, no Alguerra/Componauto) uns dias para o hospital:

— *Um caso estúpido. Há semanas, dei uma queda e o médico recomendou-me que andasse um tempo com colete de gesso no pescoço. Resolvi tirá-lo para ir ao Grande Prémio Tensai e foi o que se viu: senti-me mal, pedi para me levarem de ambulância ao hospital, a viatura embateu com uma vedação de ponte, fui cuspido para o pavimento, só agora voltei a montar uma bicicleta.*

Será uma temporada repleta de provas. Em tempos muito recuados havia patrocinadores a esmo: Damasceno Covão à frente da Robiallac, Morbey Rodrigues e Joaquim Faísca na Philips, Jorge Lara que (depois de, na década de 50, se ter apaixonado pelo Académico Futebol Clube e ter lançado para a modalidade figuras como o saudoso campeão Ribeiro da Silva, Agostinho Ferreira, Joaquim e Alberto Carvalho) organizou diversos Grandes Prémios Riopele, Casimiro Coelho Lima (o homem forte das produções da Coelima), Pisca Eugénio (Clock) e, ao lado do Circuito do Oeste e das anuais Voltas a Portugal, ainda aconteciam provas em pista (Alvalade, Antas, Sangalhos, Loulé, Tavira, Alpiarça) que davam o braço a competições por etapas e a viagens ao estrangeiro dos nossos mais cotados estradistas. A revolução de Abril encontrou o ciclismo quando o Rádio Clube Português (por ideia da administração de Júlio Botelho Moniz, associada a Jorge Lara, o falecido Idalino de Freitas, Domingos Claudino e outros nomes exponenciais do ciclismo da época) se propunha pôr em marcha uma Volta a Portugal que prolongasse a fase da entrega da sua concessão à Publirama (Tomé de Barros Queiroz), que esteve associada a Artur Agostinho. Aconteceu (então um ano de interregno, a grande indefinição, ninguém sabia onde terminavam os limites do amadorismo e começava a fronteira do profissionalismo.



Bruno Neves

Jacinto Paulinho: para o ex-louletano, de 36 anos, a primeira camisola amarela da época

Jornais foram alicerces do ciclismo

Hoje, depois de consulados federativos entregues a Mário Ferreira e Francisco Nunes (de momento presidente do Sintrense) a modalidade do pedal ficou sob alçada de Henrique Castro que, aproveitando o entusiasmo e visão do jornalista Serafim Ferreira (inoculador do ciclismo como veículo perfeito da expansão da empresa do nosso colega «Jornal de Notícias») concedeu a Volta a Portugal ao «JN» e a «O Jogo», com aquele nosso camarada demonstrando (sem qualquer erro) que não caiu em saco roto o tirocínio feito em «Tours de France» ou em «Vueltas» a Espanha, na linha (aliás) do que fora pretendido por Trabucho Alexandre, jornalista que chefiou o extinto «Diário Ilustrado» e, por seu lado, morava na sucessão de Raul Oliveira, o director de «Os Sports» e do «Mundo Desportivo» de memória ainda recente.

Quer dizer: na grande maioria dos casos, foram órgãos de Comunicação Social (como o «Diário de Notícias») que promoveram a grande festa popular: o ciclismo desfilando gratuitamente à porta do seu melhor cliente. E teve enormes (excepcionais) intérpretes e símbolos: António Augusto de Carvalho (Carcavelos) rasgando o lote dos triunfantes em Voltas (1927), a famosa dupla Nicolau - Trindade (Benfica, Sporting, Rio de Janeiro envolvidos na mesma esgrima), César Luís, José de Albuquerque («Faísca»), o desaparecido Joaquim Fernandes, Ildefonso Rodrigues, Francisco Inácio, a forte equipa sportinguista (João Lourenço, Júlio Morão, Manuel Graça, Aristides Martins, Américo Raposo) batendo-se animosamente com a formação benfiquista (José Martins, João Rebelo, Império dos Santos), a Iluminante misturando-se na conversa com o «sprinter» Eduardo Lopes, as embaixadas do CACO (Clube Atlético de Campo de Ourique) e dos Leões do Alentejo, mais da CUF, cedendo o passo a um Futebol Clube do Porto que logo implantou arraiais (Fernando Moreira, Dias Santos, Onofre Tavares, os irmãos Fernando e Luciano Moreira de Sá, mais tarde Carlos Carvalho e Mário Silva, José Pacheco, Joaquim Leite, Sousa Cardoso e Joaquim Leão) batendo o pé à hegemonia dividida entre o sangalhense Alves Barbosa e o academista Ribeiro da Silva, morto em consequência de um acidente de moto, quando muito ainda se esperava da sua alta categoria ciclista.

Episodicamente, apareceu por cá um belga (Houbrechts) que, para a Flandria, levou o êxito em Volta lusitana, triunfo que, muitos anos antes, nunca entrou na algibeira de marroquinos de classe (Djali, Driss), de um luso-francês que corria na estranja (Luís Longo), de italianos de mérito (Mario Fazio, Valeriano Zanazzi), de espanhóis cinco estrelas (Dalmacio Langarica, Berrendero). E tornou a hegemonia sulista: o sportinguista João Roque, os benfiquistas Peixoto Alves, Francisco Valada e Américo Silva, até que (em pleno) aconteceu o opulento reinado de Joaquim Agopstinho, concretizado em três sucessos oficiais na nossa Volta e mais dois triunfos que lhes escaparam quando o controlo «antidoping» detectou ritaline na sua urina, motivo que levou o orientador (o vice-presidente leonino Pereira da Silva) a convencer o *líder verde-branco* (Brás Medeiros) no sentido de deixar o homem de Brejenjas ir fazer carreira no estrangeiro. Com o lucro, fama e glória que se conhecem.

Nomes em desfile

Foram temporadas bonitas do nosso ciclismo, com intromissões na larga galeria de conquistadores do sangalhense Joaquim Andrade, do espanhol Manzaneque, dos «águias» Fernando Mendes e Firmino Bernardino. Ultrapassado o período em que, nas curvas da pista ou em longos «sprints» para a meta em competições por etapas, se distinguiam os sportinguistas Emiliano Dionísio e Leonel Miranda. Porém, novos emblemas iriam saltar: Lousa (Adelino Teixeira), Coimbrões (Belmiro Silva). E o Águias Clock, que fora buscar a súbita travagem leonina o melhor da sua juventude (Marco Chagas, Alexandre Rua, João Curto, António Marçalo) a fazer rolar esse rapaz de Pontevel que iria bater todos os máximos de sucessos voltistas: precisamentge marco Chagas, ganhador em 82, 83, 85 e 86, outra Volta perdida em laboratório para o portista dr. Joaquim de Sousa Santos, ainda uma que foi parar à algibeira de Venceslau Fernandes (Ajacto) também por controlo positivo ao seu líquido orgânico.

No intervalo, outros rostos: Francisco Miranda (Lousa), Manuel Zeferino (então representando as cores dos «dragões»), logo a seguir Manuel Cunha (o Fignon português, que estava ao serviço da Sicasal/Torreeense, no ano de 1987, quando venceu e Volta) e o britânico Cayn Theakston, o irrequieto menino graúdo que correu para o êxito em 1988, levando no corpo a camisola do Louletano/Vale do Lobo. O último desta galeria é Joaquim Gomes, também vencedor com as cores da associação algarvia, hoje na Sicasal como chefe de fila incontestado.

Quem lucra mais

Muitos vultos ficaram pelo caminho, distantes dos êxitos que pareciam prometer, como Benedito Ferreira e o «sprinter» Paulo Ferreira. Outros persistem, talvez com a única ambição de, neste ambíguo ciclismo português, irem ganhando a sua vida ou fazendo o gosto aos pés. O ímã é sempre o mesmo: embora se constituam selecções (ou equipas) para actuarem na Corrida da Paz, na prova da CEE ou nos campeonatos mundiais, enquanto o super Acácio da Silva vai fazendo pela vidinha lá por fora, todos os horizontes da maioria da rapaziada estão centrados na Volta que, na última edição, colocou na estrada 475 pessoas (Organização, Equipas, Imprensa e Publicidade) que se deslocaram em 203 viaturas (18 motos e 185 automóveis. Um riquíssimo negócio para várias arestas: hootelaria, turismo e comunicações no topo dos interesses.

Na última época, desenrolaram-se provas que permitiram larga triagem de valores: campeonatos, clássicas, grandes prémios, Volta. Na luta maior, estiveram envolvidas representações portuguesas de 12 distintivos: Sicasal/Torreense, Lusitano? Vale do Lobo, Recer/Boavista, Garcia Joalheiro, Grundfos/Sangalhos, Bom Petisco/Tavira, Ruquita/Philips/Feirense, Orima/Cantanhede, Vigor/Lousa, Aqualine/Olhanense/Sucol, Salgueiros/Landimar/ e Stand Custódio/Sambrazense. Agora, na abertura de nova etapa anual, o GP Tensai mostrou caras novas e nascidas representações a par de muitas modificações em outros conjuntos, com o desaparecimento de autênticos baluartes (Louletano/Vale do Lobo, Grundfos/Sangalhos/Stand Custódio/Sambrazense) mas a contrapartida da chegada de uma modificada embaixada de Lousa (agora patrocinada pela dupla Avibom/Valouro), de atletas do Alguerra/Componauto/Aramolde, Polibela/Barroselas, F. Mota/Portigrupo/Ferbar e, muito para destacar, pelas especiais características que exibe, a Tensai/Sontec/Etiel, quase totalmente integrada por estudantes e já com ramificações a jo-

Pedro Silva (Boavista/Recer): triunfo bem sofrido no GP Tensai

Entre o presidente da Associação lisboeta (Silvino J. Silva) e o treinador do seu clube (prof. José Santos) o sorriso de Pedro Silva.

vens categorias etárias (cadetes e infantis), curiosamene (também) com um quarteto feminino fazendo aposta no desporto do pedal.

A 1.ª prova oficial etapas teve belo percurso: Areosa-Freamunde-Ponte de Lima-Viana do Castelo. Uma organização comandada por Manuel João Preto, um homem que fez larga quota da vida em Angola (Luso) que, regressando ao continene, ergueu um império de electrónica e electrodomésticos e, apaixonado pelo ciclismo, entendendo que esse é um meio propagandístico de alta grandeza, pegou nos moços que praticavam desporto no grupo desportivo do centro Paroquial de Santa Marta de Portozelo, colocou-lhes o empblema da Tensai e deu-lhes todas as condições para, sob direcção técnica de José bastos e Eduardo barros, puderem mostrar habilidades na categoria de seniores e ficarem aptos, no ano próximo, a pulo par oa afirmado profissionalismo de verdade. Manuel João Preto que nos diz:

— No próximo GP Tensai tudo farei para se prolongar o calendário da competição e incluir, pelo menos, uma tirada em Espanha, logicamente que melhorando muito os prémios e trazendo até nós equipas estrangeiras de valor garantido.

O presidente federativo Henrique Castro acredita na modalidade do nosso ciclismo:

— Neste GP, os atletas apareceram, na generalidade, muito bem preparados, mostrando que (em maioria) estão entregues a treinadores competentes. Com o calendário de provas que foi elaborado para decorrer durante o ano, todas as categorias estarão em competição, pois vão surgindo novos patrocinadores, provando à evidência que o ciclismo é uma modalidade que não vai abrandar no noss país.

Eduardo Fernandes, o responsável pela Associação de Ciclismo de Braga (apenas quatro clubes filiados mas óptimas instalações localizadas em Guimarães) declara:

— Através da nossa televisão (a TV Cidade Berço) *estamos fazendo largo apelo para todos os adeptos do ciclismo se constituirem em clubes ou grupos ligados a empresas, para os podermos oficializar e ampliar a divulgação da modalidade, com praticantes que (por exemplo) possam render o desaparecido bloco que actuava com patrocínio do Garcia Joalheiro.*

Santa Marta de Portuzelo: entrada em força no ciclismo maior

Apostas na mesa

O GP Tensai apareceu em boa altura: abriu a temporada das lutas por equipas, em etapas, trazendo para a ribalta emulações entre as delegações do Recer/Boavista, Orima/Cantanhede, Avibom/Valouro/Lousa, Sicasal/Acral, Landimar/Salgueiros e, do mesmo modo, dando razão para outros blocos irem rapidamente rodando os seus elementos mais prometedores: Alguerra/Componauto, Ruquita/Feirense, Tensai/Sontec/Etiel. Bom Petisco/Tavira, F. Mota/Portigrupo/Ferbar. Tal como reaparecendo credenciais de gente conhecida: Manuel Abreu, Jacinto Paulinho, Joaquim Andrade, Eugénio Passos, Paulo Pinto, Jorge Silva, José Rodrigues, António Araújo, Carlos Pereira, Joaquim Sampaio, Joaquim Salgado, Paulo Couto, Carlos Santos, o novo Paulo Ferreira (Tensai), Vítor Teresinho, Luís Moreira, Carlos Marta, Joaquim Carvalho, Salvador Alves, Fernando Valente, Jorge Rodrigues, Ricardo Felgueira e Rui Bela. Figuras que se aprestam para discutir a continuidade das carreiras bonitas de Marco Chagas e Venceslau Fernandes, (que estarão a uma época da retirada), moços capazes de, um dia deste, lutarem ombro a ombro com Joaquim Gomes e Manuel Cunha, António Alves e Manuel Zeferino, António Pinto, José Santiago, Manuel Cunha, Paulo Pinto, Carlos Moreira e com esse embrionário campeão que é Delmino Pereira, o cilista que pode ter estado no fulcro da abdicação da turma do Louletano/Vale do Lobo, que ficou virado do avesso quando soube que o jovem nortenho tinha firmado outro compromisso com diferentes cores (Recer/Boavista) e a Federação o considerava atleta do emblema do Bessa.

Cartaz à vista

Começou ontem a decorrer o Grande Prémio de Lisboa, que se prolongará até 4 do corrente. Outras provas por etapas estão compreendidas no calendário oficial da Federação, com especial incidência na Volta a Portugal (28 de Julho a 12 de Agosto) e diferentes Grandes Prémios: «Correio da Manhã» (15 a 18 do corrente), Costa Azul (9 a 13), Abimota (18 a 20 de Maio), «O Jogo» (25 de Maio a3 de Junho), «JN» (18 a 24 de Junho) e Torres Vedras (5 a 10 de Julho), Minho (16 a 22 de Julho), Câmara Municipal de Gondomar (21 a 23 de Setembro) além de (igualmente para profissionais) oferecer a Volta a Santa Maria da Feira (30 e 31 do corrente), Volta ao Alentejo (8 a 14 de Abril), Volta ao Algarve (23 a 29 de Abril), Volta ao Distrito de Vila Real (29 de Junho a 1 de Julho), Volta a Gaia (31 de Agosto a 2 de Setembro), «IP 5» (entre 7 e 9 de Setembro) e mais duas dezenas de circuitos e provas numa simples tirada que, certamente, vão proporcionar bons rendimentos a quem estiver em forma e souber lutar pelas «coroas' e pelos louros.

Lá em cima: Eduardo Fernandes (presidente da Associação de Ciclismo de Braga). Ao comando: Manuel João Preto (presidente da organização do GP Tensai, a prova que rasgou a temporada ciclista por etapas)

Capacete vai ser obrigatório

A partir de 1 de Janeiro do próximo ano, o uso do capacete protector será obrigatório para todas as categorias de ciclistas: e, em todas as provas e especialidades. A decisão foi decretada pela totalidade das federações e pelos organismos internacionais que regem a modalidade que, desde já lançam a sugestão: os atletas devem começar a habituar-se ao seu uso, pois a legislação obrigava apenas os praticantes amadores e os profissionais concorrentes a circuitos ou provas de pista a usarem esses capacetes que (alegando que lhes provocava muito suor) normalemnte apenas aparecia meia dúzia de vezes em plena Volta a Portugal. Um exemplo a destacar: Joaquim Gomes, triunfante na última das nossas Voltas e que, na Vuelta do ano transacto, sofreu uma queda que pareceu muito grave e poderia ter levado o ciclista a largo período de afastamento da sua profissão, já usa sempre o capacete protector. E declara:

— Só nos primeiros dias senti que era capaz de estar mais aflito com o calor. Agora, não me prejudica nadinha: pelo contrário, pois já evitou que me ferisse em dois trambolhões que dei...

Mulheres no pedal

Num notável trabalho de captação, a Fededração e a Associação de Ciclismo do Sul (em, colaboração com a revista «Mulheres/Magazine») vão realizar, no próximo dia 25, o I Prémio Mulheres Magazine, prova que rasga a temporada feminina no nosso país e vai processar-se em circuito fechado (40 quilómetros, com partida e chegada junto ao Mosteiro dos Jerónimos). A direcção técnica estará confiada ao campionníssimo Alves Barbosa, e, para além de representações com créditos adquiridos (Ana Barros, Carla Pereira, Isabel Alves e Teresa Dantas, da Tensai) arranca para a estrada um conjunto de outras cinco raparigas: Sandra Silva, Paula Martins, Luísa Silva, Guilhermina Valadão e Sandra Santos que vão defender as cores orientalistas, orientadas pelo treinador Manuel Vitorino (ex-técnico da Tróia/Marisco e integrante de uma caravana que foi actuar á África do Sul, sem autorização oficial.

Mas,que ciclismo vamos ter em luta? Como estão formadas as principais equipas? Que esperanças animam os velocipedistas que sonham tornar-se um dia sucessores de Joaquim Agostinho?

Neves de Sousa

A seguir: caras e ideias de quem vai para a estrada.

José Dias ganha prémio «O Jogo»

José Dias (Alguerra-Camponauto) venceu ao *sprint* o 3.º prémio «O Jogo» de ciclismo, gastando 2 horas, 6 minutos e 39 segundos para cumprir os 79 quilómetros da prova, disputada entre Porto e Rebordosa. A prova, organizada pela Associação de Ciclismo do Porto, integrava-se na comemoração do 5.º aniversário daquele nosso colega da informação, tendo contado com a participação de 61 ciclistas de equipas seniores e profissionais.

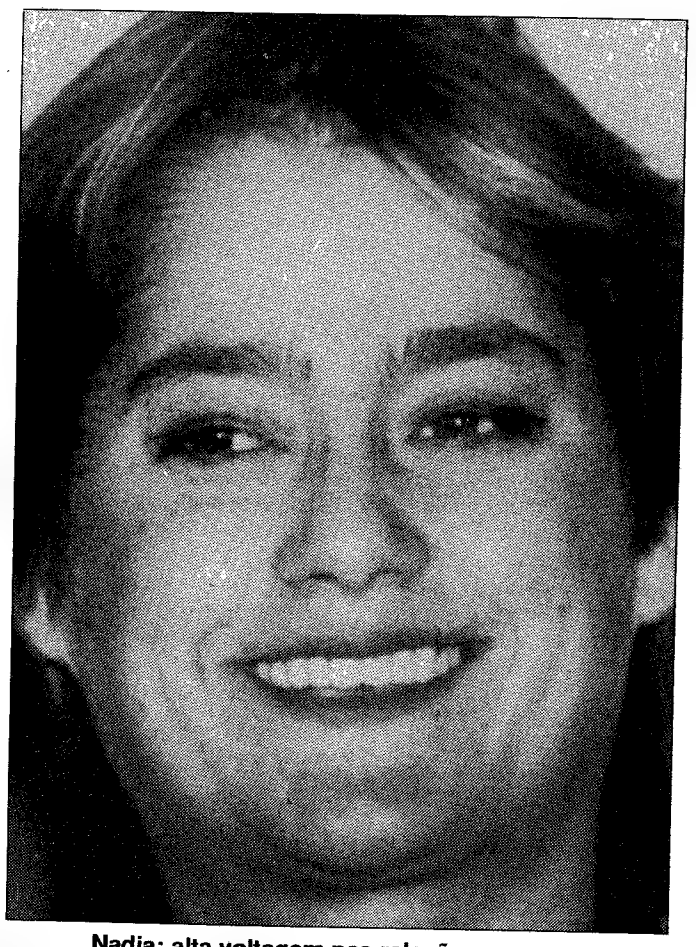
Classificação individual: 1.º, José Dias (Alguerra-Camponauto), 2:06.39 horas (média de 36,952 quilómetros/hora); 2.º, Eugénio Passos (Landimar-Salgueiros); 3.º, Joaquim Sampaio (Tensai-Santa Marta de Portuzelo); 4.º, Joaquim Silva (Paços de Ferreira-Quintanilha); 5.º, Joaquim Carvalho (Orima-Cantanhede), todos com o mesmo tempo. Por equipas: 1.ª, F. Mota-Portigrupo-Ferbar, 6:21.58 horas (23 pontos); 2.ª, Tensai-Santa Marta de Portuzelo, m.t. (24 pontos); 3.ª, Orima-Cantanhede, 6:22.01.

Dedos queimados e unhas arrancadas

Filho de Ceausescu sujeitava Nadia Comaneci a sevícias

Nadia Comaneci, a antiga campeã de ginástica, «*foi frequentemente torturada durante uma estranha relação de cinco anos, com o filho mais velho do antigo ditadr romeno Nicolae Ceausescu*», afirmou a sua mãe. «*O que eu queria era pendurá-lo pela língua e ficar a vê-lo morrer*», afirmou Alexandrina Comaneci, mãe da *menina prodígio* que conquistou o mundo nos Jogos Olímpicos de Montreal, onde obteve três medalhas de ouro e a 1.ª nota máxima da história da ginástica feminina.

A mãe de Nadia (em entrevista à agência Reuter, na Roménia) revelou vários detalhes sobre a estranha relação entre a sua filha e Nicu Ceausescu. Nicu dominou «*o corpo e a alma de Nadia*» durante cinco anos de uma «*vida de terror*» que culminou com a fuga da ginasta para os Estados Unidos, poucas semanas antes da revolução, afirmou Alexandrina Comaneci. Segundo a mãe, Nadia foi submetida a torturas e provações como: agressões frequentes no rosto e outras partes do corpo; unhas arrancadas; disponibilidade total para atender as chamadas de Nicu e visitá-lo de dia e de noite; ser tratada e exibida como propriedade de Nicu; ter os rendimentos e salários totalmente controlados por Nicu, para ser totalmente dependente dele.



Nadia: alta voltagem nas relações amorosas

Segundo disse Alexandrina Comaneci, o filho mais velho de Ceausescu, destinado a ser o sucessor do pai, ficou obcecado por Nadia, quando ela era a «estrela» nacional e uma das principais figuras do desporto internacional, na década de 70. Depois de Ceausescu o nomear ministro da Juventude, o herdeiro Nicu deu a Nadia um cargo de treinadora e coreógrafa de ginástica e «*ela ficou à sua disposição*», disse a mãe da ginasta.

Então (garantiu) Alexandrina Comaneci, Nicu proibiu a filha de comentar o que se passava entre eles, não a deixava ter amigos e obrigava-a a viajar mais de 300 quilómetros para se encontrarem em Sibiu, onde era presidente regional do Partido Comunista. «*Depois de uma destas viagens a Sibiu, ela mostrou-me queimaduras nos dedos. Uma outra vez, voltou sem unhas nos dedos e disse que tinha tido uma infecção, para não me preocupar*», *afirmou a mãe.*

Em 1981, Nadia mudou-se para casa de um irmão e (ainda segundo Alexandrina Comaneci) continuou a sua vida de terror com o filho do antigo ditador romeno até «não aguentar mais e ter de fugir».

Quanto à sentença que gostaria de ver o tribunal aplicar a Nicu Ceausescu, a mãe de Nadia adiantou: «*quando penso no que ela passou, nas marcas das queimaduras e das agressões por todo o corpo, quero que ele sofra como ela. Queria pendurá-lo pela língua e ficar a vê-lo morrer. Uma morte simples, não é castigo suficiente.*»

Gomes não vai jogar nas Antas

Continua adiada a hipótese de Fernando Gomes regressar às Antas, desta vez como ponta de lança do Sporting. O técnico Raul Águas não pensa incluir o *bibota de ouro* na caravana que partirá para o Porto na tarde de sábado, com vista ao jogo do dia seguinte, com os «dragões». Esta manhã, o responsável sportinguista afirmou-nos: «*ainda tenho dúvidas em relação ao bloco que fará a viagem, pois pode incluir um ou dois nomes diferentes do habitual, mas não penso no Gomes para jogar perante o antigo patrão.*»

Estádios ingleses vão para obras

O governo britânico decidiu aceitar as recomendações de um relatório sobre as deficiências dos campos de futebol britânicos que levaram ao desastre no Estádio de Hillsborough em Abril, de 1989, em que morreram 93 pessoas. O documento (debatido no Parlamento Britânico) faz 76 recomendações para promover *condições melhores e mais seguras* nos estádios e para a sua conversão para estádios, estilo americano, com lugares sentados para todos os espectadores. O objectivo principal é evitar a repetição do excesso de espectadores que levou a morte (por asfixiamento e esmagamento contra as vedações) dos espectadores, em Hillsborough.

Os estádios dos clubes da 2.ª divisão terão de estar prontos antes de 1994. Os das outras divisões antes de 1999. O custo destas medidas é calculado pelas direcções dos clubes em cerca de 32 milhões de contos, cifra que (afirmam) levaria à bancarrota os clubes mais pobres da 3.ª e 4.ª divisões, considerando que a transformação dos estádios reduzirá o número de espectadores em 20 por cento.

Porém, as empresas de apostas de jogo e totobola britânicas (Littlewoods, Vernons e Zetters) já ofereceram auxílio mesmo antes destas propostas terem sido aprovadas pelo Parlamento Britânico.

Estas organizações já estabeleceram um «Football Trust», que garante (pelo menos), 12 milhões e 500 mil contos durante os próximos dez anos para auxiliar os clubes a levarem a cabo tais melhoramentos. E o governo estuda a possibilidade de reduzir ass taxas de impostos sobre apostas (presentemente à média de 42,5 por cento) com o fim de que pelo menos algum desse dinheiro, fosse para melhoramentos.

As medidas propostas pelo relatório (e adoptadas pelo governo de Margaret Thatcher) incluem, além da renovação dos estádios, a remoção de espigões das vedações que impedem os espectadores de assaltarem o campo e o uso de etiquetas electrónicas para impedir a entrada nos estádioso de «holligans», condenados por actos de violência.

O relatório considera que os cartões electrónicos de identidade,que tinham sido sugeridos pelo governo britânico não eram viáveis e sugere que estádios com lugares sentados para todos os espectadores evitariam grande parte dos distúrbios causados por «holligans», insistindo que não se devem vender bebidas alcoólicas nos Estádios. Sugere igualmente que o combate aos ««hooligans» podia ser melhorado com TV em circuito fechado nos estádios, uma polícia nacional para o futebol e a criação de *novos delitos judiciais* que incluissem lançamento de pedras ou outros objectos, canções racistas ou obscenas e assalto ao campo, sem bom motivo.

Carlsberg leva portugueses ao mundial de futebol

A Carlsberg, produzida e comercializada no nosso país pela Central de Cervejas, vai sortear 30 viagens a Itália entre os seus consumidores portugueses no âmbito do patrocínio oficial do campeonato do mundo de futebol. Trata-se do mais importante patrocínio desportivo da Carlsberg, que costuma associar-se aos desportos de elite e está agora com a elite do futebol.

No âmbito deste patrocínio, (que inclui logotipo próprio, uma campanha de publicidade e diversas promoções), será realizado em Portugal o concurso «Vá ao Mundial com a Carlsberg». Em cada semana, os consumidores da Carlsberg encontrarão nas cápsulas das garrafas Pilsener e Gold as «coroas» características da marca que os habilitarão aos sorteios semanais de milhares de prémios, entre os quais viagens a Itália, por ocasião do mundial de futebol. Ao mesmo tempo, em todos os pontos de venda surgirão cartazes e expositores alusivos à campanha, sendo ainda editado um calendário dos jogos do campeonato.

A Carlsberg, conhecida internacionalmente como «provavelmente a melhor cerveja do Mundo», quer fazer desta sua iniciativa «provavelmemnte o melhor patrocínio desportivo do Mundo».

assim vai o totobola

Penalti: 121 X11 212 2111; O Jornal de Amarante: 121 X1X X12 XX11; Jornal da Beira: 121 X1X 212 X121; Algarve Desporto: 12X X1X X12 2XXX; Ronda Desportiva: 121 X11 212 212X; Correio de Coimbra: 121 11X X1X 2XXX; Correio do Vouga: X21 111 X1X X211; A Defesa: 121 X1X X11 XXXX; Defesa de Espinho: 121 111 112 X2XX; O Diário: 121 11X X11 11XX; Diário de Lisboa: 121 X11 X1X 11X1; Diário de Viseu: 121 11X X12 2X1X; Ecos de Cacia: 121 11X 2X1 211X; Eu Sei Tudo: 121 11X X2X 2111; O Jornal de Felgueiras: 121 X11 XXX X1X1; Jornal do Fundão: 121 X1X XXX 2XX1; Jornal de Gaia: 221 X1X 212 X1X1; Rádio Guarda: 121 111 11X X1X1; Rádio Totobola: 121 11X X1X X11X; Linhas de Elvas: 121 11X 21X XX1X; Litoral: 121 X11 1X2 X2XX; Maria da Fonte: 121 X1X X1X 2X1X; No Estúdio e No Estádio: 121 X11 X12 2111; Notícias de Chaves: 121 11X XX2 11X1; Notícias de Felgueiras: 121 X11 XXX X1X1; Notícias de Gouveia: X21 111 2X2 2111; Notícias de Guimarães: 121 11X XX2 21X1; Notícias de Viseu: 121 X1X XX2 221X; Semanário da Região Bairradina: 121 111 XX1 2XX1; Informação Desportiva/Rádio Altitude: 121 11X X1X X12X; Bom Dia: 121 11X 212 X1X2; A Voz do Domingo: 121 111 XX2 1111; Voz de Lamego: 121 X1X 21X 111X; Desporto/Rádio Guarda: X21 X11 XXX 2111; Contacto/Rádio Guarda: 12X XX1 1X1 XX1X; Encontro Com a Manhã: 1X1 111 112 1221; Meia Tarde: X22 111 12X X2X2; Convidámos Para Lanchar: 12X 11X 111 1X1X; Sons da Madrugada: 121 111 X12 11X1; Tarde Desportiva: X21 111 212 2X11; Livre e Directo: 121 X12 X2X X2XX; Um Caso Por Semana: 12X 112 X1X 1121; Foi Notícia: X21 X11 XXX X2X2; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 221 11X 1X1 X1X2; Cultura e Recreio: 121 X1X XX1 X2XX; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: 2XX 111 X1X X1XX; Diário de Coimbra: XX1 11X XXX 1111; Nova Antena: XX1 21X X1X XX11; Folha do Domingo: 121 11X XX2 111X; Gazeta das Caldas: 121 111 11X 11XX; O Jornal da Lixa: 121 11X 11X XX11; O Mensageiro: 2X1 X11 21X 11XX; Reconquista: X21 X1X X1X X11X; Jornal de Sintra: 121 111 212 2211; Disco & Daquilo: 121 111 XX1 X21X; O Comércio de Leixões: 121 111 1XX 2XX1; De Tudo Um Pouco: 121 X1X X12 X1X1; Jornal da Graça: 111 111 X11 121X; Jornal de Notícias: 121 11X X1X 21XX; Quadrante Norte: 121 11X X1X 2X11; Tempo e Resultados: 121 111 X12 2XXX; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 121 X1X X12 X2XX; Tempo de Desporto: 121 11X X12 X112; Resenha Desportiva: 121 X11 XXX 2X1X; Panorama: 12X 111 X11 X111; Bola Branca: XX1 111 112 X111; Frente Desportiva: 121 X11 X2X 2111; Placard Desportivo: X21 1X1 1X1 1121; Alvo Desportivo: 1X1 111 X1X 21XX; Rádio Alvo: X21 X11 112 1112; Alvo: 111 111 X11 X12X; Alvo Suplemento: 1X1 X11 21X 1111; A Voz dos Ridículos: 1X1 X11 X1X X111; Música e Desporto: 121 1XX 111 X11X.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 9/90 DE 4 DE MARÇO DE 1990

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1. Porto - Sporting	58	12	4	9	2	1
2. Penafiel - Benfica	2	9	63	1	1	10
3. E. Amadora - U. Madeira	67	5	2	10	1	1
4. Belenenses - Boavista	43	30	1	7	4	1
5. Setúbal - Tirsense	71	3	0	11	1	1
6. Beira Mar - Braga	38	34	2	6	5	1
7. Nacional - Marítimo	15	46	13	3	7	2
8. Portimon. - Chaves	48	22	4	8	3	1
9. Aves - Famalicão	14	33	27	2	5	5
10. Caldas - Salgueiros	17	33	24	3	5	4
11. Académica - Espinho	43	18	13	7	3	2
12. Silves - Olhanense	36	31	7	6	5	1
13. Estoril - Louletano	35	43	6	5	6	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
121 111 X1X X11X

I Série N.º 50
Dia 1 de Março
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Assembleia da República

Lei n.º 9/90:
Incompatibilidades de cargos políticos e altos cargos públicos.

Resolução da Assembleia da República n.º 5/90:
Dá assentimento à viagem de carácter oficial do Presidente da República a Itália entre os dias 15 e 20 de Fevereiro de 1990.

Ministérios das Finanças e do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 164/90:
Cria no quadro de pessoal da Direcção-Geral do Trabalho um lugar de assessor principal.

Ministério da Justiça

Decreto-Lei n.º 67/90:
Altera o Código do Notariado.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto n.º 5/90:
Aprova o Acordo entre a República Portuguesa e o Reino de Marrocos no que se refere à Promoção e Protecção Recíprocas dos Investimentos.

Portaria n.º 165/90:
Fixa o mapa do pessoal assalariado da Embaixada de Portugal em Abidjan com efeitos a partir de 1 de Janeiro de 1990.

Ministério da Indústria e Energia

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério para o ano de 1989 no montante de 66 245 contos.

Ministério da Educação

Portaria n.º 166/90:
Regulamenta a inscrição na prova geral de acesso em 1990.

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 1 013 110 contos para o ano de 1989.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

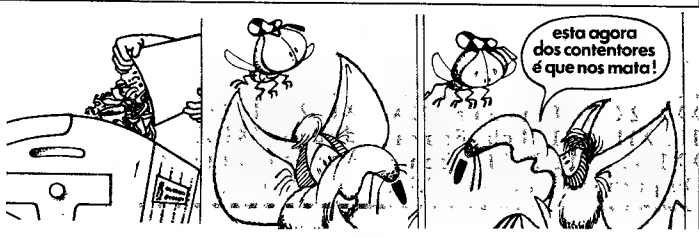
Decreto-Lei n.º 68/90:
Altera o Decreto-Lei n.º 34/87, de 20 de Janeiro, que adoptou medidas para apoiar o reapetrechamento e desenvolvimento da marinha de comércio portuguesa.

SUPLEMENTO

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Resolução do Conselho de Ministros n.º 5/90:
Aprova as instruções sobre a segurança informática (SEGNAC 4).



AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte e Centro:- Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado no Minho, Douro e Beira Litoral. Vento fraco a moderado de Norte.

Regiões do Sul: - Céu pouco nublado ou limpo e vento fraco ou moderado de Noroeste.

Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 3 metros na Costa Ocidental, Norte e Centro, apresentando-se encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Sul Oriental. Na Costa Sul o mar será encrespado com ondulação inferior a 1 metro.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado e vento Nordeste moderado.

Mar cavado com ondulação Norte de 3 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal, períodos de céu muito nublado e vento fraco.

Amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento Nordeste moderado, soprando fraco no Funchal.

AÇORES

Grupos Ocidental e Central: - Céu muito nublado e vento Sul fraco a moderado. Períodos de chuva. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros.

Grupo Oriental: - Céu geralmenta muito nublado e vento Sul fraco. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros

Amanhã: - Grupos Ocidental e Central, céu geralmenta muito nublado e vento Sul moderado. Períodos de chuva fraca em especial no Grupo Ocidental. No Grupo Oriental, céu geralmente muito nublado e vento fraco ou moderado de Leste.

Amanhã

No Continente:

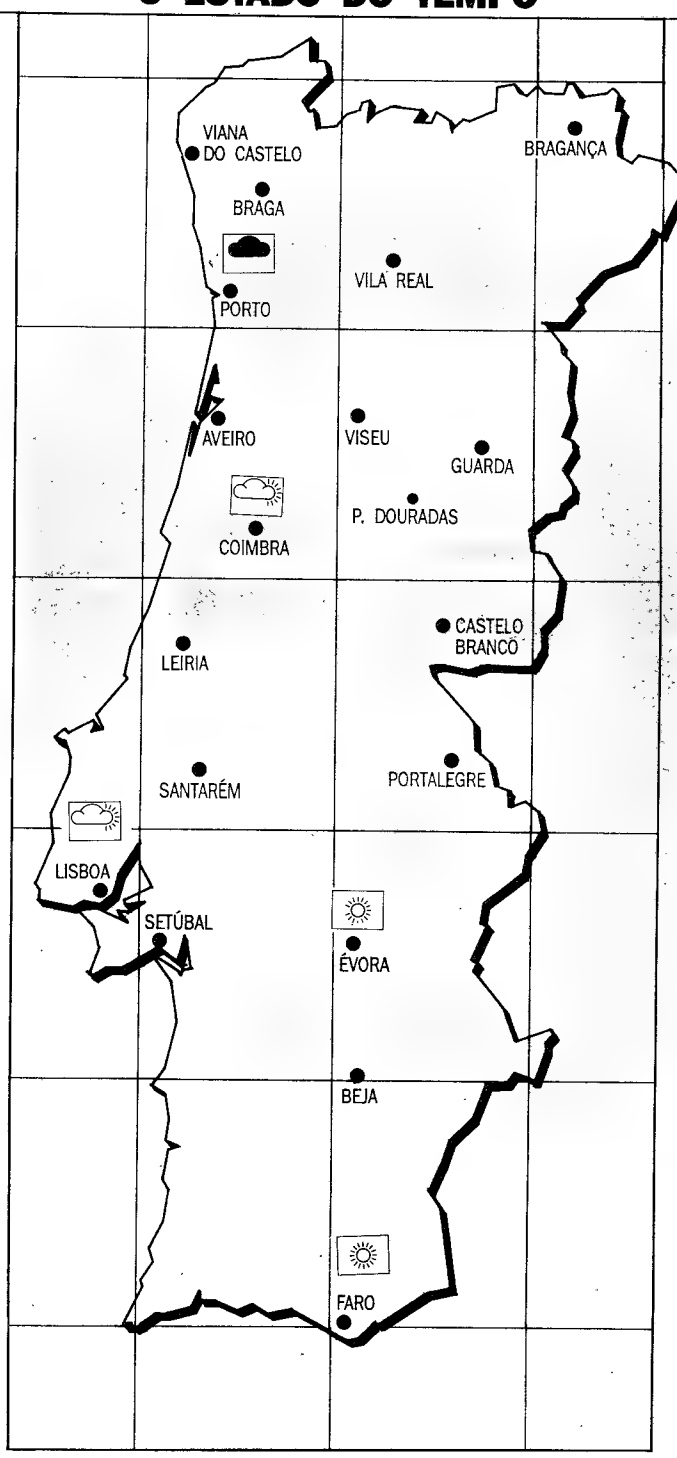
Regiões do Norte. céu pouco nublado e vento Nordeste moderado a forte. Regiões do Centro e Sul, céu pouco nublado, temporariamente muito nublado e vento fraco ou moderado de Nordeste.

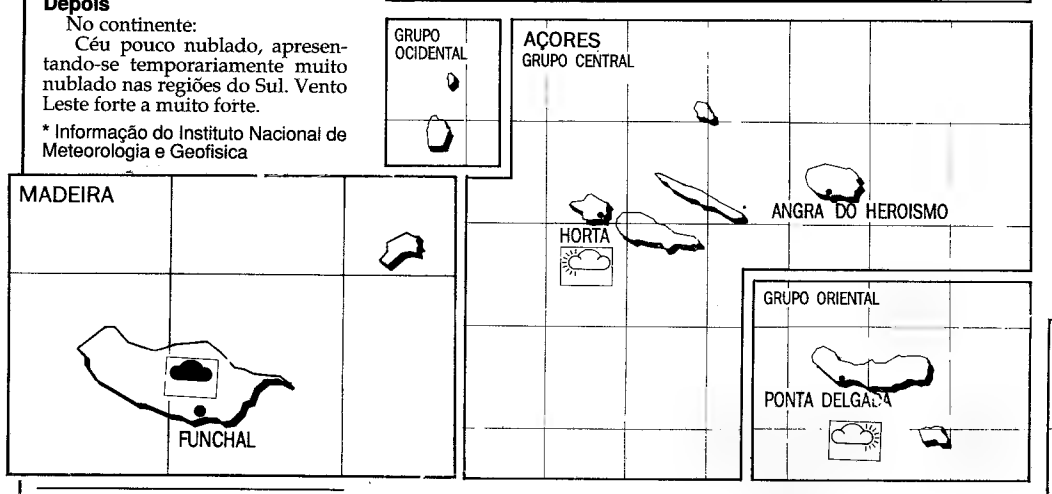
Depois

No continente:

Céu pouco nublado, apresentando-se temporariamente muito nublado nas regiões do Sul. Vento Leste forte a muito forte.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofisica





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
05.36	3,9m	11.21	0,6m
17.57	3,7m	23.41	0,7m

Amanhã

06.20	3,7m	—	—
18.43	3,5m	12.05	0,9m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	2	2	P. nub.
V. Castelo	11	11	M. nub.
Vila Real	5	5	Limpo
Porto	11	11	M. nub.
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	11	11	Encoberto
C. Carvoeiro	13	13	Encoberto
C. Branco	5	6	P. nub.
Portalegre	6	8	Nevoeiro
Lisboa	11	12	M. nub.
Évora	7	7	Limpo
Beja	5	6	Limpo
Sines	9	10	P. nub.
Faro	8	9	Limpo
Sagres	11	11	P. nub.
P. Delgada	10	10	P. nub.
Horta	14	14	Encoberto
Funchal	13	14	M. nub.

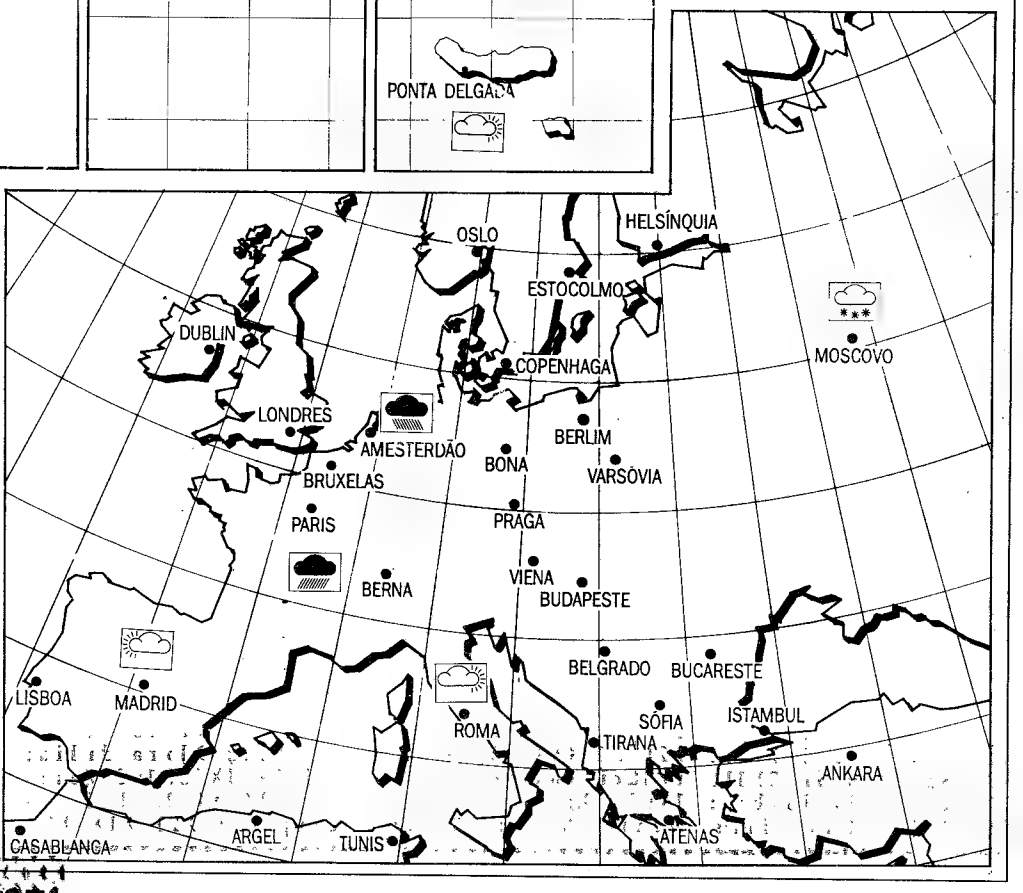
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 17; Porto, 14; Faro, 17; P. Delgada, 17; Funchal, 20.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	5	6	Nevoeiro
Londres	2	2	Limpo
Paris	3	4	M. nub.
Bruxelas	2	3	M. nub.
Amesterdão	3	4	Aguaceiros
Genebra	6	6	Chuva
Roma	10	12	Neblina
Oslo	-3	-2	M. nub.
Copenhaga	4	4	M. nub.
Estocolmo	-2	-2	M. nub.
Berlim	1	2	Chuva
Viena	4	9	Aguaceiros
Varsóvia	0	0	Neve
Atenas	8	9	P. nub.
Moscovo	1	1	Encoberto

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-10	6	Limpo
Houston	13	18	Aguaceiros
Los Angeles	12	20	Neblina
Montreal	-16	-5	Limpo
Nova Iorque	-6	6	Limpo
S. Francisco	9	16	P. nub.
Toronto	-9	2	Limpo
Vancover	-1	10	Limpo
Washington	-6	12	Limpo
Hong Kong	12	20	Chuva
Melbourne	14	22	Neblina
Pequim	-5	4	Neblina
Perth	20	35	Aguaceiros
Singapura	24	34	Aguaceiros
Sydney	18	26	Limpo
Tóquio	5	10	Aguaceiros
Wellington	5	22	Limpo



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alameda D. Afonso Henriques: Esperança, Rua Carlos Mardel, 101-B, Tel. 882968; **Alcântara:** Bairrão, Rua Prior do Crato, 27, Tel. 661321; **Anjos (ao Cinema Roxy):** Guerra, Rua Andrade, 32-36, Tel. 8145513; **Av. Roma (Bairro São Miguel):** São Miguel, Praça Francisco Morais, 1, Tel. 771469; **Baixa:** Morão, Rua Assunção, 17-19, Tel. 878269; **Belém - Altinho:** Gomes Suc., Rua da Junqueira, 326-328, Tel. 3638193; **Chelas - Zona N 2:** Almeida Vaz, Rua Pardal Monteiro, Lote 248 - Loja 92, Tel. 8595673; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Estados Unidos:** Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A, Tel. 890465; **Lapa:** Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; **Lumiar:** Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B; **Luz - 2.ª Circular:** J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A, Tel. 7260969; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **São Sebastião:** Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71, Tel. 547213; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Odivelas:** Catela Tavares, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A, Tel. 9815446; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912; **Portela:** Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela, Tel. 9431423.

REFORÇO

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; **Alto Santo Amaro:** Tapada, Calçada da Tapada, 83-A, Tel. 3634721; **Alvalade:** Sanex, Av. da Igreja, 31-C, Tel. 897505; **Arco Cego:** Providência, Rua D. Filipa Vilhena, 9-C, Tel. 770324; **Benfica - Portas Benfica:** Benfica, Estrada Benfica, 678-E, Tel. 702532; **Campo de Ourique:** Almeida, Rua Silva Carvalho, 136, Tel. 681726; **Fundação Calouste Gulbenkian:** Berne, Av. de Berna, 44-A, Tel. 773568; **Madre de Deus:** Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B, Tel. 382470; **Marquês Pombal:** Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, Tel. 545048; **Penha França:** Carrondo, Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Tel. 667460; **Príncipe Real - São Bento:** Confiança, Praça das Flores, 59-60, Tel. 670401; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166, Tel. 4104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Mourão Vaz, Av. Moçambique, 18-C, Tel. 4437196. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **S. Pedro do Estoril:** S. Pedro, Rua 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Suíça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais:** Cascais, R. Conie Monte Real - B.º Caixas, Tel. 282407. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 - Reboleira, Tel. 4938703. Permanente; Romeiro, Urb. Casal D. Brás, Lote 116, Tel. 4949050. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; **Queluz:** Vasconcelos, Est. Part. Henriq. Pousão, Tel. 4372649. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rico, L. Adriano S. Gil - Agualva, Tel. 4312833. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B, Tel. 2760565. Permanente; **Cova da Piedade:** Rosinha Santa, R. Soc. Fua Piedense, 50-A, Tel. 2294182. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31 - IJ. Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, P. General Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Oliveira Sérgio, R. Álamos, 2-A, Tel. 229664. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Normal, Av. Alfredo Silva, 116, Tel. 2073212. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040151. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484.

MÉDICO DE URGÊNCIA

766 171
766 178
766 179

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

ANIGOS, ANIGOS CLUBES À PARTE

Libertado o ministro raptado na Guatemala pelos guerrilheiros

«QUEM NÃO TRABALHA NÃO FAZ AMOR»

Libertado o ministro raptado na Guatemala pelos guerrilheiros

O ministro dos Negócios Estrangeiros guatemaltecos, Alberto Fuentes Mohr, foi libertado pelas «Forças Armadas Rebeldes». Entretanto, o guerrilheiro José Vicente Giron Calvillo tinha sido entregue às 22 horas e 40 locais pelo Governo guatemalteco na residência do embaixador do México na Guatemala. O ministro, que foi libertado 24 dias após a detenção, foi recolhido num local desconhecido por uma comissão diplomática composta pelos embaixadores do México, do Peru e do Equador, que o trouxeram de automóvel para a suia residência.

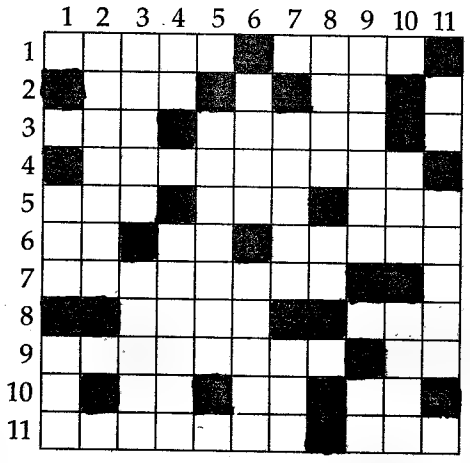
«Quem não trabalha não faz amor...»

Uma canção típica, relembrando a vaga de greves e agitação trabalhista do último Outono em Itália, foi ontem à noite a grande vencedora do XX Festival da Canção Italiana de san Remo. (...) Primeiros versos da canção: «Se eu não fizer greve, os camaradas batem-me / Se eu fizer greve, minha mulher diz-me / - Quem não trabalha não faz amor...»

Manifestação

Uma importante manifestação pró-israelita , em que tomaram parte cerca de dez mil pessoas, assinalou a visita do Presidente Georges Pompidou a Chicago.

PALAVRAS CRUZADAS



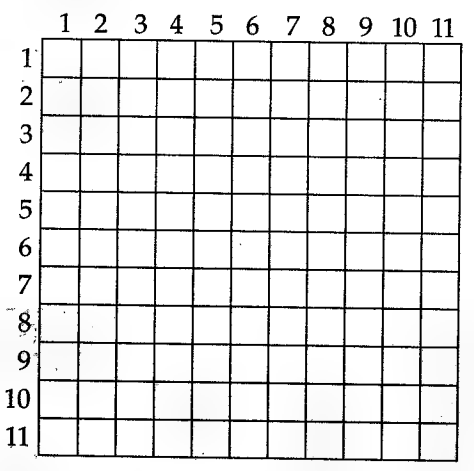
PROBLEMA N.º 17868

HORIZONTAIS:

1 - Mirar. Preposição.
2 - Seguias. Rio de Itália.
3 - Âmio. Frecha farpada dos índios da América do Sul.
4 - Ponderaram.
5 - Cantão da Suíça. Ilha da Polinésia. Claridade.
6 - Vossa Alteza (abrev.). Cavalo-vapor. Cantiga.
7 - Esmoncamos.
8 - Cantiga. Sufixo que designa pequenez.
9 - Flutuasses. Eurípio (s.q.).
10 - Segundo. Sentidas condolências. Espera deferimento.
11 - Ensejo. Pronome possessivo.

VERTICAIS:

1 - Artigo definido. Nome de fruto. Recusa.
2 - Aperfeiçoaras.
3 - Uma das Grandes Antilhas. Saudável.
4 - Carta de jogar. Enrubesceis.
5 - Inventais.
6 - Freguesia do concelho de Castelo Branco. Cidade de Itália.
7 - Prudente. Boato.
8 - Mamífero desdentado espécie de tatu. Reis.
9 - Avermelhado. Pertences.
10 - Artigo definido. Mil e quatro em romano. Secura.
11 - Platina (s.q.). Cidade da Suíça.



PROBLEMA N.º 16678

HORIZONTAIS:

1 - Cidade do México.
2 - Frutos secos. Uma das Cíclades.
3 - Cimentaram. Víscera dupla.
4 - Rio de França. Sufixo que designa abundância.
5 - Sadias. Curas.
6 - Bromo (s.q.). Sentir desgosto.
7 - Venere. Ribeira de Portugal.
8 - Tornei a ler. Donzela de Orleães. Moderato.
9 - Grego. Joeira (inv.). Madeira.
10 - Ilha da Polinésia. Empregue.
11 - Ilha da Grécia, na costa O. da Ática.

VERTICAIS:

1 - Cidade da Áustria.
2 - Prevenir. Estavas.
3 - Transmites por testamento. Alumínio (s.q.). O mesmo que uma (ant. e pop.).
4 - Içar. Transfere para outro dia.
5 - Apatia profunda. Rio de Portugal.
6 - Membro de ave. Cidade da Suíça.
7 - Falecer. Nota musical.
8 - Centímetro. Prata (s.q.).
9 - Esbeltas. Mula.
10 - Lírio (flor). Nome de frutos.
11 - Cidade da Roménia. Uma das sete maravilhas do Mundo.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 867

HORIZONTAIS: 1 - À. ROLA. E. AO. 2 - Krus. Anão. 3 - Sassa. Ar. 4 - Untou. Oi! Te. 5 - Aí. Ea. IE. 6 - Co. Meã. Mr. 7 - Ato. Man. Apó. 8 - Rãs. Arga. Os. 9 - DI. Olga. Sr. 10 - Apa. Ganiram. 11 - Lascaram. Lu.

VERTICAIS: 1 - Aksu. PARDAL. 2 - Rana. Taipa. 3 - Rústicos. As. 4 - Osso. 5 - Aue. Malga. 6 - Aa. Amargar. 7 - NÃO. ENGANA. 8 - Earina. Im. 9 - O. Sr. 10 - TEMPORAL. 11 - Obreiros. Mu.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 677

HORIZONTAIS: 1 - Macedónia. 2 - Imaculado. 3 - Sol. Rer. Mr. 4 - Sia. Giraram. 5 - Oros. Ralado. 6 - ~Ua. Acode. Os. 7 - Am. Somara. 8 - Iodar. Rã. 9 - Piratas. Ás. 10 - Miais. 11 - Corão. Fiam.

VERTICAIS: 1 - Missouri. MC. 2 - Amoira. Ópio. 3 - Calão. Adiar. 4 - EC. Samaria. 5 - Durg. Raso. 6 - Oleiros. 7 - Narradoras. 8 - Id. Alemãs. 9 - Ao. Rã. Bi. 10 - Madorna. 11 - Formosa. Sim.

PROVÉRBIO: À ROLA E AO PARDAL NÃO ENGANA O TEMPORAL.

EFEMÉRIDES

1950

• O Partido do Congresso, do pandita Jawahralal Nehru, vence, por larga maioria, as primeiras eleições gerais na Índia.

1966

• A URSS faz aterrar, na superfície do planeta Vénus, uma nave espacial, com uma tonelada de peso, depois de um voo de três meses e meio.

1979

• Após uma interrupção de 30 anos nas relações diplomáticas o embaixador chinês em Washington, Chai Zemin, apresenta credenciais ao presidente norte-americano, James Carter.

• A explosão subterrânea de uma ogiva nuclear em Yuca, Estados Unidos da América, abala a cidade de Las Vegas, a 130 quilómetros de distância do local da experiência.

1985

• Julio Sanguinetti toma posse como presidente do Uruguai, após cerca de 12 anos de regime militar.

1989

• Na sequência de um despiste no Rali de Portugal, morre o piloto português Augusto Mendes, elevando para cinco o número de vítimas mortais na história desta competição automóvel.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
CORAÇÕES DE AÇO
Filme de Brian de Palma, c/Michael J.Fox e Sean Penn
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
FOGO MALDITO
Filme de Clive Barker, c/Andrew Robison e Clare Higgins
Maiores de 18 anos
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Filme de Euzhan Palcy, c/ Donald Sutherland e Janet Suzman
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos
Sessões ás 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
NÃO ME IMPORTO
Filme de Shmuel Imberman
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
HONRA E VINGANÇA-3
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
SEXO MASOQUISTA
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
FUROR SEXUAL DE VANESSA
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
SHOKER-CEM MIL VOLTS DE TERROR
Filme de Wes Craven, c/ Michael Murphy

UM MUNDO À PARTE
EM EXIBIÇÃO — SALA 3 — QUARTETO — PUB — MAIORES 12 ANOS

Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
LINHAS TROCADAS
Com Kathleen Turner e Burt Reynolds
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
Telef. 9434762
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.15 e 21.15 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546085
OKRAINA
Filme de Boris Barnet, às 18.30 horas.
MERRY-GO-ROUND
Filme de Jacques Rivette, às 21.30 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
NOVE SEMANAS E MEIA
Filme de Adrian Lyne
Maires de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523

CORRUPÇÃO NA CIDADE
Filme de Harel Reisz
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
DOIS DETECTIVES EM APUROS!
Com Lorin Dreyjuss
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
O BANDO DAS QUATRO
Filme de Jacques Rivette
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.00, 15.45, 18.30 e 21.30 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
HANNA D.
Filme de Axel Berger
Maiores de 18 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

horas.
KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
CORRUPÇÃO NA CIDADE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e

IMPORTADORA E DISTRIBUIDORA DE CARVÕES, S.A.

Sede: Rua do Alecrim, 39, Lisboa
Capital: 18 000 000$00

Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 36 237, no Livro C-89, a fls. 143 v.º Contribuinte n.º 500137552.

CONVOCAÇÃO

Convoco os Exm.ºs, Srs. Accionistas desta sociedade para a assembleia geral ordinária que se realizará no dia 31 de Março de 1990, pelas 21 horas e 30 minutos, na sede social, com a seguinte ordem de trabalhos:

1) Apreciação e votação do relatório e contas do conselho de administração referente ao exercício do ano findo, bem como do respectivo parecer do conselho fiscal;
2) Deliberar sobre qualquer ouro assunto que seja posto à consideração da assembleia e que esta entenda dever considerar.

Lisboa, 01 de Fevereiro de 1990

O Presidente da Assembleia Geral,
(Arlindo José Mendonça Garcia Fernandes)

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

ANÚNCIO

— O Dr. ÁLVARO DIONÍSIO VASCONCELOS, Juiz de Direito do 1.º Juízo do Tribunal Judicial de OEIRAS.

— FAZ SABER, que foi distribuída a esta 2.ª Secção uns Autos de ACÇÃO ESPECIAL DE INTERDIÇÃO POR ANOMALIA PSÍQUICA, registados sob o n.º 15/90, em que é Autor o MINISTÉRIO PÚBLICO e Requerido JOSÉ CARLOS LOPES NAVARRO, solteiro, reformado, 79 anos, natural da freguesia de Anjos, concelho de Lisboa e residente no «LAR DO DAFUNDO», na Rua Paulo Duque 22/24 — DAFUNDO, comarca de OEIRAS para o efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica — artºs 945.º C.P.C.

Oeiras, 12 de Fevereiro de 1990.

O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)
A Escrivã Adjunta
Noémia Maria Santos

CARTAZ

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
O POLICIA DE MIAMI
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 18.00 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
COMPETIÇÃO SEXUAL
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
CORRUPÇÃO NA CIDADE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
ARIEL
Filme de Aki Kaurismaki
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 16.45, 18.00, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
UM MUNDO À PARTE
Filme de Chris Menges, c/ Barbara Hershey
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

QUARTETO 4
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?
Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00 e 22.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

SÃO JORGE 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210

«Querida eu Encolhi os Miúdos», um filme para todos em exibição em várias salas de cinema

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30 horas.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
GENTE GIRA É OUTRA COISA
Maiores de 6 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas.

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
SHOKER-CEM MIL VOLTS DE TERROR
Maiores de 18 anos
Sessões às 12.00, 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
SANGUE E ARENA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Mairoes de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.
SALA 2
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef. 4439759
SORTILÉGIO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS MIRAMAR 1
Telef. 2841744
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
GENTE GIRA É OUTRA COISA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

TEATRO LISBOA

A BARRACA CINEARTE
Largo de Santos, nº 2 - Telef. 665360 /686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita.

TEATRO DE CARNIDE
Azinhaga das Freiras - Telef. 7145178
Sextas e Sábados às 21.30 horas
DIVINAS PALAVRAS
De Rámon del Valle-Inclan.

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Dom. às 17.00 horas, descanso à 4ªFeira
SALA NOVA
PÉCORA de Natália Correia.
SALA 2
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00 e 21.30. Domingo às 16 horas.
A PREGAÇÃO
De João Brites, pelo Grupo O Bando.
CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24 - Telef. 607299
De 3ª a Dom. às 22.00 horas
E O ZÉ QUE ZÉ
Textos de Mário Cesariny de Vasconcelos, Fernando Pessoa, José Manuel Ribeiro, Lauzier e Stig Dagerman. Encenação de José Carretes.

TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A - Telef. 661515/669205
De 5ª a Sáb. às 21.30. Dom. e Feriados às 16.00 horas
SALADA
De Tristan Rémy

RITZ CLUBE
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 5ª a Sábado às 21.30. Sábado e Domingo às 16.00 horas
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas.

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16 horas
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/ Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telef. 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas. Domingos às 16 horas
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht
(Em cena até dia 4 de Março).

TEATRO MARIA MATOS
Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52 - Telf. 897017
3ª, 4ª e 5ª, às 21.30. Sextas e Sábados às 20.30 e 23.00. Dom. e Feriado. às 15.00 e 18.00 horas.
SEVERA
De Júlio Dantas

TEATRO MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - Telef. 3461740
VITÓRIA! VITÓRIA!
Em cena às 20.30 e 22.45 horas.

TEATRO DA POLITÉCNICA
R. da Escola Politécnica, 58-Telf. 674474
De 3ª a 6ª às 21.00 horas
D. JOÃO E A MÁSCARA
De António Patricio
(Em cena até dia 18)

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037
De 3ª a Domingo às 21.30. Domingos e Feriados às 16.00 horas
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana.

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16.00 e 21.30 horas
ORA BATE... BATMAN'SO.

OUTRAS LOCALIDADES

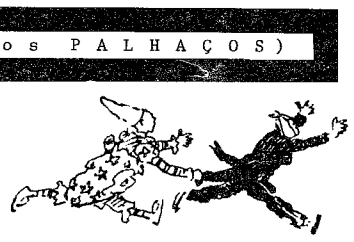
TEATRO DA MALAPOSTA
R. Angola - Olival Basto - Odivelas - Telef. 9873299
A TARANTELA VERMELHA
De Salvatore Cuffaro
Em cena nos dias 1 e 2 às 11.00 e 15.00 horas.

ESTORIL TEATRO DO CASINO
Telefone 2684521
De 4ª a Sáb. às 22 horas. Dom. às 17 horas
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria
(Em cena até dia 11).

teatro da cornucópia

SALADA

(TEXTOS dos PALHAÇOS)



«Há muitos anos que não ria tanto num espectáculo» — **Jornal de Letras**

«uma autêntica explosão lúdica» — **Diário de Notícias**

«um momento de teatro divertido e despretencioso» — **O Jornal**

«Uma salada para todos e que vai alimentar muitas horas de prazer» — **Semanário**

«uma arte de inteligência e divertimento que não pára de se divertir connosco e consigo própria» — **Expresso**

«o que nós nos rimos?... ? uma das propostas teatrais mais modernas que a Cornucópia nos apresentou.» — **Independente**

«um dos espectáculos mais soltos, mais felizes e mais comoventes do seu historial» — **Fim de Semana**

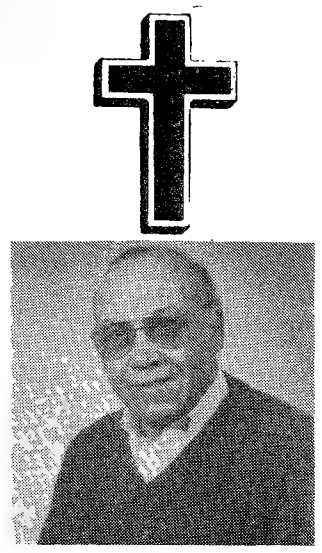
«É sensacional... um espectáculo fascinante, capaz de agradar a todos os públicos» — **«D. Lisboa»**

«lamentável, mortiço, sem graça /.../ o pior espectáculo da Cornucópia de sempre». — **Capital**

5.ª a Sáb. — às 21.30H — Dom. e Feriados — 16H;
3.ªs e 4.ªs-Feiras — Matinées para escolas

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA Telef.: 66 15 15/66 92 05

VILA FRANCA DE XIRA



ELMANO DOS SANTOS PEREIRA

FALECEU

Sua esposa, filhos, noras, pais, irmão, cunhada e restante família, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade o seu falecimento e que o funeral se realiza hoje, dia 1, pelas 14 horas, antecedido de Missa de Corpo Presente, da Capela do Mártir Santo para o cemitério local.

Agência Machado, Ld.ª
Telef. 22302 — V.F. Xira

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
116º episódio
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
84º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
60º episódio
21.15 - WINSTON CHURCHILL: OS ANOS AGITADOS
3º episódio: Churchill, Clemmie, Randolph, Sarah e o professor Linderman organizam uma festa britânica num hotel de Munique. Hitler sabe desta reunião e não se sente nada satisfeito, dado que é do conheciemnto geral que o membro conservador do Parlamento, Winston Churchill, estava convicto - e di-lo publicamente - que a Alemanha preparava uma guerra. Em Berlim estão já em acção os membros da "Juventude Nasi", grandes apoiantes do Führer. Entretanto, Churchill regressa a Inglaterra, onde a questão indiana está a ser debatida na Câmara dos Comuns.
23.00 - MR. BEAN
23.30 - 24 HORAS
00.05 - REMATE

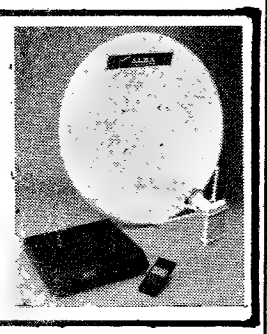
No 2º Canal às 21.30, mais um episódio de «Emoções»

O 84º episódio de «Rua Sésamo», no 1º Canal às 18.30

RTP-2

16.55 - BENJI E O PRÍNCIPE EXTRATERRESTRE
17.15 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
5º episódio: hoje iremos conhecer o negócio da família de Henri Selmer, que ficou com a firma que pertencera à família Sx. Os saxofones são fabricados manualmente pelos Selmer e teremos oportunidade de ouvir excertos de música apropriada a este instrumento, nomeadamente jazz.
17.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
51º episódio
18.25 - OS HENDERSON
11º episódio
19.15 - MAX FOLLIES
19.30 - CLÁSSICOS NA TV
11º episódio de «Estrada 66»
20.25 - PRIMEIRO ANDAMENTO
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
6º episódio: Quando uma das cantoras abandona o grupo que estava, de momento, a gravar para a editora, Zach procura, afincadamente, uma substituta. Ao saber por Sandy o que se passa, Meredith resolve enviar para apreciação uma gravação que a mostra a cantar num casamento.
21.55 - HORA DA VERDADE
Educação
22.55 - QUINTA DIMENSÃO
12º episódio: Uma mulher que se escondeu numa nave especial descobre, horrorizada, que cometeu um erro terrível. É este o argumento de mais um episódio desta série, baseada num conto célebre de Tom Gochwin e realizado por Martin Lavut.

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - GLOSS
14.20 - VILA FAIA
15.10 - O MUNDO ANIMAL
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - CHEGAR, APOSTAR E VENCER
19.20 - BOLETIM METEOROLÓGICO PARA A AGRICULTURA
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
22.15 - VALE TUDO
21.10 - MOBIL NOS CAMINHOS DE PORTUGAL
21.30 - GALA DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS
23.00 - CHEFE, MAS POUCO...
23.30 - 24 HORAS
24.00 - REMATE
00.10 - PELA NOITE DENTRO
«Um Pequeno Crime»

RTP-2

14.31 - TELEMERCADO
15.00 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - 3, 2, 1 CONTACTO
17.20 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.25 - HAJA MÚSICA
19.30 - MAX FOLLIES
19.40 - CLÁSSICOS DA TV
20.30 - AS CIDADES E AS TERRAS
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
23.00 - ACERTO DE CONTAS
23.40 - ROTAÇÕES

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1 VALE TUDO
RTP 2 EMOÇÕES
PP
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

VIDEO crac filmes
O CINEMA DE QUALIDADE EM SUA CASA
● O Couraçado Potemkine
● A Mãe
● Escrava do Amor
● Amor em Tempo de Guerra
● Balada do Soldado
PACOTE COM 3 TÍTULOS 10 CONTOS
PREÇO UNITÁRIO: 5 CONTOS
PANORAMA DO CINEMA DE ANIMAÇÃO NA CHECOSLOVÁQUIA
Filmes de Animação - colecção VASCO GRANJA
● O Paraíso das Imagens (Canadiano) 3.400$00
● O Homem de Papel (Canadiano) 3.450$00
● Volume I e Volume II (Cassetes para todos)
● Volume III e Volume IV (Cassetes para adultos)
PREÇO UNITÁRIO DE CADA VOLUME 2.950$00
Enviamos à cobrança pelos CTT Aceitamos cheques/encomenda
Apartado 90-2745 QUELUZ
Telf. 437 50 86/437 09 31-Telex 66 973 CRAC

«Há um limite para o acolhimento das reivindicações em matéria de protecção do ambiente»

Valente de Oliveira, «A Capital», 28.02.90

A PERGUNTA DO DIA

Manuel Lucas Estêvão director do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor

A que se deve o crescente número de crianças vítimas de acidentes domésticos ou de lazer, em Portugal?

«Em Portugal, como nos restantes países industrializados ou em vias de industrialização, assiste-se a dois processos de sentido contrário: por um lado, a uma baixa da taxa de mortalidade infantil (até 1 ano de vida) especialmente da chamada «mortalidade à nascença», por outro, no grupo etário dos 0 aos 14 anos, a um aumento da taxa de sinistralidade.

A baixa da taxa de mortalidade à nascença resulta dos progressos das ciências médicas, da generalização da medicina e duma crescente maior informação dos pais. As elevadas taxas de acidente com crianças têm, em Portugal, causas múltiplas. A introdução e a expansão recente, no nosso quotidiano, de novos elementos da civilização moderna (a electricidade, as máquinas, os produtos químicos) constituem factores de risco a acrescentar aos tradicionais. A falta de normas e regulamentos de segurança relativamente a muitos produtos de consumo, a par do peso elevado, ainda, da população rural, com baixo nível educativo e sem acesso à informação, são outros factores explicativos da elevada sinistralidade entre as crianças portuguesas.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

Artigo de Fernando Piteira Santos

INES: a prova dos nove em Grande Angular

Angra: cidade nova com trajes antigos

ENTREVISTA

João Bénard da Costa é subdirector da Cinemateca Portuguesa. Nos anos 60, dirigiu a revista «O Tempo e o Modo», hoje está a escrever vários livros, um deles sobre Howard Hawks

«Sou profundamente revivalista»

D.L. - A sua actividade principal é ver filmes?

J.B.C. - É uma das actividades.

D.L. - Que quer dizer com isso?

J.B.C. - Há outras...

D.L. - Mas os filmes desempenham um papel importante na sua vida?

J.B.C. - Muitíssimo...

D.L. - Porquê?

J.B.C. - É difícil responder. Nem eu sei bem. Desde miudo que o cinema tem para mim um papel muito especial...

D.L. - Mas com que expectativa vai ao cinema?

J.B.C. - Com a expectativa de ficar encantado.

D.L. - Vê muitos filmes?

J.B.C. - Vejo.

D.L. - Não se cansa?

J.B.C. - Não, de maneira nenhuma.

D.L. - Não há filmes que o aborreçam?

J.B.C. - Mesmo aqueles que me aborrecem, aqueles de que não gosto nada, normalmente vejo-os até ao fim. É muito raro que eu saia a meio de um filme.

D.L. - Que é que mais lhe agrada na estrutura de um filme?

J.B.C. - A princípio prendiame aos mais variados aspectos, desde a história, aos temas: filmes de aventuras, de piratas, fantásticos... Hoje em dia o que me interessa predominantemente é a realização e o trabalho dos actores.

D.L. - Nunca pensou em fazer um filme?

J.B.C. - Não.

D.L. - Porquê?

J.B.C. - Considerei sempre que não tinha jeito nem talento para isso. Não seria capaz de dominar um espaço para meter nele aquilo que eu quereria dizer em imagens. Sou um homem de imagem, mas não sou um homem para me exprimir em imagens.

D.L. - Qual foi o filme que mais gostou de ver?

J.B.C. - Terrível pergunta... Há imensos... É impossível dizer. Não sei responder a essa pergunta.

D.L. - Como transpõe a linguagem fílmica para o campo da crítica cinematográfica?

J.B.C. - Como não sou um homem que me exprima por imagens, mas pela escrita, é bastante fácil para mim traduzir por palavras aquilo que eu vi ou recebi em imagens. Não só no cinema, mas também na pintura. Aliás, a minha primeira paixão foi a pintura...

D.L. - Ainda hoje?

J.B.C. - Sim. Para mim o cinema é uma arte que está profundamente ligada às artes plásticas. Quando se fala do cinema como síntese de todas as artes, o principal valor do cinema é o valor plástico. O cinema é uma arte dependente de todas as artes plásticas.

D.L. - Considera-se um homem marcado pelos anos 60?

J.B.C. - A minha geração é a dos anos 50. Formei-me em 58, casei-me em 58, tive o primeiro filho em 59, conheci os meus grandes amigos nos anos 50. Todas estas paixões, o cinema, a música, a literatura, tudo isso aconteceu nos anos 50.

D.L. - Mas os anos 60 deixaram-lhe marcas. Estou a lembrar-me da revista «O Tempo e o Modo»...

J.B.C. - Sim. Foi uma época de maior realização, de passagem ao estado adulto. Dos anos 60 ficou-me a relativização de um determinado número de ideias criadas nos anos 50. Por exemplo, deixei de ser católico...

D.L. - Porquê?

J.B.C. - Deixei de ser católico, mas não deixei de ser cristão, religioso. Deixei de acreditar numa dogmática, na veiculação da verdade através de uma igreja, neste caso, da Igreja Católica. Deixei de acreditar na Igreja como única palavra de salvação. Também nos anos 60 deixei de aceitar completamente e para toda a vida qualquer outro tipo de igreja, seja a baseada no «Pai, Filho e Espírito Santo» ou nos outros pais e filhos de Marx e Lenine. Ficou-me uma profunda heterodoxia em relação às ortodoxias.

D.L. - É revivalista?

J.B.C. - Sou profundamente revivalista.

D.L. - Em quê?

J.B.C. - O gosto em rever os filmes que já vi, de frequentar as mesmas pessoas, de ser muito apegado às coisas do passado. Custa-me muito romper com o passado. Fiz poucas rupturas. Nunca rompi com os meus grandes amigos...

D.L. - É coleccionador?

J.B.C. - Sou.

D.L. - De quê?

J.B.C. - De bonecos, desde os mais *kitsch* aos de antiquário, de postais sobre cinema ou pintura, de livros, de discos e agora de vídeos.

D.L. - O vídeo vai acabar com o cinema?

J.B.C. - Não. Para quem gosta muito de cinema, pode funcionar como um livro de reproduções está para a pintura, isto é, nada substitui a visão do filme, como nada substitui a visão do quadro. O vídeo pode ser útil para obras menores, obras que não vale muito a pena ir ver ao cinema.

A.J.T.

meteorologia

Panem et circenses

Cada proposta de escândalo público, mormente cometida pelos orgãos da Comunicação Social escrita, representa uma *proposição narrativa*, habitualmente em forma de um fragmento de epopeia que teria muito mais a contar... Os feitos dos Casanovas, para as futuras Memórias, conhecemos, se conhecemos, apenas pelos segmentos de vídeos, os negócios da China pela literatura epistolar, outro escândalo pela fuga dos documentos, tudo possuindo todavia uma configuração literária representando certo género, perfilhando um modelo.

A época mudou: em vez de mensageiros mais mortos que vivos, arlequins manhosos ou misteriosos repórteres X embiocados, funciona o telefax, em vez de nomes simbólicos assinados com tinta invisível, de misturas alquímicas ou até de sangue, são os logotipos e as siglas que nos informam da autoria hipotética; porém, a fome do épico por parte do público, ficou. As provas? Basta observar como os leitores se pelam pelas tiragens dessa literatura de cordel em forma de semanários, não tanto por amor à justiça, à ética moral ou social, à honra, à responsabilidade como consequência da liberdade, nem exercem nesses casos um agudo sentido crítico, um juízo de valor; os leitores são neutros, desligados, não comprometidos(*): o que querem é a literatura, a fábula para os curiosos, a narrativa das antigas, a continuação na semana seguinte, uma olhadela ao mundo desconhecido dos grandes negócios, dos apartamentos de luxo nas torres fálicas, a revelação dos segredos de batas brancas. Suspeito: ninguém, além de alguns gatos-pingados e outros provedores quer ser informado sobre a realidade — quer é sonhar divertindo-se através dos escândalos, verdadeiros, meio-verdadeiros, inventados quer os *circenses*, porque nem só de *panem* vive o homem.

Quanto aos jogos, aos escândalos, tem de se dizer em abono da verdade, que os jornais fazem o que podem, e os políticos e assimilados, por vezes, ajudam.

Jorge Listopad

(*) O descomprometimento de alguns pode levar os leitores a hesitar se o CAM de que se fala é o Centro de Arte Moderna ou se é a Companhia do Aeroporto de Macau.

A.M.A. Auto Monumental do Areeiro S.A.

CONCESSIONÁRIOS VW Audi

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

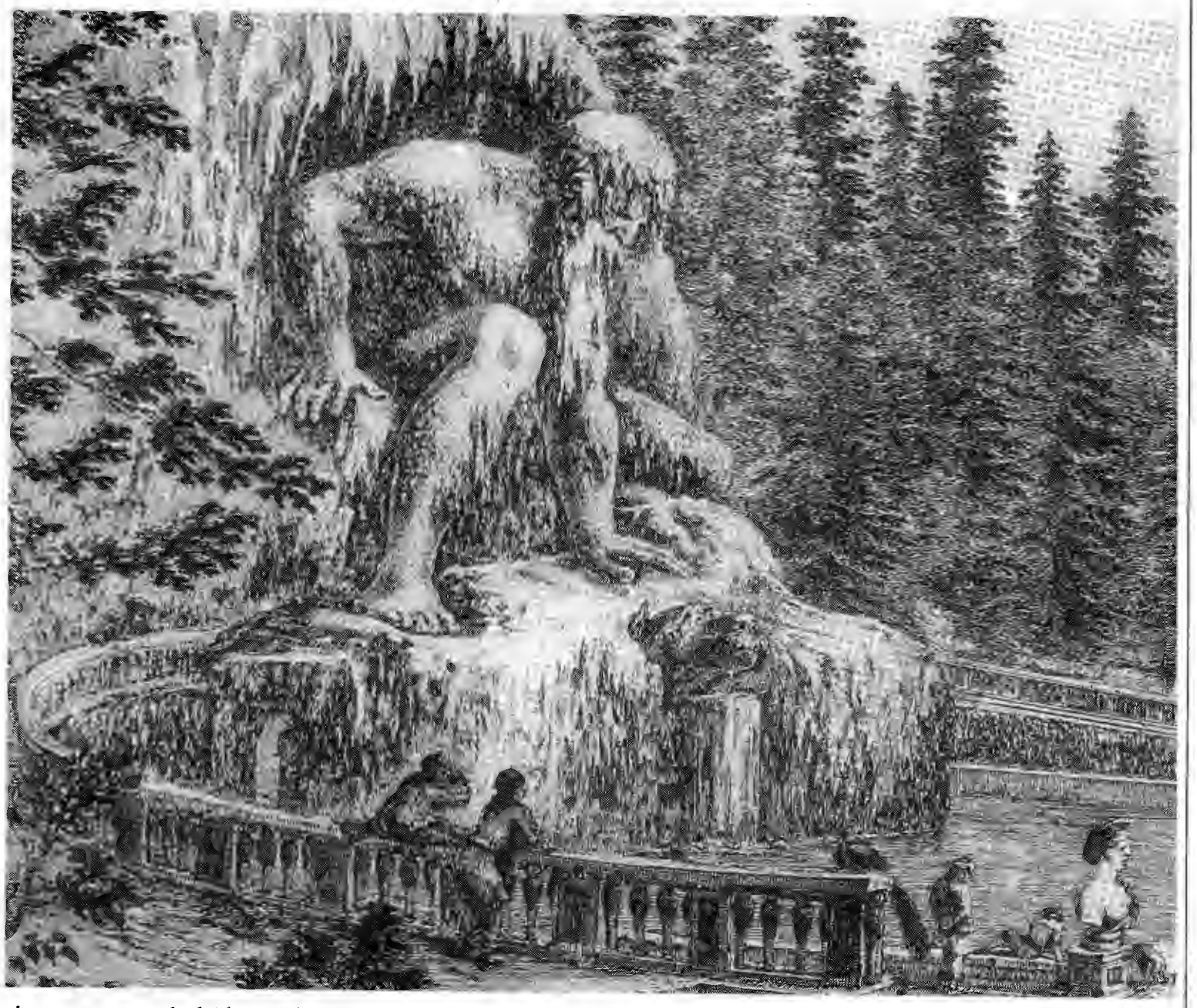
SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 1 DE MARÇO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

A Ilha de Próspero, de Rui Knopfli, pág. 2; Livraria Orfeu em dificuldades, pág. 3; Entrevista com Luciana Spegagno Picchio e poemas de Murilo Mendes, págs. 4 e 5; Escrever no país do apartheid, págs. 6 e 7; Crónica de Maria Filomena Mónica. pág. 8.

I L H A

O Livre Arbítrio



Imaginemos a preocupação daquele que, longe de questionar a existência de Deus (isso seria nele ponto assente), se interrogasse antes sobre as razões que levaram o Eterno, após um presumível tédio, à criação da Luz e de tudo o mais que se seguiu. Preocupação legítima, uma vez que a resposta a uma tal questão é fundamental para o seu comportamento na terra, preâmbulo para a eternidade da culpa.

Entre a inevitabilidade de permanecer incógnito em Deus, corpo amorfo de futuro eterno (e necessariamente regular), e o acidente biológico de existir e sofrer, vai o minúsculo drama do que se pensa e age, condenado ao livre arbítrio e, mais ainda, ao acto sempre solene de agradecer ao seu Deus pela existência que não pediu, mas na qual se envolveu (aí sim!), sem a ressalva do arbítrio.

Referimo-nos, por isso, ao questionamento inicial que, longe de ser ocioso, remete para uma realidade que nos escapa, uma vez que não temos a resposta essencial. O espírito de «missão», que nos foi conferido pela «existência», tem apenas a ver com o facto de «sermos» uma espécie de nómadas intrigados com a forma de chegar daqui até ao outro lado do horizonte, ou seja, com o espanto inerente à nossa capacidade de resolver, na prática, o paradoxo de Zenão. E, ao chegarmos lá, descobrimos que alguém, antes de nós, se adiantou na corrida: seja ele Sir Francis Drake, Vasco da Gama, Colombo ou Próspero, este último senhor de mil malabarismos — pode-se dizer: de uma Cultura!

Danação suprema porque nela se voltam a questionar o arbítrio, a essência das coisas. Náufrago buscando socorro na Ilha de Alguém, o seu espaço deveria ser o da ausência; na menor das hipóteses, o da escuridão absoluta, princípio indispensável do conhecimento. Tal atitude seria presunção, ou antes, negação do momento próprio em que, uma vez criado, tudo é permitido.

Mas a verdade é que tudo é, realmente, permitido: no vão de escada em que nos encontramos, a luz que nos chega não basta para definir os contornos. O contra-luz é a única capacidade de entendimento. Os nossos olhos habituaram-se a tudo e ultrapassaram a caverna de Platão. Entendamo-nos: como diria Eduardo Lourenço, somos vítimas de uma má tradução de Aristóteles que nos obrigou a deambular acompanhados da falsa ideia de uma Universalidade, categoria possível e redutora de todos os tempos e lugares, capaz de validade para o espírito humano em geral.

E. Lourenço estabelece ainda uma outra questão pertinente sobre o conceito de Cultura, salientando que ele implica, necessariamente, a noção de «bárbaro», de menos-humanidade. E o próprio cristianismo (necessitado dessa «mais valia») não poude liquidar a autoapologia de uma civilização particular, sendo obrigado a promovê-la à categoria de «modelo da própria Cidade de Deus».

E regressamos ao espírito de missão, apenas justificável pela ausência de resposta sobre o nosso estar aqui neste Mundo criado por Deus à sua imagem e semelhança, onde Cultura e Poder se assemelham.

Qualquer guerreiro sabe que a força lhe advem de um simples aspecto que se desmultiplica: a sua convicção e o reflexo dela no jogo de espelhos que é o relacionamento com o outro (o inimigo) e, necessariamente, com a retaguarda que, reflectindo e reconhecendo-se na sua acção, o apoia. Pelo que a Cultura, embora percursora da identidade que mantém coesos os espíritos, não é condição suficiente para a sobrevivência da espécie.

Os norte-americanos ignoraram o paradoxo de Zenão e criaram os seus heróis. Não havia tempo a perder e demonstraram que a Cultura não é nada de sagrado, apenas uma consequência do livre arbítrio. Exportam-na e importam-na com eficácia, uma vez que «it's good for business». Transportar para Washington-DC uma igreja gótica, pedra por pedra, não é sacrilégio, do mesmo modo que os europeus não o consideraram ser, o roubo das esculturas macondes, a profanação dos templos egípcios ou o saque do espólio da antiguidade grega. Se Deus não reside apenas na Europa, e o arbítrio voga sobre a superfície das águas, porque não uma pradaria do novo continente? E se tenho a capacidade de me apossar das outras culturas, quem me impede de o fazer? A Secretaria de Estado da Cultura? O IPPC? A Sociedade Portuguesa de Escritores? A Sociedade Portuguesa de Autores?

A verdade é que Portugal não possui, a esse nível, qualquer tipo de estratégia. Do mesmo modo que se fala muito da língua (e da leitura), não existe qualquer estratégia em relação à publicação ou ao próprio relacionamento entre os audio-visuais e esses tijolos sujos de tinta que são os livros. É que, defender uma cultura, talvez não seja, necessariamente, um acto de exportação, mas de regresso ao reduto final a que as diásporas sempre obrigaram no caso (por vezes improvável), da sobrevivência da espécie. E onde serve, em desespero de causa, o linguafone.

Guilherme Ismael

literário

A ILHA DE PRÓSPERO NUM CORPO DE ATENA

Quando também da minha incauta visita à Ilha de Moçambique contaram-me muitas estórias, todas elas destinadas a preparar-me para as inevitáveis «visitações».

Disseram-me que, em certas noites, ainda se conseguem ouvir, trazidas pelas marés, as lementações dos náufragos; e que, para quem saboreia insistentemente o entardecer das ondas, as estrelas o brindam com missangas belíssimas e inesgotáveis que o mar tráz à praia, fruto do naufrágio de uma velha embarcação árabe; e também que, noite dentro, os quartos se povoam com as almas de todos os que, deliberada ou involuntariamente, ousaram atravessar aqueles espaços de brancos muros espessos onde a luz vela qualquer tipo de película, guarda infalível dos mistérios que a fazem sobreviver.

Tudo melodias em que a dúvida subsiste sem nunca se negar. E será essa, talvez, a razão maior da Ilha, espaço que surge como imponderável, uma espécie de país simultâneamente arredio ao nosso formular, mas também espaço «nosso» que nos escapa. Uma forma de ultrapassagem meteórica e nunca entendida da orfandade que visita o poeta quando interrogado sobre a sua razão de ser.

Até porque, o que é curioso, é o facto de a *Ilha* ser o espaço que mais se escapa a uma possível ideia unitária de Nação, deslizando entre o seu ser de matriz ancestral e a sua imponderabilidade de culturas. Entre os seus muros ninguém se atreve a afirmar ou afirmar-se Ninguém escolhe a Ilha: ela é que nos escolhe. Tiremos, pois, daí a razão.

Daí que não seja impunemente que, no seu versejar, Rui Knopfli desague na Ilha (por ele atribuída a Próspero). No momento em que o faz, ele é um poeta branco nascido em Moçambique, e que questiona, essencialmente, essa qualidade. Num período em que os seus mais próximos companheiros do verso (na maioria africanos), se sentem compungidos a lidar com a difícil formulação poética de uma identidade nacional embrionária, Rui Knopfli assume a distância reconhecendo, à custa do seu próprio sacrifício, aquilo que será sempre O País dos Outros, parábola imensa da sua forma de ser poeta e situar-se no mundo.

É que, talvez seja ele o único a assumir com verdade (e de imediato), essa espécie de «orfandade» que sempre o acompanhará e que, curiosamente, virá a ser reconhecida pelos jovens poetas moçambicanos já adolescentes no pós-independência. Eles também orfãos, no sentido em que, vencedores de uma Nação, herdeiros de um corpo poético, se reconhecem desnudados da tradição e obrigados repensar as vestes com que irão prosseguir o seu imaginário.

Dupla situação que Knopfli não recusa quando recorre a Jorge de Sena: «Eu sou eu mesmo a minha pátria. A pátria de que escrevo em que por acaso de gerações nasci».

Assim, a Ilha será para o poeta (tal como O Corpo de Atena), a argumentação máxima libertando-o (?) decididamente dessa definição de nacionalidade que, naturalmente, se ausenta do seu estar poético, mais próximo da orfandade legítima que, embora o ultrapasse, ele aceita.

Dalila L. Pereira da Costa, no seu livro «A Nau e o Graal», faz a pertinente observação de que «uma ilha é sempre (...) a fronteira do mundo visível e invisível, detendo em si a natureza biface, ou de passagem e transição», acrescentando que a ideia da ínsula estará sempre imbuída do espírito de «paraíso terrestre», sempre navegando entre o Bem e o Mal, no espaço provável da danação eterna. Ou seja, o local onde se desliza, o centro espiritual primordial.

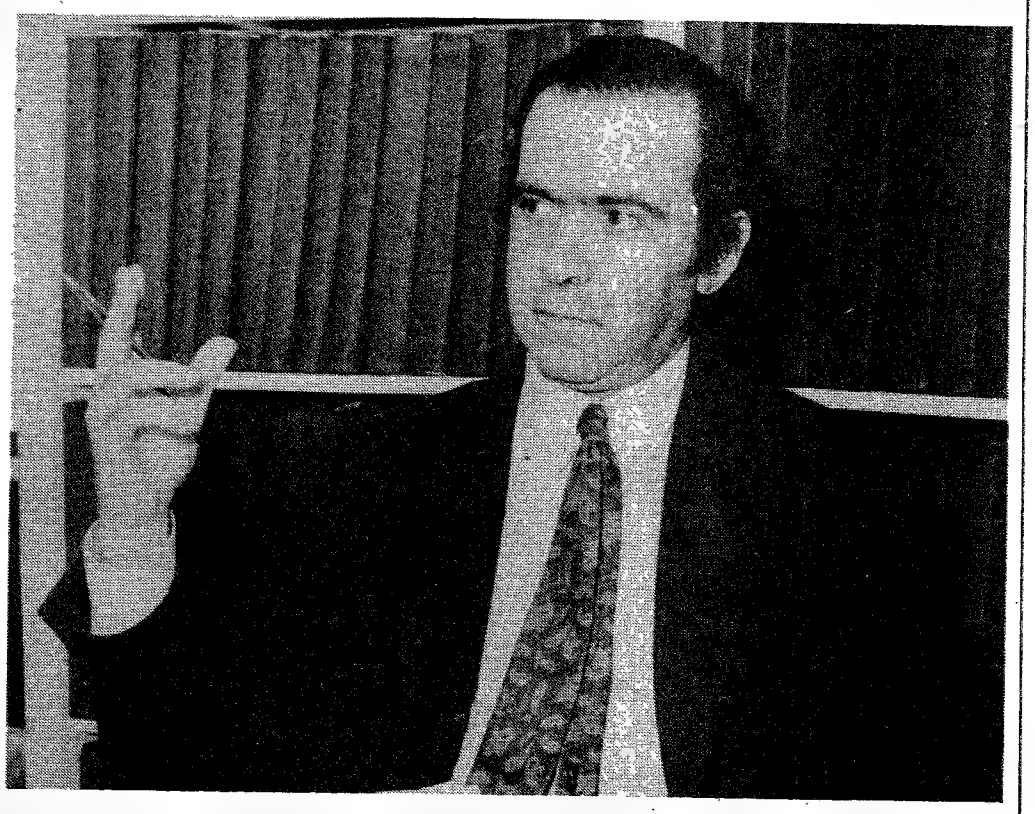
Referíamos, no início, as visitações de que estão sujeitos os incautos que aportam à Ilha. E também do velar dos filmes que ataca, essencialmente, os turistas, como se aquele espaço, simultaneamente minúsculo e imenso, recusasse a imobilidade. Só reincidentes se atrevem à (uma nova) insistência. A de Rui Knopfli saldou-se por um «roteiro poético» que falha naquilo que Barthes considerava como sendo a natureza da Fotografia: a pose.

Nenhum fantasma se apresentou à sessão, e as ruas estão lá apenas porque não quereriam deixar mal um tal amante. O próprio poeta o dá a entender: será que se escaparam entra a Saudade e a Amizade?

Guilherme Ismael

A Ilha de Próspero
Roteiro Poético da Ilha de Moçambique
de Rui Knopfli
Edições 70

EUROPA
um corpo de usura



Nos anos 60 dizia-se que Bruxelas era uma auto-estrada da Europa, local de passagem fortuita, uma espécie de quarto de hotel onde se pernoitava a caminho da imensa aventura que era Amsterdão. Brel celebrizou esse «plat pays» onde o céu é tão baixo que os pássaros se suicidam; onde a placidez faz sossobrar qualquer veleidade, sobrando apenas as catedrais, os chocolates e a cerveja para enfrentar núvens e angústias.

Naquele território naufragaram, nesse anos, inúmeros portugueses que respondiam a dois nomes: refugiados e emigrantes. A fronteira entre ambos coincidia num ponto: tinham sido apanhados nessa dupla cabala da política e da economia.

Fernando Gandra é um reincindente. Após uma fugaz passagem por Bruxelas aí regressou. Da primeira vez foi ao acaso. Da segunda já não foi empurrado pelas Forças Armadas mas antes pelas «forças amadas»: na ideia, a abertura de uma livraria portuguesa no burgo subitamente transformado em invejável hotel de euro-burocratas. Razão de base para tal dislate:«O amor pelos livros, a que se acrescenta uma questão circunstancial, ou seja, o facto de Bruxelas ser o local ideal para o estabelecimento de um diálogo urgente (até aqui inexistente), entre Portugal e a Bélgica. Ao princípio pensei que esse sonho se passava apenas na minha cabeça. Mas no terreno verifiquei que Portugal, por via da sua integração na CEE, tinha uma função importante a desempenhar, um espaço vital a ocupar, nomeadamente devido às suas características culturais. E os outros países comunitários entendem que o país tem algo a dar a esse nível».

O resultado da reincidência foi uma livraria no coração de Bruxelas e que recebeu o nome de Orfeu. Local que, rápidamente, deixou de ser apenas livraria para se tornar área de encontro, zona de deambulações onde se passaram a questionar as razões culturais de um país a braços consigo próprio, reduto último da longa viagem.

Não sem dificuldades: Gandra descobriu, à sua própria custa, que esta coisa de «afirmar» a cultura tem os seus problemas ultrapassando, na maioria das vezes, os impulsos voluntaristas, até porque nem sempre se percebe se existe, ou não, uma estratégia de divulgação cultural delineada nos corredores de S. Bento. E, sem essa estratégia, não existe modo de formular o futuro.

«É provável que exista um plano a nível interno. Quanto ao factor externo, ele não existe de maneira nenhuma. E o drama da livraria Orfeu é o de que resulta de um acto espontâneo, voluntarista, que não se insere na política global de estímulo da nossa literatura. Pelo que me movo em terrenos altamente movediços onde sinto, permanentemente, a falta da retaguarda; em que me apercebo que Portugal não sabe responder às necessidade sentidas por nós no próprio terreno».

A verdade é que a livraria Orfeu, entretanto transformada em foco difusor não só de livros mas da cultura portuguesa, está ameaçada: o prédio onde se encontra foi posto à venda. Existem duas alternativas: deixar cair a livraria ou correr para a frente, transformando o edifício onde se encontra naquilo que esse espaço tem sido: um centro cultural português onde, tal como até agora, as pessoas podem buscar, entre estantes e palestras, debates e diccionários, um conhecimento mais profundo sobre a cultura portuguesa.

Quando a bandeira se escapa

Em qualquer lado uma livraria é fonte de inquietação, espaço de sabotagem. Cada vez que uma delas morre é como se se esvaísse a possibilidade de ir mais longe no corpo-a-corpo das ideias. Mas será que é preciso erguer bandeiras nas barricadas? «Posso-lhe contar uma história: eu fui obrigado a comprar uma bandeira portuguesa porque os locais onde era suposto que o país estivesse representado e devidamente identificado, ela não existia. Num acto de desespero resolvi comprar uma bandeira que agora empresto e faço circular. É ridículo mas é assim».

Bandeira que, certamente será acompanhada por outras agora na próxima Feira Internacional do Livro de Bruxelas, onde Portugal estará representado com dois pavilhões subordinados ao tema dos Descobrimentos. A livraria Orfeu, naturalmente, estará presente. Mas, mais uma vez, de uma outra forma, provocando a ponte entre África e a Europa. Assim, no centro das atenções estará esse relacionamento priviligiado com os países de língua oficial portuguesa. «Temos uma arma única para promover a imagem de Portugal. Devemos apostar, não na megalomania, mas na vertente que pretende mostrar a nossa diferença, naquilo que poderá ser a nossa contribuição para a formação da Europa: a nossa capacidade de diálogo e a nossa cultura. Mas para isso é preciso planificar, não ficar num diálogo avulso que, passadas as realizações, acaba por cair no esquecimento».

É que a divulgação de uma cultura é um acto constante que não pode passar pelas oscilações estruturais de responsáveis. O que, até agora, tem vindo a acontecer. Na verdade, Bruxelas não foi, até ao momento, fonte de interesse, por exemplo, da secretaria de Estado da Cultura:«O que nos foi dito foi rigorosamente isto: Bruxelas não é prioridade em termo de SEC».

Aconteceu isto no tempo de Teresa Patrício Gouveia. Agora com novas caras ficam as espectativas: será que no horizonte se vai perfilar nova política? Será que a urgência de 92 irá desbloquear outras formas de acção? A resposta está no segredo dos deuses. Entretanto, a realidade é esta, feita de «portas precárias» que, a todo o momento podem ser encerradas. E este cenário envolve também o sector da educação com o perfil dos problemas que segundas ou terceiras gerações de emigrantes vêm levantando:«Sei perfeitamente a angústia em que os pais vivem em relação aos filhos que viraram totalmente as costas a Portugal, à sua cultura. Em que se assiste à situação em que os pais falam português comigo mas dirigem-se aos filhos em francês».

A tal estratégia global (uma livraria portuguesa em Bruxelas é também projecto), passa assim também por outros campos que não se findam na criação de meia dúzia de escolas para ensinar a língua dos seus antepassados a jovens relutantes que, pura e simplesmente recusam (talvez legitimamente) as origens. E porque não, se nada os chama ao conhecimento dessa raiz? Para Fernando Gandra, a questão é mais complexa e a abordagem em relação ao problema não tem sido suficientemente profunda:«Até agora tem sido insuficiente e é preciso ser inventivo, fazer um levantamento e actuar de acordo com as possibilidades.

Para mim, a grande urgência estaria na realização de um encontro dos animadores culturais portugueses no estrangeiro. E, por cultural, entendo o realizador de programas nas rádios locais, o dirigente de associações de emigrantes, ou o professor que ensina português. Cada um tem que explicar quais as dificuldades que enfrenta, quais as mais urgentes necessidades com que se depara e qual a maneira de as ultrapassar. Quando em Portugal se fala de falta de verbas, o tiro está a sair errado. Não é disso que se trata, mas sim de apoio mínimo».

Apoio mínimo? Mas quem dá apoio? «O Instituto Português do Livro tem sido positivo na sua actuação em relação à livraria. Mas o mesmo não se poderá dizer da SEC que não tem sido tão sensível em relação aos projectos e realizações da Orfeu. Talvez decorrente de nos terem dito que, realmente, Bruxelas não era prioridade em termos de Europa. Mas se não é, então quais são as prioridades?»

O certo é que, na guerra das prioridades a livraria portuguesa de Bruxelas, espécie de centro cultural na capital europeia, está em riscos de fechar. A operação de salvamento está já delineada: só sobrevive se for adquirido o edifício onde se encontra, transformando-o num verdadeiro Centro Cultural Português e prosseguindo, de forma mais consistente, as iniciativas que têm vindo a ser levadas a cabo à custa da insistência e do voluntarismo de alguns. «Tenho tentado que a SEC se interesse por esse espaço. Uma vez que a única possibilidade em aberto é a compra do edifício, foi pedida a atribuição ao organismo que dirijo o estatuto de entidade suficientemente credível para usufruir dos benefícios da lei do mecenato. Até agora não houve qualquer resposta e continuo a aguardar. Mas há urgência, uma vez que, de um dia para o outro, o edifício onde se encontra a Orfeu pode ser vendido». E desponta aqui o mistério: os bancos em Bruxelas, depois de avaliado o património, já lhe garantiram o empréstimo de 48.000 contos, deixando-o a braços com a ninharia dos 12.000 contos que faltam para a verba necessária. Em Portugal só o lento padecer da demora indefere os pedidos.

Entretanto Bruxelas continua a crescer no ventre da Europa. A Babel será, dentro em pouco, uma pequena aldeia no corpo europeu. E os clientes continuam a acorrer: estudantes ensaiando os seus primeiros passos na língua de Camões e com os olhos no futuro; transeuntes subitamente despertos pelos sons duros de um poema; euro-burocratas que na impossibilidade de virem passar o fim-de-semana a Lisboa se refugiam nos semanários.

A Europa Cultural terá de esperar melhores dias.

Guilherme Ismael

MURILO MENDE
O JOGADOR DE

DL- Dra Luciana Stegagno Picchi, sei que veio receber um doutoramento "honoris causa", mas que para além desta há uma razão suplementar para a sua vinda a Portugal: a reedição da obra de Murilo Mendes, que organizou. Quer-nos apresentar o poeta Murilo?

Luciano Stegagno Picchio - Este primeiro volume é uma parte do trabalho que fizémos. Eu preparei a edição completa do Murilo Mendes para sair na Aguilar, mas pensou-se que, para relançar este autor enorme mas um pouco esquecido no Brasil, era melhor começar por organizar, ao lado da grande edição, pequenas edições rigorosas de cada livro. Portanto, este é um extracto...Depois de "Poemas e Bumba-meu-Poeta" sairá daqui a um mês a "História do Brasil", que será quase uma novidade porque este foi um livro que o Murilo não coligiu na sua edição da José Olympio, que passava por ser a súmula da sua primeira fase, antes de sair do país.

P - E a grande edição da Aguilar vai comportar quantos tomos?

R - Talvez dois tomos. Sabe, eu ao preparar a edição recusei-me a fazer a clássica divisão entre prosa e poesia, porque o Murilo não distinguia os dois géneros. A divisão será meramente cronológica. Ele morreu em 75 e deixou muitos livros por editar; na edição de "Transistor", que era uma colectânea dos seus livros em prosa, já se dá um elenco dos livros inéditos. Levei todos estes anos a preparar a edição.

P - A dra. teve um grande contacto pessoal com Murilo?

R - O Murilo esteve dezoito anos em Itália. Eu conheci-o no dis seguinte à sua chegada...

P - Então permito-me perguntar-lhe. É um dado adquirido que Murilo Mendes despertou para a poesia aos 9 anos de idade, quando viu passar o cometa Halley. Mas o Murilo não seria um efabulador do seu quotidiano, um contador de histórias?

R - Ele não era um contador de histórias, ele era assim. Ele encarnava as histórias; era um, homem fabuloso, não inventava histórias.

DL - Portanto, essa história do cometa não era uma rábula nascida do direito de mentir que assiste aos poetas? Sei lá, da tentação de fazer da vida uma lenda à altura da obra?

LSP - Não, não são lendas. Hoje, na minha conferência, espero falar um pouco desse Murilo lendário. Quando o Murilo chegou a Itália, em 1957, tinha 56 anos, e era um homem já precedido de uma lenda. Eu lembro-me de que falei uma vez com o Drummond e de que ele só se lembrava do Murilo fabuloso, do Murilo fábula...porque o Murilo era capaz de grande gestos: de pôr-se de joelhos em plena rua, rogando a Saudade que aceitasse o seu amor, ou de abrir um guarda-chuvas nos concertos sinfónicos quando achava que algo não ia bem com a orquestra...sabe, o que o Murilo queria era ser poeta, poeta integral, não como profissão, e foi o único poeta integral que conheci na minha vida. Os outros faziam qualquer coisa para se sustentar, ele vivia da própria poesia.

P - Mesmo do ponto de vista económico?

R - Sim, sim. Ele conseguiu durante a vida inteira. Bem, quando eu o conheci ele era professor de Literatura Brasileira na Universidade, mas teve sempre muitíssimas dificuldades. E ele sofreu muitíssimo, até pelo carácter. Ele era era um homem do futuro, um cristão mas um cristão ecuménico...o que naquela altura era muito estranho porque não havia ainda o Conselho, era o Papa de andor; quando ele chegou a Roma ficou quase escandalizado. Ele era pelo cristianismo pobre, pela fraternidade universal e sofria com a guerra fria, com a bomba atómica... às vezes nas reuniões sociais estava muito calado e de repente, ele que tímido, sorria, levantava o copo e gritava: "à paz, universal!, à morte de todas as tiranias!" Ficava toda a gente comovida e um tudo meio estranhada, mas ele era sincero...Quando morreu, morreu muito triste em Roma, porque eram aqueles anos de guerra fria...

P - Mas,dra., ele não morreu cá, em Portugal?

R - Não. Ou sim. morreu em Portugal mas em férias. O Murilo vinha todos os anos passar o Agosto a Portugal, porque a sua mulhar é portuguesa, é a Saudade Cortesão, filha do Jaime Cortesão; e, portanto, ele tinha acabado de chegar aqui para fazer férias e morreu. Está sepultado no Cemitério dos Prazeres. Morreu a 13 de Agosto, eu tinha cá estado três dias antes...voltei a casa e tinha o telefone tocando a dizer que o Murilo morrera.

Nós éramos amigos diários. Ele telefonava todos os dias, viamo-nos todos os dias, a ele e à Saudade...e um dia eu estava a ver televisão e consegui ver um filme policial até ao fim porque não havia mais telefonema do Murilo a interromper. Aí é que realizei que o Murilo tinha morrido e comecei a chorar...

P - Pegando noutro assunto, gostava que nos esclarecesse uma coisa dra. Já não sei quem afirmou que "o castelhano é um português com ossos", e no entanto, uma das coisas que me surpreendem é o facto de que alguns dos grandes poetas brasileiros não resistiram à hispanidad. Tanto o João Cabral de Melo Neto como o Murilo, para chegarmos onde eu quero, escreveram livros impregnados da paisagem, das gentes e do ritmo espanhol. Qualquer deles teve contactos com Portugal e no entanto isso não lhes fez ressoar lira, pelo menos com a mesma intensidade, Sabe explicar?

R - Fez vibrar. O Murilo acaba de publicar um livro que se chama Janelas Verdes, todo ele dedicado a Portugal...

P - Mas tem aspectos novos para além daqueles breves "retratos-relâmpago" que já se conheciam?

R - Tem. Agora, é um livro caríssimo, com desenhos da Vieira da Silva e que custa duzentos e tal contos. É uma coisa fabulosa...

P- Fabulosa e onerosa.

R - É, pode ser, mas o que saiu é só uma parte do livro, porque o resto vai sair na Nova Fronteira. Portugal esteve muitas vezes presente na poesia muriliana, e é um Portugal ancestral, do regresso das caravelas, há uma recuperação...

P - Tomando-lhe a palavra, dra. Há pouco disse que Murilo tinha que ser recuperado. Ora, há quem assegure que a importância de um poeta se mede pelo rasto de epígonos. O Carlos Drummond, por ex., tem na sua esteira um satélite de natureza crescente, a fabulosa Adélia Prado. E de Murilo, no Brasil, há filhos, afilhados, alguém lhe é devedor?

R - Sim, muitíssimo, mas sabe, o Murilo sempre sofreu por estar longe. Os brasileiros têm um mito: os de cá e os de lá. Até o Bandeira fez um poema em que classificava : há os poetas que saiem e os poetas que ficam. Drummond é um mineiro que ficou,outro de braços longos, que se dava muito bem com Murilo, que foi para fora. Ir para fora quer dizer: não ter aquela mitologia tropical, de um Brasil nosso, como o Drummond, a quem eu conheci e que é um poeta fabuloso, mas muito mais difícil de exportar como poeta.

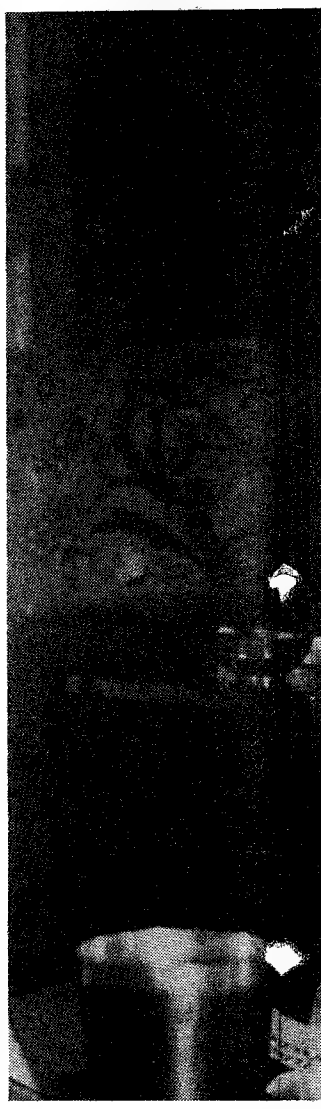
P- Acha o Murilo mais universal?

R - É universal. Cada poeta é universal, mas em Drummond toda a mitologia dele precisa de entrar na pele de uma sensibilidade brasileira. 'Você diz: "Itabira é uma fotografia na parede", são coisas que só um brasileiro entende. Murilo é menos apegado ao habitat brasileiro, a sua poesia pode-se entender sem pôr notas. O próprio João Cabral, que era um dos fãs do Murilo, depois se ligou aquela forma enxuta, mas também à mitogia pernambucana. O Murilo nunca disse que era um poeta mineiro, de Juiz de Fora, ele gostava muito do Brasil mas era um poeta do mundo, da amizade...a casa dele em Roma era um centro, toda a gente que passava por Roma passava por aquela casa, principalmente pintores, eu conheci aí dezenas de pintores, para quem ele fazia catálogos. O Murilo era conhecidíssimo..,

P- Em Itália, sei-lhe dos contactos com Ezra Pound e que que teve a honra de ser traduzido por Ungaretti. Mas ao fim de tantos anos de permanência, o poeta Murilo era estimado e conhecido como se fosse da casa?

R - Posso dizer-lhe que nos últimos anos da sua vida o Murilo já sentia a necessidade de ultrapassar o fosso existente entre a sua lingua e o seu público imediato, que era o italiano e que então escreveu poemas em italiano...um livro bonito e muito sofrido, são poemas de desespero, que eu coligi postumamente e que se chama "Ipotesi".O livro teve sucesso do público, como livro italiano...E há uma coisa engraçada, que também vem nesta nova edição dos primeiros livros do Murilo, que normalmente o leitor acha muito chata, mas que eu acho essencial,e que são as variantes dos poemas.

P - E são sempre importantes, até para se conhecer o poema de uma forma genética.



ES:
E DIABOLÔ

e dos
Poun-
nora
r Un-
n de
anên-
ra es-
como

e que
a sua
ntia a
apas-
entre
públi-
o ita-
escre-
talia-
to e
poe-
ue eu
te e
si". O
o pú-
talia-
a en-
mbém
dição
s do
nente
lhata,
ss-
an-es

npor-
onhe-
a for-

R - É mais do que isso. Veja por exemplo. Num poema um "telegrafista" passa a ser "jornalista"...ele mudava até as cores. No "Visionário", por ex., antigamente era tudo azul e na segunda edição ficou tudo vermelho.

P - É outra visão.

R - Outra visão. Todo o Brasil conhece os poemas como eles não são e não segundo a última vontade de Murilo que corrigiu todo o seu exemplar da Olympio.

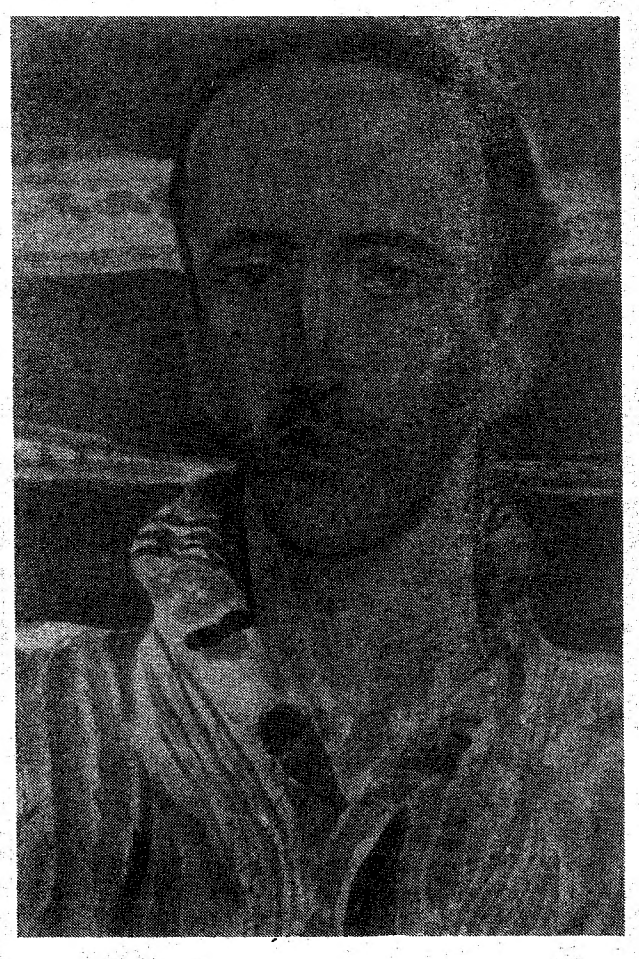
P - O Murilo encarava o poema como um, animal em metamorfose, sem cristalização possível?

R - Sempre que voltava a publicar, corrigia. Eu introduzi todas as variantes para que se veja o processo de contínua realoboração do seu texto; agora que toda a gente estuda a crítica das variantes, que é uma coisa importante porque já não se estuda a "obra-em-si" mas a "obra in fieri", como "work in progress", e é isso que eu acho útil nesta edição.

P - É possível substantivar a poesia de Murilo e definir o seu projecto?

R - Bom, você sabe que o titulo do livro de Jorge de Lima, a "Invenção de Orfeu", foi o Murilo que lhe deu. Orfeu é efectivamente um dos mitos de Murilo, porque assumia a atituide de uma réplica ao caos....nos últimos poemas de Murilo, que são muito pouco conhecidos, "A Convergência", ou "Poliedro", ele trava eesa luta, trabalha com as próprias palavras, até mesmo utilizando a palavra Orfeu, como neste jogo:" Orfeu, Orfetu, Orfele, Orfenós, Orfevós, Orfeles".É uma poesia de Apocalipse, e por isso ele foi também um mito para os concretistas. Mas há outro aspecto: o Murilo recusava ser surrealista, mas eu aí estou perfeitamente de acordo com o Merquior. Ele tinha uma conjunção de símbolos, a sereia, as mulheres, o caos, os amantes, os meninos que dançam no céu... Sempre que penso na primeira fase da poesia de Murilo vem-me à cabeça o Chagall. É um mundo maravilhoso que tem que voltar a ser lido.

ANTOLOGIA



PERSPECTIVA DA SALA DE JANTAR

A filha do modesto funcionário público
dá um bruto interesse à natureza morta
da sala pobre no subúrbio.
O vestido amarelo de organdi
distribui cheiros apetitosos de carne morena
saindo do banho com sabonete barato.

O ambiente parado esperava mesmo aquela vibração:
papel ordinário representando florestas com tigres,
uma Ceia onde os personagens não comem nada,
a mesa com a toalha furada
a folhinha que a dona da casa segue o conselho
e o piano que eles não têm sala de visitas.

A menina olha longamente pro corpo dela
como se ele hoje estivesse diferente,
depois senta-se ao piano comprado a prestações
e o cachorro malandro do vizinho
toma nota dos sons com atenção.

PANORAMA

Uma forma elástica sacode as asas no espaço
e me infiltra a preguiça, o amor ao sonho.
Num recanto da terra uma mulher loura
enforca-se e vem no jornal.
Uma menina de peito largo e ancas finas
sai do fundo do mar,
sai daquele navio que afundou e vira uma sereia.
A filha mais moça do vizinho
lá está estendida no caixão
na sala de visita com paisagem,
um cheiro enjoado de angélica e meus sentidos pêsames.

Tudo está no seu lugar
minha namorada está sozinha na janela
o sonho está dormindo na cabeça do homem
o homem está andando na cabeça de Deus,
minha mãe está no céu em êxtase,

eu estou no meu corpo.

FAMÍLIA RUSSA NO BRASIL

O Soviete deu nisto,
seu Naum largou de Odessa numa chispada,
abriu vendinha em Botafogo,
logo no bairro chique.

Veio com a mulher e duas filhas,
uma delas é boa posta de carne,
a outra é garotinha mas já promete.

No fim de um ano seu Naum progrediu,
já sabe que tem Rui Barbosa, Mangue, Lampião.
Joga no bicho todo o dia, está ajuntando pro carnaval,
depois do almoço anda às turras com a mulher.

As filhas dele instalaram-se na vida nacional.
Sabem dançar o maxixe
conversam com os sargentos em bom brasileiro.

Chega de tarde a aguardente acabou,
os fregueses somem, seu Naum cai na moleza.
Nos sábados todo janota ele vai pro criouléu.
Seu Naum inda é capaz de chegar a senador.

NOVA CARA DO MUNDO

O Cometa de Halley vai passar
Toda a cidade acorda pra ver o cometa
Ele é enorme e fabuloso
destrói idades pensamentos de homem.
O mundo muda a cara quando ele passa
e meninas desmaiam no fundo do sertão.
O cometa passa e arrasta um pouco da minha alma.
Fiquei triste, triste, jururu!
Em vão minha tia
Virgínia Amália Monteiro de Barros
repete no piano com tanto sentimento
a Valsa Transiberiana, meu xodó naquele tempo.
Qual valsa, qual nada!
O cometa me traz o anúncio de outros mundos
e de noite eu não durmo
atrapalhado com o mistério das coisas visíveis.
No rabo imenso do cometa
passa a luz, passa a poesia, todo o mundo passa!

Em *Revista de Antropofagia*, n. 14, 2ª dentição, Rio, 11-7-1929

O MENINO SEM PASSADO

Monstros complicados
não povoaram meus sonhos de criança
porque o saci-pererê não fazia mal a ninguém
limitando-se moleque a dançar maxixes desenfreados
no mundo das garotas de madeira
que meu tio habilidoso fazia para mim.

A mãe-d'água só se preocupava
em tomar banhos asseadíssima
na piscina do sítio que não tinha chuveiro.

De noite eu ia no fundo do quintal
pra ver se aparecia um gigante com trezentos anos
que ia me levar dentro dum surrão,
mas não acreditava nada.

Fiquei sem tradição sem costumes nem lendas
estou diante do mundo
deitado na rede mole
que todos os países embalançam.

literário

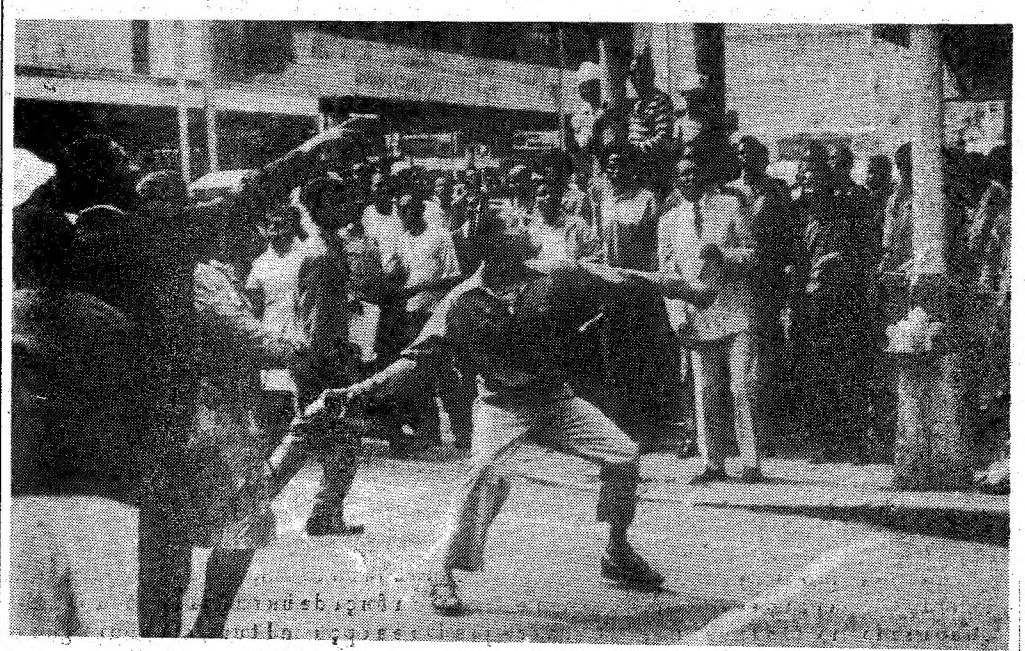
No momento da legalização do ANC e da libertação de Nelson Mandela, como reagem os escritores sul-africanos que fizeram sua a causa da luta contra o apartheid? Quatro olhares sobre a África do Sul, quatro visões diferentes

ESCREVER NO PAÍS DO APARTHEID

Uma grande moradia branca, de estilo colonial, dissimulada por detrás de um muro alto, num dos bairros mais prósperos de Joanesburgo. É aqui que vive Nadine Gordimer, escritora-«profeta» do seu país. Pequena, franzina, viva, passa por ser uma mulher de têmpera, pouco sensível aos lisonjeios e dotada de um certo carisma.

«Suponho que a minha tomada de consciência se verificou pouco a pouco, tendo em conta a ingenuidade política da minha adolescência. A minha mãe sempre demonstrou uma certa simpatia pelo destino dos negros. Mas eu não conhecia nem um. A Biblioteca Municipal era reservada aos brancos. E continua a sê-lo, passados cinquenta anos. Vivi a infância típica de uma rapariguinha branca na África do Sul. Antes da guerra, ninguém falava dos direitos dos negros: o que interessava era a luta entre os afrikaners e os ingleses. Quando entrei - por pouco tempo - na Universidade, encontrei alguns colegas que regressavam da guerra com ideias de esquerda. Depois, conheci jovens negros, que queriam escrever, como eu.Foi com eles que, pouco a pouco, evoluí. Nos anos 60, quando já vivia dos meus livros, alguns dos meus amigos foram para os «townships»: foram presos e metidos na cadeia. Para mim, as prisões eram sítios para os criminosos. Fui visitar uma das minhas amigas. Lembro-me de ser revistada, dos guardas...Aprendi algumas verdades(...).Vários dos meus livros foram proibidos. Fui a primeira escritora anglófona vítima da Censura, em 1956. Hoje, todos os meus livros estão à venda...Suponho que é devido, em parte, à minha celebridade(...)».

«Aqui, a profissão de escritor é como em toda a parte: talvez, apenas, um pouco mais difícil. A verdadeira função do escritor é exprimir o que, para os outros, é inexprimível. A vida e o sentido moral das pessoas são terrivelmente manipulados pelo sistema. Mas, em geral, os sul-africanos não se apercebem disso. O escritor serve para despertar as consciências. Mostra os efeitos, a longo prazo, do apartheid. No estrangeiro, contribuímos muito para a mobilização do Ocidente. No país, a nossa acção é mais difícil de avaliar. A taxa de analfabetismo é muito elevada; a proporção de pessoas verdadeiramente letradas é ínfima. Não há bibliotecas nas zonas negras.Criámos «bibliotecas-móveis» para remediar essa carência. É preciso levar os livros aos «townships»: se não dermos verdeira literatura às pessoas dos «ghettos», acabarão por só ler banda desenhada(...). A longo prazo, sou optimista. Tenho confiança nos negros deste país. Construirão uma África do Sul decente».



Raízes indianas

Lenasia é um dos bairros indianos de Joanesburgo. Sem alma: construções recentes, de cimento, jardinzinhos de brinquedo. Algumas belas moradias barrocas, vagamente orientais, atraiem os olhares no meio da monotonia geral. Num dos pavilhões mais modestos, vive Ahmed Essop, muçulmano, indiano, autor de novelas e de romances.

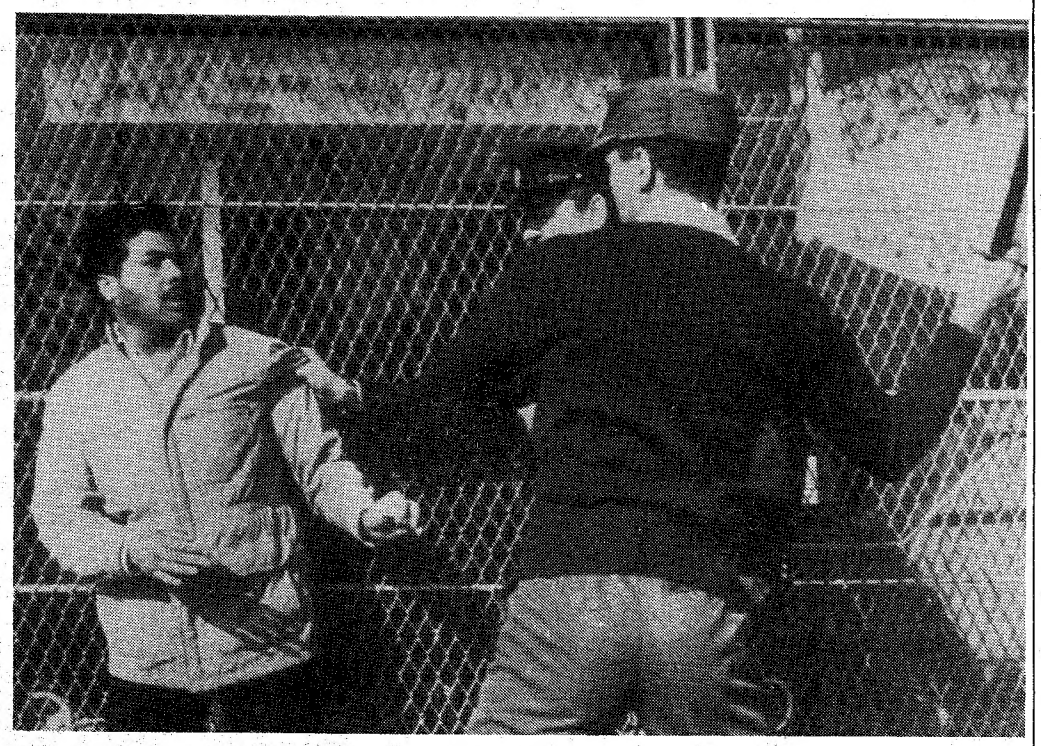
Muito moreno, calmo, Ahmed foi durante muito tempo - como vários dos seus colegas - professor, antes de se consagrar à literatura. Reivindica, abertamente, as suas convicções religiosas e a sua cultura.

«Nascido em 1931, na India, cheguei à África do Sul em 1934. O meu pai era vendedor numa loja. Nos primeiros anos, andei numa escola, no Norte de Joanesburgo, depois num instituto islâmico. Mas, em 1963, tivemos de nos estabelecer em Lenasia. Em 1974, recusei a minha transferência para uma escola a 140 quilómetros de distância: fui suspenso e acusado de desobediência às ordens do Ministério da Educação. Viraram-me do avesso. Fiquei em casa durante um ano. Li e escrevi muito.»

«Tanto na escola como na universidade ensinavam-nos. sobretudo, a literatura anglo-saxónica. Li os autores sul-africanos negros, assim como os antilheses, indianos, africanos e árabes. Escrevi sobre as pessoas deste país, em especial sobre a comunidade indiana. Fui um dos primeiros a descrevê-la em pormenor. As minhas raízes encontram-se na literatuira indiana, se bem que escreva em inglês. Fordsburg (onde vivia) era uma vila fechada; vivíamos uma existência confinada, mas sentíamo-nos muito próximos uns dos outros.

A vida era muito intensa, e as portas estavem sempre abertas. Conhecíamo-nos todos, intimamente. Esta generosidade dava-nos uma grande felicidade social, apesar de vivermos num ghetto. Depois, Lenasia mudou, sob a pressão dos nossos vizinhos

literário



brancos, que nos querianm afastar. Aqui, as pessoas estão divididas. A vida já não é a mesma: é mais parecida com a dos brancos. Estamos mais solitários; com o «boom» económico de 1968 os nossos valores tornaram-se mais materiais: um carro, uma casa..A literatura já não conta na nossa comunidade(...)».

«Os nossos escritores falam, sobretudo, do sistema. É inevitável. No entanto, a literatura devia tratar dos seres humanos. Devido ao apartheid, é difícil conhecer o estilo de vida dos outros. Pode-se viver em Lenasia e não ter quase quaisquer contactos com as outras comunidades(...). Tenho confiança. Tudo vai mudar. Espero, apenas, que seja para o bem e a felicidade de todos (...)».

«O meu público é o Mundo»

Uma casa de quatro assoalhadas, semelhante às que se constroiem, desde há anos, para alojar dezenas de milhares de famílias negras. Estamos em Benoni, um bairro negro de Joanesburgo. As ruas estão cheias de crianças, que brincam na poeira característica das vias não alcatroadas. A casa de Sipho Sepamia está impecável: capas de plástico cobrem os sofás; a aparelhagem estereofónica japonesa constitui uma nota estranha no cenário.

Sipho Sepamia é negro. Dirige o Centro FUBA (Fereação dos Artistas Negros), e tornou-se conhecido, sobretudo pelas suas colectâneas de poemas, escritos na bizarra linguagem dos «townships»: mistura de inglês, zulu e sesetho.

«Nasci em 1932, numa mina de ouro do Witwatersrand. O meu pai tinha sido professor, a minha mãe, doméstica. O meu pai abandonou o ensino, pouco antes de eu nascer, para se tornar funcionário do escritório das minas. Ganhava melhor a vida...»

«Em 1964, escrevi uma peça de teatro. Foi a minha primeira peça: nunca foi representada, pois a repressão era muito dura,na época. Um amigo artista leu-a e disse que era boa para Robben Island (a ilha onde Nelson Mandela e todos os líderes do nacionalismo negro estavam encarcerados). Em 1968, comecei a escrever os meus primeiros poemas».

«Digo sempre aos brancos que, se quiserem compreender os meus poemas, devem conhecer, pelo menos, uma língua africana. Fui, primeiro, lido pelos brancos, mas, desde há algum tempo, sou lido por muitos negros. O meu verdaeiro público, é o Mundo. O Mundo inteiro debate a situação na África do Sul. É por isso que procuro escrever coisas universais».

«O escritor desempenha um papel muito importante neste país. Creio que preenche uma função essencial, não apenas no interior da sua comunidade, mas, também, como um «reconciliador»(...). O escritor pode reconciliar as comunidades através da poesia ou das palavras dos seus personagens. Os escritores negros contribuiram muito para despertar a consciência dos brancos».

«Como escritor, não apoio nenhum movimento em particular. Apoio todos os movimentos anti-apartheid. Na realidade, existem poucas diferenças entre as organizações. Creio que vamos assistir a alterações no interior do ANC. Para tomar o Poder, terá que mudar, em parte, a sua ideologia. O que a maior parte dos negros censura ao ANC, é a influência marxista branca. Não creio que o marxismo seduza os negros. A maior parte adopta, hoje, os valores das democracias ocidentais: liberdade de iniciativa, de associação, de expressão».

«Os escritores brancos vivem nos bairros chiques»

Um pequeno escritório modesto, mas cheio de livros, na Universidade de Witwatersrand. Es'kia (Ezekiel) Mphahlele regressa, como o faz periodicamente, ao departamento de literatura africana - o primeiro do género na África do Sul -, que criou, em 1983, antes de se reformar, em 1987.

Es'kia Mphahlele nasceu em 1919, em Marabastad, um bairro negro (que, depois, se tornou indiano) dos arredores de Pretória. O pai era estafeta de um fabricante de têxteis; a mãe trabalhava a dias. Aos cinco anos, a mãe colocou-o, assim como aos irmãos, em casa da avó, numa pequena aldeia no leste do país. Aos treze anos, voltou a viver com os pais, em Marabastad. Conta-nos a sua infância e a sua vida, até à partida para a Nigéria (em 1957), numa autobiografia intitulada «Down Second Avenue».

«Li e ensinei muita literatura inglesa. Mas, quando me tornei professor na Nigéria, descobri que tinha que aprender a literatura africana. A Nigéria deu-me África. A nossa cultura ainda é muito sólida, se bem que os negros estejam muito ocidentalizados no nosso país(...). Nós não escrevemos como os brancos. A nossa poesia é diferente. O ritmo é diferente. A intensidade dos sentimentos é diferente. Vivemos num ghetto. Os escritores brancos vivem nos bairros chiques».

«Apesar das vantagens apresentadas pelas línguas africanas, comunicamos em inglês. As reuniões públicas e sindicais são em inglês. Escrevemos os nossos comunicados, as nossas moções, em inglês, depois temos de os traduzir nas principais línguas africanas. E estas não têm palavras para os conceitos de liberdade ou de democracia».

«O papel do escritor é transmitir os acontecimentos, os sentimentos e as ideias através da ficção, da poesia, do teatro ou do ensaio. Na África do Sul, o escritor tem uma tarefa suplementar: descrever os sofrimentos dos oprimidos, ajudar o povo a compreender o sentido da sua opressão e sugerir-lhe os meios para se libertar».

«Dirijo-me aos leitores negros. Para isso, tenho que utilizar uma linguagem que possa ser entendida pela maioria. Escrevo num inglês especial, um inglês que aprendi na escola. Faço muitas traduções na minha cabeça. Escrevo em sesotho, mas, se ficasse por aí, só os sothos me poderiam ler. Penso em inglês e em sesotho. Desço ao fundo da alma para encontrar as imagens e o universo daqueles que falam a minha língua. Depois, reescrevo tudo numa língua pública, o inglês. Consigo inserir o meu vocabulário em certos limites. Tenho que simplificar os conceitos no meu espírito, para atingir os leitores de diversos níveis de alfabetização(...)».

Em 1966, todos os livros de Mphahlele foram proibidos ao abrigo da «Internal Security Act» (Lei da Segurança Interior). A adaptação em banda desenhada de «Down Second Avenue» foi censurada porque um dos seus personagens, um colega de escola do escritor, se tornara líder do Congresso Pan-Africano.

«É certo que o sistema estimula o escritor, mas tende a sufocá-lo, a obcecá-lo, ao ponto em que nada, salvo a opressão, existe. Esquece-se a ternura da vida. Esquece-se que as pessoas morrem, nascem, amam, odeiam. Esquece-se que a traição também existe. E, nesse sentido, o sistema paralisa o escritor. Também o paralisa ao tirar-lhe toda a segurança material. Já não se esceve bem, escreve-se sempre sob pressão».

Exclusivo «Le Monde»-DL
Tradução e adaptação de Isabel Joyce

NADINE: A CONSCIÊNCIA

Nascida em 1923, numa pequena cidade mineira, filha de um pai recentemente imigrado da Rússia e de mãe inglesa, Nadine Gordimer, romancista e novelista, milita, desde há muito, ao lado dos nacionalistas negros do ANC (Congresso Nacional Africano). A causa que defendeu, desde sempre, como escritora, obteve, há pouco, inesperado triunfo, com a libertação de Mandela e a legalização do movimento de libertação sul-africano. Esta vitória inicial da liberdade, no país do apartheid, representa, igualmente, sem dúvida, uma nova etapa na vida desta escritora, que sempre profetizou uma nova vida para o seu país.

O que não impede que o seu último romance - «Um capricho da Natureza» - coloque um problema de fundo: o da literatura «engagée», aparentemente ultrapassado no Ocidente, mas da maior actualidade em certas regiões do Mundo. Assim, nessa África do Sul em que nasceu - e em que, há muito, é considerada candidata ao Nobel -, Nadine Gordimer analisa a sociedade , submetida ao apartheid, através da tomada de consciência de un personagem feminina(num retrato de s própria) -, que vem a representar um empemhamento natural, agindo sobre a escritora quase contra a sua vontade, e tornando-a portadora espontânea de uma experiência colectiva.

«Entro num livro como numa batalha(...) e é sempre uma batalha de ideias. Gostaria que tivessem tanta intimidade e calor como o amor (...). Ser de esquerda, ser uma escritora comprometida na Europa, tem um sentido completamente diferente do que na África do Sul».

Entre a lenta formação de uma consciência social e a força de inércia da História, entre o passivo e a opção militante, devemos seguir o percurso de Nadine Gordimer, nas contradições do apartheid.

I.J.

Última confissão SAMUEL LANGHORNE CLEMENS

Samuel Langhorne Clemens nasceu no Missouri, EUA, a 30 de Novembro de 1835. Como toda a gente, conheci-o sob o pseudónimo de Mark Twain, quando, pela primeira vez, aí pelos meus 8 ou 9 anos, li as *Aventuras de Tom Sawyer*. Já não sei o que foi feito dessa velha edição da «Biblioteca dos Rapazes», organizada pela Portugália Editora. Lido e relido às escondidas — uma menina com bibes de renda não se deveria deliciar com os disparates de um maltrapilho americano — o livro acabou por perder a capa, da qual só guardo uma vaga recordação: a de um miúdo de chapéu de palha a olhar para um daqueles famosos barcos do Mississipi, com grandes rodas a chapinhar nas águas. Lembro-me bem, isso sim, da esfrangalhada presença de Tom Sawyer, muitos anos depois, ao lado dos grandes romances da minha adolescência, a *Guerra e a Paz*, o *Vermelho e o Negro*, *Os Maias*. Contudo nem Tolstoy, nem Stendhal, nem Eça de Queiroz conseguiram destronar Mark Twain.

Passou-se muito tempo antes que eu reencontrasse Tom Sawyer. Foi há uns seis ou sete anos que voltei às *Aventuras*, agora numa edição americana, da Signet. Só então, perante a alegria da redescoberta, me lancei na leitura da obra-prima de Twain, *The Adventures of Huckleberry Finn*. A partir de então, nunca mais esqueci este grande escritor americano.

Quer *Adventures of Tom Sawyer*, quer *The Adventures of Huckleberry Finn* se debruçam sobre a revolta de dois miúdos contra a sociedade. O primeiro é um hino à infância, enquanto o segundo, um livro mais sombrio, nos fala da irremediável solidão de um jovem marginal. Aparentemente semelhantes, as obras são muito diferentes. Em *Tom Sawyer*, a Natureza e a comunidade eram pólos harmónicos: tudo era banhado pela bondade da tia Polly, pela beleza infantil de Becky, pelas travessuras inocentes de Tom. A ilha Jackson, para onde os miúdos iam gozar a maravilhosa liberdade da floresta virgem, era um interlúdio, por detrás do qual se escondia o calor do lar. Cansados e sujos, os vadios regressavam sempre a casa, ao fim do dia; todas as aventuras terminavam bem. *Tom Sawyer* é o último olhar inocente de Twain sobre o seu Mississipi natal.

O clima muda radicalmente em *The Aventures of Huckleberry Finn*. A sua aldeia, Hannibal, é vista aqui a uma luz muito mais crua. Aparecem agora os grandes problemas da América pós-guerra civil: as pretensões de um mundo aristocrático em decadência, os limites da abolição legal da escravatura, o impacto do dinheiro numa sociedade patriarcal.

Ao contrário de Tom, Huch é um verdadeiro marginal. Órfão de mãe e com um pai que o espancava sempre que se embebedava, o que acontecia quase todos os dias, o miúdo tinha poucas opções. Mas, mesmo pobre e porco, gozava de uma invejável margem de autonomia. Para o melhor e para o pior, ninguém o obrigava a ir à escola, a frequentar a igreja, a usar uma linguagem apurada.

Poderia ter continuado assim pela vida fora. Mas, um dia, em conjunto com Tom, encontrou um tesouro escondido numa cave. A liberdade fundamental de que gozara desaparece nesse preciso momento. A partir de então, pelas mãos caridosas da viúva Douglas e da sua irmã, Miss Vatson, que se oferecem para salvar o jovem da nefasta influência paterna, Huck vai ser sujeito às delícias da civilização.

O romance começa com Huckleberry insatisfeito com a nova vida. A sua estadia em casa das duas boas senhoras demonstrara-lhe afinal quão odioso era o conforto da civilização burguesa. Na primeira página, os seus pensamentos são já de fuga: «The Widow Douglas, she tooke me for her son, and allowed she would sivilize me; but it was rough living in the house all the time, considering how dismal regular and decent the widow was in all her ways; and so when I couldn't stand it no longer, I lit out». No meio das suas hesitações, o pai ressuscita. Resolve-lhe logo os problemas, metendo-o, à força, num casebre, na mira de ficar com o dinheiro. Mas Huck consegue fugir. O mundo inocente de Tom Sawyer e dos seus amigos, que se entretinham a brincar aos assassinos nos intervalos das Sundays Schools, vai ficar para trás, tal como os conselhos pios das senhoras e o ríspido mundo do pai. A aventura, a verdadeira, ia começar, Mississipi abaixo.

Não seria uma viagem serena. Mesmo depois de encontrar o escravo Jim, como ele um foragido, o seu isolamento nunca é atenuado, nem sequer pelas delícias da Natureza. Twain não é Rousseau. No seu mundo, as florestas têm lobos, os pais espancam as crianças, as senhoras vendem os escravos por dinheiro. Existe, é verdade, a amizade, mas mesmo esta lhe cria problemas, pois o coloca perante o dilema que atravessa todo o romance. Quando, por fim, Huckleberry exclama, «All right then, I'll go to hell», o leitor sabe de que lado se encontra o Bem. Mas Huck não o sabia.

Publicado oito anos depois de *Tom Sawyer*, este livro exprime a inquietação crescente de Twain com o que estava a acontecer à sua América. No fundo, a obra faz parte da reacção romântica contra o racionalismo iluminista: é ainda fruto da revolta do instinto e do sentimento contra a civilização industrial e urbana. Embora Twain apreciasse os méritos do Progresso, tão visíveis no Norte, onde entretanto se instalara, sentia que qualquer coisa de fundamental, que fizera parte intrínseca da sua infância, estava a perder-se: o dinheiro estava a destruir alguns dos valores que ele tanto admirara. Como todos os escritores românticos, Twain sente a nostalgia de um tempo mítico, povoado por homens com sentimentos nobres. O grande valor que transparece em todos os seus escritos, e que me levou inconscientemente a admirá-lo ainda criança, é a independência, uma característica que ele considerava em risco na nova América.

Por detrás da sua veia satírica, por detrás da sua poderosa prosa, por detrás das suas finas observações, por detrás do seu espectacular humor, escondia-se um homem com opiniões fortemente heterodoxas. O objectivo fundamental de M. Twain, no alegre *Tom Sawyer* como no complexo *Hucleberry Finn*, é de natureza moral. Mas, quando esperávamos que, da sua revolta contra a Civilização, surgisse o Bom Selvagem, puro nos instintos e doce nos sentimentos, Twain surpreende-nos com uma das mais inolvidáveis galerias de retratos de primitivos, um conjunto de bêbados, assassinos e malandros, que ainda hoje nos horrorizam. A infância de Twain fora passada perto da fronteira clássica, numa aldeia onde, a metros de distância, se encontravam os grandes espaços jamais penetrados. Numa palavra, provinha de uma zona pouco dada a ilusões sobre a bondade da Natureza ou a inocência primordial dos homens.

Foi por isso que, ao rever recentemente o lindíssimo *Big Sky*, de H. Hawks, também ele centrado num rio, me recordei de Twain. Em ambas as obras se encontra essa alegria sentida por um punhado de homens, sem raízes nem passado, simultaneamente disponíveis para enfrentar os poderosos da terra e as grandes catástrofes naturais. No sereno filme de Hawks, banhado pela amizade entre Boone e Deakins, a inquietação é menor que em *The Adventures of Huckleberry Finn*; mas a Natureza é igualmente ameçadora e, não esqueçamos, Deakins terá de prosseguir a viagem sem Boone.

Já escrevi mais do que me foi pedido, mas não posso terminar sem prevenir que não é apenas pelo prazer de encontrar um homem livre que o convido a ler estes dois livros, em sequência. Mark Twain foi um grande escritor, alguém que criou uma linguagem nova, para poder falar de um país recente. Como depois diria TS Eliot, um compatriota, Twain foi capaz de «purificar o dialecto da tribo». No seu melhor e no seu pior, a cultura clássica americana, encontra-se nestes livros infelizmente inacessíveis da velha «Biblioteca dos Rapazes».

Maria Filomena Mónica

LIVRARIA LISIPO
Livros antigos • Gravuras
Compra e Venda
Deslocamo-nos a qualquer ponto do país
Lg. Trindade Coelho, 7
☎ 346 2771 - 37 35 60
1200 LISBOA